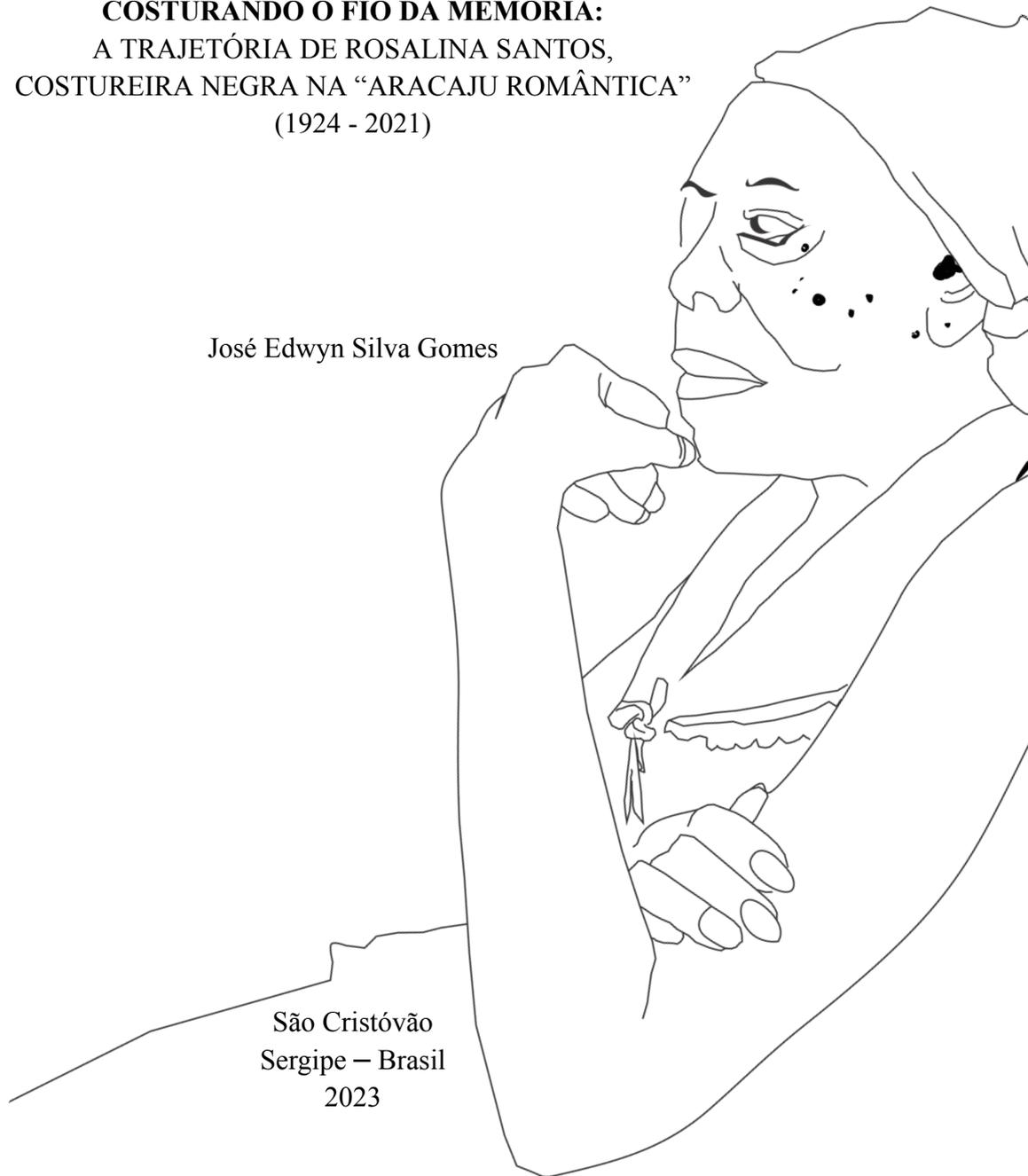


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**COSTURANDO O FIO DA MEMÓRIA:**  
A TRAJETÓRIA DE ROSALINA SANTOS,  
COSTUREIRA NEGRA NA “ARACAJU ROMÂNTICA”  
(1924 - 2021)

José Edwyn Silva Gomes

São Cristóvão  
Sergipe – Brasil  
2023



JOSÉ EDWYN SILVA GOMES

**COSTURANDO O FIO DA MEMÓRIA:  
A TRAJETÓRIA DE ROSALINA SANTOS,  
COSTUREIRA NEGRA NA “ARACAJU ROMÂNTICA”  
(1924 - 2021)**

José Edwyn Silva Gomes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para a obtenção de título de Mestre em História, na área de concentração Cultura e Sociedade. Linha de pesquisa: Cultura, Memória e Identidade.

Orientador: Prof. Dr. Petrônio José Domingues

SÃO CRISTÓVÃO  
SERGIPE – BRASIL

2023

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

G633c Gomes, José Edwyn Silva.  
Costurando o fio da memória: a trajetória de Rosalina Santos,  
costureira negra na “Aracaju romântica” (1924-2021) / José Edwyn  
Silva Gomes; orientador Petrônio José Domingues. - São  
Cristóvão, SE, 2023.  
146 f.

Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de  
Sergipe, 2023.

1. Famílias negras. 2. História oral. 3. Roupas - Confecção. 4.  
Genealogia. 5. Aracaju, SE – História. I. Domingues, Petrônio José,  
orient. II. Título.

CDU 930.2:008

JOSÉ EDWYN SILVA GOMES

**COSTURANDO O FIO DA MEMÓRIA:  
A TRAJETÓRIA DE ROSALINA SANTOS,  
COSTUREIRA NEGRA NA “ARACAJU ROMÂNTICA”  
(1924 - 2021)**

José Edwyn Silva Gomes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para a obtenção de título de Mestre em História, na área de concentração Cultura e Sociedade. Linha de pesquisa: Cultura, Memória e Identidade.

Orientador: Prof. Dr. Petrônio José Domingues

Aprovada em 30 de Agosto de 2023.

Augusto da Silva  
Secretário *ad hoc* do PROHIS

Prof. Dr. Petrônio José Domingues  
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dra. Mariana Bracks Fonseca  
Examinadora Interna

Prof. Dr. José Bento Rosa da Silva  
Examinador Externo

José Edwyn Silva Gomes  
José Edwyn Silva Gomes  
Mestrando

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA-PROHIS



1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44

Ata de Defesa da Dissertação de  
Mestrado do aluno JOSÉ EDWYN  
SILVA GOMES em 30 de agosto de  
2023.

Aos trinta dias do mês de agosto de dois mil e vinte e três, às quatorze horas, realizou-se, no auditório do Departamento de História, a sessão de defesa de Dissertação: **COSTURANDO O FIO DA MEMÓRIA: A TRAJETÓRIA DE ROSALINA SANTOS, COSTUREIRA NEGRA NA “ARACAJU ROMÂNTICA”(1924 – 2021)** apresentada pelo aluno **JOSÉ EDWYN SILVA GOMES**, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de **MESTRE EM HISTÓRIA**, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Augusto da Silva, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe. A Banca Examinadora foi composta pelo Prof. Dr. Petrônio José Domingues (PROHIS/UFS), orientador do candidato e Presidente da Banca Examinadora, Profa. Dra. Mariana Bracks Fonseca (PROHIS/UFS), Examinadora Interna, e Prof. Dr. José Bento Rosa da Silva (UFPE), Examinador Externo. Declarada aberta a sessão, o Presidente concedeu a palavra ao candidato para que fizesse a apresentação de sua Dissertação. Ao término da apresentação, o presidente passou a palavra aos membros da Banca Examinadora que iniciaram a arguição. Ao término de cada arguição, o Presidente da Banca Examinadora concedeu a palavra ao candidato para que respondesse a arguição feita pelos membros da Banca Examinadora. Encerrados os trabalhos de arguição, o Senhor Presidente, juntamente com os membros da Banca Examinadora e na ausência do candidato, deu início à avaliação e redação do parecer final, tendo sido atribuída ao candidato a seguinte menção: (X) APROVADO ou ( ) REPROVADO. Em seguida, a banca emitiu um breve parecer sobre a avaliação geral do trabalho do aluno **JOSÉ EDWYN SILVA GOMES**, a saber: *A PESQUISA SE DISTINGUE PELA METODOLOGIA (CONZAMENTO*

*NOMINATIVO), PELA ABORDAGEM, PELA RIQUEZA DAS FONTES COLIGIDAS, PELA NARRATIVA E PELA SENSIBILIDADE INTERPRETATIVA. EM FUNÇÃO DE TODAS ESSAS QUALIDADES, A BANCA A APROVA COM LOUVOR E A INDICA PARA PUBLICAÇÃO.*

O Presidente da banca examinadora proclamou o resultado ao candidato **JOSÉ EDWYN SILVA GOMES, MESTRE EM HISTÓRIA**. Não havendo mais nada, o Presidente encerrou a sessão, cujos trabalhos são objetos desta ata, lavrada por mim, Augusto da Silva, secretário *ad hoc* do PROHIS, a qual assino juntamente com os membros da Banca Examinadora. Cidade Universitária “Prof. José Aloísio de Campos”, 30 de agosto de 2023.

Dedico à “co-autora” dessa pesquisa,  
à minha querida e inesquecível prima Rosalina Santos.  
(*in memoriam*)

Aos meus avós paternos: Ana Maria dos Anjos  
e José Gomes dos Santos (*in memoriam*).  
Aos meus avós maternos: Maria Izabel da Conceição  
e Antônio da Silva (*in memoriam*).

Aos que bem antes de mim já haviam  
sonhado com essa pesquisa.

*fun awon gbogbo oku ara ile mi.*

## AGRADECIMENTOS

*Olódùmarè* (pronúncia: olôdumare) Deus, Senhor Supremo - Agradeço por ter me concedido a oportunidade de conhecer Rosalina Santos, sentir um sentimento tão lindo e tão forte crescer aqui dentro de mim, o amor. A cada visita, a cada entrevista retornava para casa me sentindo mais pesado. Não o peso negativo das tristezas do passado, mas um peso próprio do conhecimento e das reflexões, os ensinamentos sobre a vida, sobre a morte e as memórias das nossas famílias que me faziam pisar no chão com mais certeza, com mais firmeza.

De um lado a responsabilidade, o cajado da memória de quase duzentos anos da nossa família, conversas gravadas no meu celular e o medo de ser assaltado no percurso de ônibus até minha casa. Do outro lado, a certeza de que a morte dela se aproximava e de que era inevitável viajar nesse rio cujo percurso não sabemos mas que o encontro com o mar é certo. A cada encontro, uma despedida, um abraço, um beijo na testa, um “eu te amo”.

Apesar dessa ausência física, sinto a sua presença, como uma bússola, uma guia. A cada fonte histórica localizada, a cada informação que cruza com as histórias que só ela sabia. Tive muita sorte de conhecê-la mesmo que aos “quarenta e cinco do segundo tempo”. Nosso encontro, o encontro de duas gerações, quase impossível de ser imaginado mas com certeza planejado pelos nossos ancestrais.

Agradeço ao Prof. Dr. Luiz Mott que em 2016 gentilmente compartilhou alguns de seus trabalhos na intenção de me ajudar quando eu nem imaginava que aquele “hobbie” se tornaria uma pesquisa científica. Ao Prof. Dr. Samuel Albuquerque que me recebeu no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e que gentilmente me presenteou três livros sobre a História de Sergipe. Ao Prof. Dr. José Genivaldo Martires, meu irmão de axé que gentilmente me recebeu em sua casa e me emprestou livros importantes para essa pesquisa.

Agradeço ao Prof. Dr. Igor Fonseca que me recebeu em sua casa e que me concedeu fotos de fontes do Arquivo Municipal de Divina Pastora (AMDP) e emprestou livros necessários para essa empreitada. Agradeço ao Prof. Dr. Wanderlei Menezes por transferir parte do seu acervo do *familysearch* e pela oficina de paleografia. Também agradeço ao João Vieira Matos Neto do Núcleo de Pesquisa Histórica e Jurídica do Arquivo Geral do Judiciário do Estado de Sergipe, por me ajudar a localizar as fontes e por me receber de forma gentil, por tornar o espaço da consulta um lugar mais vivo e descontraído.

Aos *malungos* - Maria da Conceição, Hiago Feitosa e Nathaly Silva por prestarem apoio nos momentos difíceis e serem verdadeiros presentes nos momentos mais especiais.

Muito obrigado por toda ajuda, por cada conversa, por cada momento nessa travessia, nesse grande mar entre graduação e pós-graduação, em especial à Nathaly que tem minha amizade desde o ensino médio, quando entusiasmado partilhava as primeiras descobertas dessa pesquisa. Aos amigos e a todos aqueles que me deram apoio, em especial à irmã de axé e Professora Priscila Rodrigues por me incentivar a concorrer ao mestrado. Oxalá lhe abençoe minha irmã!

Ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI/UFS) e em especial aos professores Dr. Tereza Cristina Santos Martins e ao Prof. Dr. Roberto Lacerda pelo “Curso Preparatório para Seleção da Pós-Graduação”, cujas aulas me auxiliaram na elaboração do projeto e conseqüentemente no meu ingresso neste Programa de Pós-Graduação em História (PROHIS). Agradeço à amiga Rafaela Silva, hoje Mestre em Serviço Social, minha colega na primeira turma do curso preparatório e *malunga* de terreiro e de samba.

A todos os meus familiares, em especial - os primos José Roberto dos Santos, Maria da Glória Santos Alves, Rita Maria dos Santos, Francisco dos Santos, Daniele dos Santos Garrido, Maria Alice dos Santos, Joselita Araujo Salles, Iracema Solange Gomes Barbosa, Nilza Gomes da Silva Leitão, Samuel Costa Gomes; minhas tias Valdelice Maria Gomes e Maria Silva Gomes e os meus tios Samuel Mário Gomes e Valdson Mário Gomes.

Agradeço em especial a comadre da minha avó, a “dindinha” de toda família, a centenária Maria de Lourdes dos Santos (irmã de Severo D’Acelino), de quem guardo boas lembranças de infância no seu quintal no Bairro Suíssa e pelas entrevistas concedidas, regadas de muito carinho e respeito recíproco. Te amo muito dindinha Lourdes!

Ao meu pai Adelson Mário Gomes, de quem recebi esse legado ancestral. Meu “espelho-prisma” por onde enxergo meu avô José Gomes dos Santos, o meu bisavô Samuel José dos Santos e tenho a certeza de quem sou, de onde vim e para onde vou. Agradeço ao meu padrasto Genário e a minha mãe Maria de Lourdes Silva por todo apoio. Obrigado mãe por ser meu exemplo de melhor pessoa nessa existência, pelo cuidado comigo e com todos, por nunca nos deixar faltar nada. Quero brindar muitas conquistas, render-lhe as mais lindas homenagens.

Agradeço à minha noiva Roberta Adriana Mutamba Santos, com quem partilho sonhos, alegrias e tantos outros sentimentos. Muito obrigado pelo apoio, compreensão e companheirismo, por me ouvir tão bem e me aconselhar sempre. Dedico este trabalho aos meus irmãos Evelyn, Marcos Vinícius, Anna Rafaella e Lucas Guilherme. Aos meus compadres Jonhny, Michelle e a minha afilhada Luna Maria. Que este trabalho os inspire na conquista e realização dos seus sonhos. Aos meus. Aos que estão por vir.

Ao bàbálàṣẹ Juracy Júnior e aos “irmãos-de-santo” do *Ilé Àṣẹ Alaroke*, em especial ao meu *Dofono* Odeilzo e meu *Dofonitinho* Múcio. Ao meu “filho-pequeno” Levi. Neste ano completo 10 anos de Alarokê - local onde recebi recado ancestral e onde meus orixás aceitaram a iniciação, fui consagrado a *Ósanyìn*.

Pelas orientações e pela parceria, agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Petrônio Domingues, assim como agradeço a Prof.<sup>a</sup> Dra. Camila Avelino, ao Prof. Dr. José Bento Rosa da Silva e à Prof.<sup>a</sup> Dra. Mariana Bracks Fonseca, que gentilmente aceitaram fazer parte desta banca examinadora e que contribuíram para o aperfeiçoamento deste trabalho.

Agradeço ao Grupo de Estudos e Pesquisa de História da África e Diáspora Africana (ANANSE.GEPHADA), em especial às Professoras Doutoras Yérsia Assis e Mariana Bracks por me convidarem para o projeto “Kizomba dos Saberes” como bolsista-mestrando e me proporcionarem experiências incríveis. Vocês são exemplos grandiosos para jovens historiadores como eu. Que os orixás e todos ancestrais abençoem a vida de cada uma de vocês.

Louvo, honro e agradeço *Orí mi* (minha cabeça) que se manteve firme mesmo diante do caos, diante daqueles que tentaram instalar desequilíbrio. Num contexto de tantas mortes ocasionadas pela pandemia de COVID-19 e os vários casos de racismo - é preciso reconhecer e agradecer a intuição que me livrou e me levou a percorrer caminhos, prosperar de forma digna e acessar o que eu julgava ser impossível. *Orí o! Àṣẹ! Mo dúpẹ o!* (eu agradeço).

## RESUMO

Nos areais da “Aracaju Romântica dos anos 1940 e 1950” histórias de mulheres e homens negros se desenrolaram, verdadeiras tramas foram protagonizadas por estes sujeitos até então “excluídos da história”. Apresentamos uma análise da trajetória de vida de Rosalina Santos, costureira das “madames” brancas da capital, neta de ex-escravizados. Rosalina Santos nasceu em Divina Pastora/SE em 1924 e se destacou como costureira ou “modista” da dita “alta sociedade aracajuana”. Apresentamos aspectos do seu cotidiano, identificando nas suas memórias a importância da família, principalmente da sua madrinha na sua formação, a permanência da mentalidade escravista e o racismo presente nas relações de trabalho. Quais foram os efeitos do racismo cotidiano na sua trajetória? Como foi possível tornar-se costureira dessa clientela? Quais eram as condições de trabalho para mulheres negras nesse período? Quais foram as suas estratégias? Por fim, o que restou da África nas suas memórias?

Palavras-Chave: Famílias negras; História Oral; Pós-abolição; Africanidades.

## **ABSTRACT**

In the sands of “Romantic Aracaju of the 1940s and 1950s” stories of black women and men unfolded, real plots were played out by these subjects until then “excluded from history”. We present an analysis of the life trajectory of Rosalina Santos, a seamstress for the white “madams” in the capital, granddaughter of former slaves. Rosalina Santos was born in Divina Pastora/SE in 1924 and stood out as a seamstress or “fashionist” of the so-called “high society of Aracaju”. We present aspects of her daily life, identifying in her memories the importance of the family, especially her godmother in her upbringing, the permanence of the slave mentality and the racism present in labor relations. What were the effects of everyday racism on her trajectory? How was it possible to become a seamstress for this clientele? What were the working conditions for black women in that period? What were your strategies? Finally, what was left of Africa in her memories?

Key words: Black families; Oral History; Post-abolition; Africanities.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

AGJES - Arquivo Geral do Judiciário do Estado de Sergipe

AMDP - Arquivo Municipal de Divina Pastora

APES - Arquivo Público do Estado de Sergipe

B.C - Batalhão de Caçadores

IHGSE - Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

LMC - Loja Maçônica Cotinguiba

LSCA - Liga Sergipense Contra o Analfabetismo

SLFA - Serviços de Luz e Força de Aracaju

PROHIS - Programa de Pós Graduação em História

UFS - Universidade Federal de Sergipe

## ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 01. Edwyn Gomes (18 anos) e Rosalina Santos (91 anos).....	18
Figura 02. Simiana Maria do Sacramento, avó de Rosalina Santos.....	40
Figura 03. Adelaide, nascida em 1878.....	58
Figura 04. Das friden Christi , s.d.....	59
Figura 05. Casa no cruzamento das ruas Santa Luzia e Socorro, Bairro São José.....	59
Figura 06. Vista aérea do Ginásio Patrocínio de São José em 1940.....	60
Figura 07. Rufina Souza e Rosalina Santos, por volta de 1929.....	73
Figura 08. Rosalina Santos e o sobrinho da sua madrinha, o pequeno Hélio.....	75
Figura 09. Avenida João Ribeiro, Bairro Santo Antônio na década de 1930.....	76
Figura 10. Vista da Praça Pereira Lobo, Centro de Aracaju.....	81
Figura 11. Prédio do Grupo Escolar General Valladão, 1931.....	82
Figura 12. Fotografia de busto de Rufina de Souza, aos 15 de março de 1944.....	85
Figura 13. Maria de Lourdes Santos, s.d.....	88
Figura 13. José Antero dos Santos, 1944.....	90
Figura 14. José Antero dos Santos e Maria de Lourdes dos Santos Set. 2007.....	91
Figura 15. Rosalina Santos em 1948 e Ermita Maria da Conceição, s.d.....	94
Figura 16. Retrato de busto de Agripina aos 93 anos.....	100
Figura 17. Foto do frontispício da casa de Rosalina Santos. 15 de Jul. 2017.....	102
Figura 18. Planta da casa de Rosalina Santos.....	103
Figura 19. Fotografia de busto de Rosalina Santos.....	105
Figura 20. Fotografia da máquina de costura de Rosalina Santos.....	113
Figura 21. Diploma de Erita Maria da Conceição, década de 1950.....	114
Figura 22. Foto de Ermita Maria da Conceição na cozinha , s.d.....	124
Figura 23. Composição Genética de Rosalina Santos.....	129
Figura 24. Rosalina Santos e o pesquisador Edwyn Gomes.....	131
Figura 25. Rosalina Santos na sala da sua casa, durante uma entrevista em 2015.....	132

## ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 01. Vale do Cotinguiba, cidades e vilas sergipanas no século XIX.....	36
Mapa 02. Localização dos engenhos Limeira, Salobro, Lyra, Mouco, Sapé e Vassouras.....	44
Mapa 03. Planta da cidade de Aracaju, 1933.....	57
Mapa 04. Locais onde residiram na periferia.....	95

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro genealógico 1. Síntese da nossa árvore ancestral paterna.....	43
Quadro 1. Registros de batismo localizados de filhos de Simiana.....	45
Quadro genealógico 2. Síntese da nossa árvore genealógica.....	52
Quadro 2. Registros de batismo localizados dos filhos de Henriqueta e Manoel.....	54

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1 - FAMÍLIAS NEGRAS EM SERGIPE: GENEALOGIAS, ESCRAVIDÃO E LIBERDADE (1825-1924).....	31
1.1 Família paterna: os avós Simiana e Tibúrcio.....	37
1.2 Família materna: “A história começa por Vovó Brígida”.....	49
1.3 Conclusão.....	60
2 - SABERES, SABORES E PASSEIOS: INFÂNCIAS NEGRAS NO PÓS-ABOLIÇÃO EM SERGIPE.....	62
2.1 Entre Divina Pastora e Aracaju: As Memórias da Infância.....	67
2.2 Infância e Educação na Era Vargas.....	78
2.3 Conclusão.....	82
3 - COSTURANDO NA “ARACAJU ROMÂNTICA” : TRABALHO, GUERRA, RACISMO E LAZER.....	84
3.1 Vivendo na margem: periferia de Aracaju nos anos 1940 e 1950.....	93
3.1 Entre Bailes, Cinema e Retretas – trabalho e lazer na “Aracaju Romântica”.....	115
3.3 Conclusão.....	120
4 - A MEMÓRIA DA ÁFRICA: MEMÓRIA, CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E AFRICANIDADES.....	122
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
FONTES.....	135
BIBLIOGRAFIA.....	138



## INTRODUÇÃO

Já não havia mais nenhum relato do passado, eram cada vez mais vagas as lembranças sobre nossas famílias. Agora estimulávamos a memória dela, cantávamos, mas nada. Ela já não conseguia lembrar com a mesma facilidade de alguns anos atrás. Parecia até uma daquelas cenas do filme “*Viva: A vida é uma festa*”, quando o pequeno Miguel tenta estimular a memória da sua bisavó para que seu trisavô Héctor não seja esquecido do mundo dos mortos.<sup>1</sup>

Após 07 anos de entrevistas, amizade, amor e respeito naquele momento percebi que estava nas minhas mãos o fio da memória da nossa família, Rosalina Santos estava com quase 97 anos em 2021, com diabetes e uma retenção de líquidos nas pernas, talvez reflexo dos anos de trabalho pedalando na máquina de costura, estava ficando cada vez mais fraca e ela sabia que a morte se aproximava.

Anos antes de sua partida ela já me avisava : “aproveite enquanto eu falo, se amanhã ou depois eu parar de falar vai ser um pouco mais difícil”, enquanto dava aquela risada. Nos últimos anos ela passou a morar com sua cunhada, “prima de fogueira” e contou com os cuidados da sua afilhada Maria Alice.<sup>2</sup>

Sentado e reflexivo na varanda da casa da minha avó, chorei quando percebi que o cajado e toda responsabilidade estava comigo. Ali me senti só. Aos poucos fui percebendo que tinha o apoio de muitos homens e mulheres, dentre vivos e mortos, que já haviam sonhado com essa pesquisa bem antes de mim.

Certa manhã enquanto cantava uma daquelas cantigas que ela tanto se animava : “quebra, quebra guabiraba, quero ver quebrar, quebra lá que eu quebro cá, sete e sete são quatorze, com mais sete, vinte e um”, recebi uma ligação com a notícia. No primeiro de Julho de 2021 não houve uma despedida, embora cada encontro fosse uma. Naquela manhã Rosalina havia partido ao encontro de nossos ancestrais.

Essa escrita surge da necessidade de transformar esse único “fio da memória”, numa grande colcha de retalho que possa nos aquecer, que possa servir aos contemporâneos, mas principalmente aos que estão por vir. A princípio não era do meu interesse desenvolver uma pesquisa científica, com aportes e arcabouço teórico metodológico, nem mesmo sabia da missão que estava diante de mim.

---

<sup>1</sup> Viva! A vida é uma festa. Direção de Lee Unkrich. Estados Unidos da América: Disney Pixar, 2017. 1 DVD (105 min.), son., color.

<sup>2</sup> No capítulo “Saberes, Sabores e Passeios: Infâncias negras no Pós Abolição em Sergipe”, há explicação sobre o que é ser “prima(o) de fogueira”.

Talvez isso tenha feito alguma diferença, escutei meu coração, me deixei ser guiado, senti que deveria fazer tudo que fiz e de forma quase espontânea consegui reunir tantas informações tão valiosas.

Ancestralidade: “Particularidade ou estado do que é ancestral(...). O que se recebeu das gerações anteriores; hereditariedade”.<sup>3</sup> Você pode estar se perguntando, mas como isso começou? Tudo só foi possível porque no verão de 2014 recebi um recado através de uma consulta oracular no terreiro que sou adepto desde 2013.

Através do oráculo com *obí* (noz-de-cola) o orixá Òṣàgiyán<sup>4</sup> (lê-se o.xa.gui.an) alertava para a ancestralidade. Embora o sacerdote tenha afirmado que tal recado era devido a existência de algum ancestral *abiàṣẹ*<sup>5</sup>, não me conformei com aquela resposta. Curioso e inquieto, passei a investigar e montar uma árvore genealógica com a ajuda de meus tios e tias.

Logo me perguntei: como seria possível um ancestral iniciado ao culto de orixá se nossa família era majoritariamente protestante? Ao longo do tempo passei a compreender que aquele recado não necessariamente apontava para a existência de um ancestral *abiàṣẹ*, mas para a possibilidade de acessar a enorme riqueza de informações, de histórias, de marcas e vestígios da nossa origem em África quase apagada pelo tempo como pegadas na areia.

É importante destacar que isso também é fruto dos movimentos negros, da lei 10.639/03, daquela palestra de Severo D’Acelino na minha escola lá pelos idos de 2008, quando então passei a me entender como sujeito negro. Reflexo não só da lei que determina o Ensino de História africana e afro-brasileira, a mudança ocorrida no currículo da graduação em História, como também efeito da Lei de Cotas 12.711/2012 que permitiu maior acesso de negros e negras nas universidades públicas.

Mas foi em 2014, ano que recebemos a visita de uma prima mais velha chamada Brígida Lêda e no seu último dia de viagem em Aracaju, reunimos parte da parentela para almoçar, até que no final da tarde tive a ideia de perguntar e anotar os nomes dos familiares mais velhos da nossa família. Não poderíamos imaginar que dali há poucos meses nossa prima Brígida faleceria no Rio de Janeiro e que aquela era a última visita, a sua despedida.

Insatisfeito com o que tinha até então, perguntei à minha tia Valdelice quem poderia me conceder mais informações. Haveria alguém mais velho na nossa família?

<sup>3</sup> <https://www.dicio.com.br/ancestralidade/> (acesso em 25/09/2021)

<sup>4</sup> Título do rei fundador da cidade de Ejigbô, na Nigéria. Akinjole também conhecido como Òṣàgiyán, ou seja, “orixá comedor de inhame pilado”, é no Brasil conhecido como “oxalá novo”, um orixá jovem, guerreiro, relacionado à cor branca.

<sup>5</sup> Nos candomblés, diz-se daqueles que durante a gestação passaram por rituais no candomblé e nasceram com axé.(ABI+ÀṢẸ) Abi: aquele que possui. Àṣẹ: força, poder, o elemento que estrutura uma sociedade, lei, ordem. ver BENISTE, José. Dicionário yorubá-português. - 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. 820p.

Fui surpreendido quando informado da existência de uma prima de terceiro grau chamada Rosalina Santos, prima do meu avô José Gomes dos Santos que residia na Rua Nossa Sr<sup>a</sup> das Dores, 124, Bairro Cirurgia. Era dezembro de 2014 quando subimos as ladeiras daquele bairro negro, situado atualmente na região central de Aracaju, mas que anos atrás serviu de abrigo para muitas famílias pobres migradas do interior.

Ao chegarmos lá bati palmas e observei uma lenta movimentação por detrás das persianas, eu sabia que estava sendo espreitado mas mesmo assim me apresentei: “sou eu, Dudu! Filho de Adelson, neto de Zé Gomes e bisneto de Samuel”. Foi como uma espécie de “palavra mágica” ou chave que Rosalina aos 90 anos de idade, lentamente abriu aquela porta, me reconheceu e assim nos vimos pela primeira vez.

Eu tinha 17 anos e cursava o 2º ano do Ensino Médio, passei a visitá-la sempre que possível e com sua autorização gravava nossos longos papos ancestrais. A princípio sem nenhum método em História Oral, realizei entre 2015 e 2021 aproximadamente 40 horas de entrevistas, quase todas livres, sem a rigidez de perguntas previamente planejadas.

**Figura 01.** Edwyn Gomes (18 anos) e Rosalina Santos (91 anos).  
25 de Dez. 2015. Fonte: Acervo pessoal.



Com meu ingresso no curso de História em 2016 e mais intensamente na disciplina de História da Cultura Afro-brasileira ministrada pelo Prof. Dr. Carlos Franco Liberato Sousa, passei a compreender a grandiosidade do material que vinha levantando, quando escrevi pela

primeira vez sobre minha tia-avó Antonina Gomes dos Santos, sujeita do meu trabalho de conclusão de curso orientado pelo Prof. Dr. Petrônio José Domingues.<sup>6</sup>

Tive acesso ao sítio *FamilySearch*, no qual pacientemente localizei registros de Batismos, Óbitos e Matrimônios de alguns de nossos familiares. Localizei fontes no Arquivo Geral do Judiciário do Estado de Sergipe, como também digitalizei documentos pessoais de Rosalina Santos e outros familiares. Cada peça encontrada desse grande “quebra-cabeça” era motivo de alegrias. Entre os registros de batismos de Estância (1834-1849) e Divina Pastora (1837-1928), foram cerca de 2.365 imagens analisadas, cerca de 4.730 páginas.

Entre 2014 e 2021 digitalizei e cataloguei alguns acervos fotográficos de familiares espalhados entre Aracaju, Salvador e Rio de Janeiro. Passei a identificar os rostos daqueles homens e mulheres desconhecidos por muitos da minha geração e até mesmo pela geração do meu pai. As entrevistas orais realizadas me permitiram elaborar nossa “genealogia”, nossas linhagens, remontando quase duzentos anos.

Conheci Rosalina Santos “nos quarenta e cinco do segundo tempo” mas pude aproveitar muito bem cada momento ao lado da então detentora da nossa história quase esquecida, das histórias passadas por gerações, dos avós, para os pais, dos pais para ela.

Não sabia que o que eu fazia era um método - através do método nominativo identifiquei os nomes que surgiam nas entrevistas com Rosalina Santos e com sua ajuda montamos nossa árvore ancestral, com a qual foi possível cruzar com as documentações, com as ditas “fontes primárias” encontradas ao longo dos anos.

Surgiram então informações esquecidas - datas de nascimento, de batismos, idades, padrinhos e madrinhas, pude até mesmo completar nossa árvore com nomes que ela não sabia. A mãe de Rosalina era prima da minha bisavó; o pai era irmão do meu bisavô, isso me permitiu aprofundar nas nossas duas raízes em comum.

Vale destacar que muito antes de mim outros familiares procuraram diversas formas para registrar nossas genealogias, de lembrar nossas histórias, aliás, realizaram em 2011 o primeiro “Encontro dos descendentes de Elias e Gerondina”, expressão desse desejo coletivo em reunir os ramos/núcleos e manter viva as nossas raízes.

Entretanto, o que aqui costuro não tem precedente. Mesmo no Programa de Pós-Graduação em História, esse trabalho inaugura um tema ainda inexplorado: genealogias negras em Sergipe.

---

<sup>6</sup> Monografia adaptada e publicada como capítulo 07 do livro “Do Cativo à Cidadania”, ver GOMES, J. E. S. Antonina Gomes: de neta de escravizados à cidadania negra (1910-1971). In: DOMINGUES, Petrônio. (org.). Do Cativo à Cidadania: o pós-abolição em Sergipe [recurso eletrônico] - São Cristóvão, SE : Editora UFS, 2022.

Por um longo período as produções historiográficas realizadas muitas vezes por memorialistas ou cronistas, por exemplo, apenas abordavam o negro enquanto mão de obra escrava, como objeto passivo, sexualizado, prezando principalmente por descrições físicas. Esses trabalhos foram embebidos de “racismo científico” e procuraram justificar a “inferioridade racial” do negro através da ciência, responsáveis pela criação de diversos estereótipos que persistem no imaginário da sociedade.

Em *Casa Grande & Senzala* obra do escritor pernambucano Gilberto Freyre, levando em conta o contexto em que escreveu, Freyre apresentou avanços importantes em relação aos postulados do dito racismo científico, porém ao realizar suas interpretações sobre as relações raciais, defendeu que o Brasil foi o “ambiente ideal para a mistura racial” e da “tolerância entre raças”, dando origem à ideologia da “democracia racial”, bem como foi responsável por repercutir a ideia de que no Brasil a escravidão se apresentou de forma “branda” e “harmoniosa”.

Com base na abordagem “antropológica e cultural”, Freyre fez descrições físicas, comportamentais e culturais. O autor foi crítico do determinismo geográfico que considerava o clima tropical como determinante da cultura e caráter dos brasileiros. Freyre não chegou a negar a existência de famílias escravas, contudo, segundo ele, os *escravos* foram submetidos às determinações e projetos orquestrados pelo patriarca, figura central na sua escrita. Como parte do interesse econômico do senhor, os *escravos* seriam estimulados à “depravação” para que as *escravas* reproduzissem mais mão de obra. Para ele o negro foi “patogênico” mas em decorrência de um sistema criado pelos brancos.<sup>7</sup>

Até então não haviam estudos sobre o negro para além da escravidão, era como se o negro tivesse sumido após a assinatura da Lei Áurea (1888). No contexto dos anos 1940 e 1950, período marcado pelas tensões raciais como o *Apartheid* na África do Sul e as *Jim Crow Laws* nos Estados Unidos, a UNESCO financiou sociólogos como Florestan Fernandes para estudarem as relações raciais no Brasil. A partir da década de 1950 com a chamada Escola Paulista de Sociologia, dentre outros, o sociólogo Florestan Fernandes, que “fundou” tal escola, liderou estudos empenhando críticas às ideias de Freyre.

Em *A integração do negro na sociedade de classes*, a partir de uma abordagem marxista, Florestan Fernandes denunciou a violência do sistema escravagista, como também apontou o privilégio da mão de obra livre e imigrante em São Paulo, em detrimento da mão de obra negra:

---

<sup>7</sup> consultar Gilberto Freyre, *Casa-grande & senzala: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. - 48ª ed. rev. - São Paulo: Global, 2003.

Enquanto o branco da camada dominante conseguia proteger e até melhorar sua posição na estrutura de poder econômico, social e político da cidade e enquanto o imigrante trocava sucessivamente de ocupações, de áreas de especialização econômica e de posições estratégicas para a conquista de riquezas, de prestígio social e de poder, o negro e o mulato tinham de disputar eternamente as oportunidades residuais com os componentes marginais de sistema - com os que “não serviam para outra coisa” ou com os que “estavam começando bem por baixo”.<sup>8</sup>

Apesar de ter refutado ideias freyrianas como a ideia de sistema escravista “brando”, denunciando as desigualdades, as violências, Fernandes afirmou que o negro vivia em estado de “irracionalidade”, herança negativa da experiência da escravidão que o incapacitou. Descrevendo um quadro “patológico” do negro, Fernandes utilizou o conceito de Durkheim para explicar esse estado “anômico” ou “alienado” que se encontrava o negro brasileiro.

Para Fernandes, a escravidão teria sido responsável pela destruição da família, fato que explicaria a escassez de laços familiares duradouros e por sua vez a falta de compromissos, de moral e entre outros fatores a suposta incapacidade do negro de competir com o branco, em especial com o imigrante. Através do conceito de “disnomia social”, Florestan Fernandes procurou atestar a falta de harmonia entre os valores da sociedade de classes dominante e as condições de vida entre a população marginalizada.

Para o autor, o medo da “rebelião negra” e a conseqüente rigidez do sistema escravista teriam impedido sociabilidades, formação de laços de solidariedade entre os escravizados e libertos. “O efeito de tudo isso foi que o negro e o mulato emergiram do mundo servil sem formas sociais para ordenar socialmente a sua vida e para se integrar, normalmente, na ordem social vigente”.<sup>9</sup>

Em Sergipe alguns trabalhos tiveram influência Freyriana nas suas abordagens, como Orlando Dantas e Felte Bezerra, por exemplo. Dantas afirmou que “sendo o negro uma coisa e não uma pessoa humana, os sentimentos humanos do senhorio eram encobertos pela distância das casas, suficiente para conter os ímpetos de revolta”.<sup>10</sup>

Já Felte Bezerra, defendendo a ideia de “escravidão branda” assinala que “aqui não houve, portanto, clima para o desenvolvimento de doutrinas, que em outras terras estigmatizaram o *homo afer*”.<sup>11</sup> Ou seja, além de afirmar o “negro” como sinônimo de

---

<sup>8</sup> Florestan Fernandes, *A integração do negro na sociedade de classes: (o legado da “raça branca”)*, volume 1. Prefácio Antônio Sérgio Alfredo Guimarães - 3. ed. - São Paulo: Globo, 2008. p. 42

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 74.

<sup>10</sup> Orlando Vieira Dantas, *Vida patriarcal de Sergipe*. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p.37.

<sup>11</sup> Felte Bezerra, *Êtnias Sergipanas: contribuições ao seu estudo*. Aracaju: J. Andrade, (coleção de estudos sergipanos), 1984.p. 111.

“escravo”, ambos procuraram defender a ideia de “escravidão branda” nas terras sergipanas, o que justificava a relação harmônica que houve entre os libertos e os ex-senhores pós abolição.

Outros seguiram as proposições de Florestan Fernandes e a Escola Paulista de Sociologia. Autores como Ariosvaldo Figueiredo<sup>12</sup> e a professora Maria Nely Santos, não somente denunciando a violência empregada nos tempos do cativeiro como também atestando a “incapacidade” dos *escravos*.

Em *A sociedade libertadora “Cabana do Pai Thomaz”, Francisco José Alves, uma história de vida e outras histórias*, Maria Nely Santos traz à tona a questão do movimento abolicionista em Sergipe e o protagonismo do abolicionista Francisco José Alves, considerado “redentor dos cativos”.<sup>13</sup>

Além de identificar redes de solidariedade, a mobilidade, a resistência escrava através das revoltas, suicídios e outras ações utilizando os jornais do final do século XIX como fonte, com base nas ideias da Escola Paulista de Sociologia, a autora defendeu a ideia de que os negros estavam “perdidos uns para os outros”, ou que suas ações não eram “suficientes” para debelar o sistema escravista.<sup>14</sup>

Para esse trabalho, seguimos um outro caminho aberto por pesquisadores como Sharyse Piroupo do Amaral,<sup>15</sup> Joceneide Cunha dos Santos<sup>16</sup>, Igor Fonseca de Oliveira<sup>17</sup>,

---

<sup>12</sup> FIGUEIREDO, Ariosvaldo. O negro e a violência do branco: o negro em Sergipe. Rio de Janeiro, J. Álvaro, 1977.

<sup>13</sup> SANTOS, Maria Nely. A sociedade libertadora “Cabana do Pai Thomaz”- Francisco Alves- uma história de vida e outras histórias. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 1997.

<sup>14</sup> Ibid., p. 17, 131-132.

<sup>15</sup> Utilizando a noção de “Campo Negro” do autor Flávio Gomes para apresentar o “Campo Negro da Cotinguiba”, a autora relaciona ao conceito de “economia parasitária” de Stuart Schwartz para caracterizar os quilombos em Sergipe. ver Sharyse Piroupo do Amaral. *Escravidão, Liberdade e Resistência em Sergipe: Cotinguiba, 1860-1888* Tese (Doutorado em História), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

<sup>16</sup> Em sua dissertação intitulada “Entre farinha, procissões e famílias: a vida de homens e mulheres escravos em Lagarto, Província de Sergipe (1850-1888)”, escreve sobre tal temática tendo como enfoque a região agreste para analisar a experiência dos escravizados, a constituição de famílias e suas sociabilidades. Joceneide Cunha procura se aproximar do cotidiano de tais sujeitos, do lazer, as negociações e conflitos, formas de manter suas famílias durante a escravidão através de amplo leque documental, tais como inventários, processos-crime, anúncios de jornais, relatórios, lista de escravos, registros paroquiais, etc.. Ver SANTOS, Joceneide Cunha dos. *Entre farinha, procissões e famílias: a vida de homens e mulheres escravos em Lagarto, província de Sergipe (1850-1888)*, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Bahia, 2004.

<sup>17</sup> O autor debruça seu olhar em torno das experiências dos *escravos* fugidos nos últimos anos do regime escravagista. Importante referência para a presente pesquisa principalmente porque o autor investiga fontes que envolvem o engenho Limeira como local suspeito de acobertar escravos fugidos, mesmo engenho que Simiana, a avó de Rosalina Santos foi sujeitada à escravidão. Ver OLIVEIRA, Igor Fonsêca de. *Os negros dos Matos: Trajetórias de quilombolas em Sergipe Del Rey (1871-1888)*, Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) Universidade do Estado da Bahia, 2010.

principalmente Camila Avelino<sup>18</sup>, Edvaldo Alves Souza Neto<sup>19</sup> e Cleber de Oliveira Santana<sup>20</sup>. São trabalhos que focalizam “agências” negras, suas estratégias no período da escravidão e pós-abolição em Sergipe. Estes pesquisadores beberam das novas formas de produzir História, privilegiando as experiências, as expectativas, as sociabilidades, a vida cotidiana dos negros na escravidão e no pós-abolição.

De acordo com Wlamyra Albuquerque o campo do pós-abolição tem logrado êxitos ao lançar luzes sobre as novas relações de poderes, planos, ações, posicionamentos, percepções, expectativas engendradas pelos libertos diante das mudanças sociais que ocorriam na incipiente república. (ALBUQUERQUE, 2010). Esses trabalhos nos serviram como referência para a elaboração dessa dissertação por suas abordagens se aproximarem daquilo que desejamos realizar, realizaremos diálogos intertextuais, citações e possíveis inferências ao longo do texto.

De acordo com Celso Furtado (2003) as terras agricultáveis da região nordeste encontravam-se monopolizadas e a população egressa do cativo enfrentou “grandes dificuldades para sobreviver”. Contrapondo essa e outras ideias de Celso Furtado sobre a região Nordeste, Subrinho (1992) concluiu que as terras agricultáveis em Sergipe não estavam completamente monopolizadas.

Sua tese de doutoramento em Economia, intitulada *Reordenamento do trabalho: trabalho escravo e trabalho livre no Nordeste Açucareiro. (Sergipe 1850/1930)*, o autor se empenhou num estudo de como se deu a transição do trabalho escravo para o trabalho livre em Sergipe, já que o mesmo, diferente de São Paulo, não contou com a imigração em massa.

---

<sup>18</sup> Inserida no campo do pós-abolição em Sergipe, a tese de Camila Avelino defendida na UNEB em 2010, teve como um dos objetivos a análise do discurso das elites sergipanas em torno da abolição e identificou a coerção exercida por essa elite, na intenção de limitar as liberdades dessa população em busca de manter os libertos nos antigos engenhos. Mas como afirmou Souza Neto (2016), para além dos interesses das autoridades civis, é importante entender como essas populações egressas do cativo enfrentaram essas coerções, quais foram as suas percepções. Consultar Camila Barreto Santos Avelino. *Novos cidadãos: trajetórias, sociabilidade e trabalho em Sergipe após a abolição (Cotinguiba 1888-1910)*, Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) Universidade do Estado da Bahia, 2010.

<sup>19</sup> Concordando com AMARAL (2012), Souza Neto apontou que com a abolição da escravidão outras formas de trabalho estavam sendo experimentadas em Sergipe e ex-escravizados experimentaram diversas formas para se manter mesmo havendo política coercitivas. Ele nos alerta sobre as expectativas, sobre o ponto de vista do liberto, seu cotidiano e seu lazer. Ver SOUZA NETO, Edvaldo Alves de. *Ô levanta nego, cativo se acabou: experiências de libertos em Sergipe durante o pós-abolição (1888-1900)*, Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Sergipe, 2016.

<sup>20</sup> Identificando lugares de sociabilidade e práticas culturais como o samba na periferia de Aracaju, a partir da história social, cultural e de uma análise antropológica Cléber de Oliveira Santana buscou nos documentos do judiciário não só entender as relações entre a população negra, como identificar “memórias sonoras”, apresentando Aracaju na década de 1930 a partir do ponto de vista da periferia. Ver Santana, Cleber de Oliveira. *Ê gente que samba! práticas culturais e sociabilidades na cidade de Aracaju/SE*. 2011. 153 f., p. 40, Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

De acordo com o autor, a subsistência foi possível e que os antigos senhores recorreram à coerção, ou seja, através da criação de leis pretendiam obter a força de trabalho necessária já que a produção açucareira em Sergipe não estava em decadência, como foi amplamente difundido sobre essa região do Brasil. (SUBRINHO, 1992).

É notável a crescente produção de estudos historiográficos que abordam sobre a experiência negra, na escravidão e no pós emancipação. Isso se deveu principalmente à influência das novas abordagens da História Cultural. Obras como as de E. P. Thompson e o conceito de “experiência” foram bases necessárias do ponto de vista teórico-metodológico para a mudança de paradigma e a inserção de temas relacionados aos negros, negras e suas experiências, tanto na escravidão como no pós emancipação.<sup>21</sup>

No Brasil essa renovação teórica ocorreu sob a influência dos movimentos pelos direitos civis dos Estados Unidos nos anos 1960 e 1970, sobretudo nos anos 1980, como também esteve inserida no contexto de reabertura política, retorno à democracia e manifestações pelo centenário da abolição da escravidão. Essa renovação levou produções sociológicas e historiográficas clássicas à revisão, para isso a agência dos escravizados, suas resistências, suas estratégias e participações na desestruturação da escravidão ganharam destaque.<sup>22</sup>

Contrapondo a visão de Fernandes no que diz respeito às uniões e solidariedades entre *escravos*, Robert Slenes apresentou na sua obra *Na Senzala, uma flor* a importância e a possibilidade de formação de famílias escravas no sudeste brasileiro. A família surge na sua escrita como um projeto de vida, como estratégia para melhoria de vida. Conforme Slenes, o casamento permitia que o escravizado tivesse um controle maior, seja da sua morada ou da sua roça, ou seja, controle na qualidade do seu próprio alimento. A obra de Slenes também se destacou pelo esforço em identificar a influência cultural centro africana resistindo em solo brasileiro, presente em famílias negras caracterizadas pela “linhagem”, formadas ainda sob o regime da escravidão.<sup>23</sup>

apesar da separação radical de suas sociedades de origem, teriam lutado com uma determinação ferrenha para organizar a vida deles, na medida do possível, de acordo com a gramática (profunda) da família-linhagem. Encontrando, ou forjando, condições *mínimas* para manter grupos estáveis no tempo, sua tendência teria sido de empenhar-se na formação de novas famílias conjugais, famílias extensas e grupos

---

<sup>21</sup> Sílvia Hunold Lara. “Blowin in the Wind: E. P. Thompson e a experiência negra no Brasil”.in: *Projeto História*, São Paulo, n. 12, 1995, p. 43-75.

<sup>22</sup> George Reid Andrews, *Negros e brancos em São Paulo, (1888-1988)*; tradução : Magda Lopes; revisão técnica e apresentação Maria Lígia Coelho Prado. – Bauru, SP: EDUSC, 1998.

<sup>23</sup> Robert Wayne Slenes, *Na senzala, uma flor - Esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX*. - 2ª ed. corrig. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

de parentesco para o Brasil teriam procurado agir na sua nova terra da mesma maneira que os integrantes de grupos bantu, (...).<sup>24</sup>

Também no sudeste cafeeiro, Hebe Mattos e Ana Lugão identificaram o papel central e estratégico da família como forma de negociação com o poder senhorial, encontrando meios para melhores condições, como também o papel da memória familiar do “tempo do cativo” e a formação de novas identidades no pós-abolição.<sup>25</sup> Na Bahia Isabel Reis e Walter Fraga identificaram famílias escravas formadas inclusive entre mulheres e homens de diferentes condições sociais, convivendo nos engenhos, uma, duas ou mais gerações interligadas através das relações de casamento e compadrio.<sup>26</sup>

Como dito anteriormente, os estudos mais recentes apontam que o fim da escravidão no Brasil e a reorganização social do negro nesse território após 1888 não se deu de forma homogênea, tal processo seguiu especificidades em cada região. Estudos que apontam as variações como fez Karl Monsma ao identificar conflitos, a violência inter-racial entre negros e imigrantes no Oeste Paulista.<sup>27</sup> Libertos e descendentes procuraram defender seus direitos civis básicos, principal aspecto das disputas, assim como sua mobilidade, a família e a “reputação”.<sup>28</sup>

É importante reconhecer que a nossa história familiar não começa pela escravidão. Famílias africanas possuíam e possuem organizações matrilineares, patrilineares ou bilineares mantidas através de relações de parentesco, definidas pela “responsabilidade compartilhada”, linhagens inteiras unidas por um ancestral comum.<sup>29</sup>

Durante a escravidão e diáspora africana essas redes de parentesco foram abaladas mas se adaptaram, foram recriadas, reinventadas como núcleos de solidariedade, de sobrevivência, de resistência, como a nova historiografia tem observado. “É preciso, portanto, evitar a transposição da velha tese da inexistência de núcleos familiares entre os cativos, para então se discutir não só as limitações que envolveram a sua existência como as suas formas e estratégias de sobrevivência.” (REIS, 2018, p. 227).

<sup>24</sup> Robert Wayne Slenes, *Na senzala, uma flor*. p. 155.

<sup>25</sup> Ana Maria Lugão Rios e Hebe Maria Mattos. *Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição*. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

<sup>26</sup> Walter Fraga Filho, *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. - Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2006.

<sup>27</sup> Karl Monsma. “Conflito simbólico e violência interétnica: europeus e negros no oeste paulista, 1888-1914”, *História em Revista*, Pelotas/RS, v. 10, 2004, p. 95-115.

<sup>28</sup> Hebe Maria Mattos; Ana Maria Lugão Rios, *O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas*, in: Topoi (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 5, p. 170-198, 2004.

<sup>29</sup> Sobre aspectos das famílias na África, consultar DOZON, Jean-Pierre. En Afrique, la famille à la croisée des chemins. In: BURGUIÈRE, André. KLAPISCH-ZUBER, Christiane; SÉGALEN, Martine; ZONABEND, Françoise (ed.). *Histoire de la famille: 2. Le choc des modernités*. Paris: A. Colin, s/d. p. 301-337.

A História Oral como método foi fundamental pois produziu uma transformação nos enfoques da História, auxiliando na produção de fontes de sujeitos e sujeitas antes esquecidos pela história regional ou oficial. O que aconteceu com a população negra, com aqueles libertos e libertas após a abolição? Essa e outras perguntas só passaram a ser respondidas com a utilização desse método, a princípio entre comunidades negras da região Centro-Sul do Brasil.

Como afirma Meneses (1992, p. 18) “não é suficiente apenas dar voz aos silenciados. É imperioso detectar e entender as multiformes gradações e significações do silêncio e do esquecimento e suas regras e jogos”.<sup>30</sup> No nosso caso, é preciso também entender o funcionamento da “memória dos velhos” e acessar os tesouros da memória que ficam depositados nas sombras, em modo adormecido, aquilo que comumente chamamos de inconsciente.

De acordo com Bosi (1987, p. 14) “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado.” Ou seja, é um processo de coleta e escolha de experiências passadas, a partir de um olhar consciente no presente, de uma memória que não é apenas pessoal, individual, mas familiar, coletiva, transmitida através do hábito, da repetição e herdada por Rosalina Santos através do convívio com os mais velhos. “Quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade”.<sup>31</sup>

Como sugere Beatriz Nascimento (2021, p. 101) “É tempo de falarmos de nós mesmos não como contribuintes nem como vítimas de uma formação histórico social, mas como participantes desta formação”.<sup>32</sup> Partindo desse pressuposto, buscaremos apresentar e analisar as condições de formação das nossas famílias, bem como a importância da memória familiar para formação da identidade social de Rosalina Santos.

Qual terá sido o papel da escola na formação da sua cultura política? Acessando memórias dos “tempos de criança”, iremos analisar os processos educacionais experienciados por Rosalina Santos e sua “prima de fogueira” D. Lourdes dos Santos, crianças negras no contexto da Era Vargas.

Essa escrita não obedece estritamente a cronologia, não é linear, por vezes progredimos e retrocedemos no fio do tempo a fim de que processos históricos sejam melhor

---

<sup>30</sup> Ulpiano T. Bezerra de Meneses, “A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais”, in: *Rev. Inst. Est. Bras.* - SP, 1992, p. 18.

<sup>31</sup> Michael Pollak, “Memória e identidade social”, *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

<sup>32</sup> Beatriz Nascimento, *Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos*; organização: Alex Ratts. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

compreendidos pelo leitor. Também não deve ser confundida com uma metodologia da ego-história, mesmo porque todo levantamento de fontes relacionadas às experiências e as trajetórias de meus ancestrais na escravidão ou pós-abolição e demais fontes não refletem um esforço para falar de mim, de investigar a minha história. No entanto não descartei minha subjetividade como recurso historiográfico, aqui é substância elementar para a construção da narrativa histórica apresentada. (SANTOS e GOMES, 2020).

A prática auto-reflexiva, quer dizer, não abster-se do meu relato pessoal, assim como a intersubjetividade são frutos do diálogo antropológico, do método autoetnográfico que lanço mão no intento de “contribuir para a produção de saberes plurais” (VERSIANI, 2002, p. 71).

De acordo com Giovanni Levi (1992, p. 153), “Na micro-história,(...), o ponto de vista do pesquisador torna-se uma parte intrínseca do relato”. Ou seja, com abordagem micro-histórica me atentei ao particular, em investigar, registrar e interpretar os acontecimentos e ações importantes que poderiam passar despercebidos por outros pesquisadores, reduzindo a escala de observação para analisar os conflitos e as contradições através de “indícios, sinais e sintomas”. (LEVI, 1992, p. 153).

Seu trabalho tem sempre se centralizado na busca de uma descrição mais realista do comportamento humano, empregando um modelo de ação e conflito do comportamento do homem no mundo que reconhece sua - relativa - liberdade além, mas não fora, das limitações dos sistemas normativos prescritivos e opressivos. [...]. A questão é, portanto, como definir as margens - por mais estreitas que possam ser - da liberdade garantida a um indivíduo pelas brechas e contradições dos sistemas normativos que o governam. (LEVI, 1992, p.135).

Feita por mãos negras - essa história é um esforço ancestral para fazer reverberar nossas histórias, unindo subjetividade negra ao fazer científico, rompendo a lógica colonial que tentou nos definir como seres inferiores. Representa um grito daqueles silenciados e esquecidos pela história oficial.

Exatamente como uma árvore — os gráficos genealógicos não obedecem o sentido convencional (do mais velho ao mais novo/de cima para baixo), segue a lógica da “árvore ancestral”, onde os mais velhos representam exatamente nossas raízes. A árvore como categoria está empregada em todo o trabalho, por considerarmos a “profundidade” e a extensa quantidade de nomes que irão surgir ao longo do texto e nas árvores genealógicas.

Em movimento *sankofa*, a presente pesquisa se configura como uma semente trazida do passado para o presente. Esse símbolo faz parte de um conjunto de ideogramas chamados Adinkra, do povo Akan localizado em Gana. *Sankofa* significa “voltar e pegar aquilo que ficou para trás”. “Em outras palavras, significa voltar às suas raízes e construir sobre elas o

desenvolvimento, o progresso e a prosperidade de sua comunidade, em todos os aspectos da realização humana.”(GLOVER apud LARKIN, 2008).

Aqui costuro, não como se coze uma costureira da estirpe de Rosalina Santos, mas como artista e historiador, “pinto e bordo” o nosso fio da memória, multiplicando os fios, cruzando-os com outras fontes, tecendo os fios de um “tapete”, como metaforiza Ginzburg ao explicar o método indiciário.<sup>33</sup> Buscamos nas miudezas, os indícios, os vestígios, observando os detalhes presentes nas entrevistas orais, as palavras sutis nos discursos, nos registros de batismos, nos registros matrimoniais, nos registros de óbito, inventários e acervos fotográficos.

Conhecida no Bairro Cirurgia pelo seu trabalho como costureira, Rosalina Santos trabalhava com uma clientela específica: a “alta” sociedade aracajuana: os Firpo, os Rollemberg, os Leite, os Franco, a família Campos. Ela se tornou costureira profissional a partir dos anos 1940 e nos anos 1950 já trabalhava para essas famílias brancas, quando se formou em Corte e Costura pela Singer. Então, a partir das suas memórias e experiências, buscamos compreender como eram as relações étnico-raciais neste período em Aracaju, identificando “episódios” de racismo presentes no seu cotidiano.<sup>34</sup>

Como propõe Michel de Certeau (1998), as práticas cotidianas ou as táticas, são modos astutos dos “fracos” para lograr êxitos sobre os “fortes”, são ações ainda que submetidas a uma ordem, segundo ele é a capacidade de mover-se, são as maneiras de agir mesmo que sob domínio, sob um poder. Assim, buscaremos identificar táticas cotidianas presentes nos relatos de Rosalina Santos para escrever sua trajetória de vida e seus modos de resistir diante dos obstáculos.

Segundo Bosi (1987) é através da comunicação, da linguagem que a “memória dos velhos” é socializada. Como dito anteriormente, enquanto recurso metodológico a História Oral me permitiu justamente acessar experiências e os modos de vida, pois “entender como pessoas ou grupos experimentaram o passado torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas.” (ALBERTI, 2005, p. 165).

Conforme E. P. Thompson (1981, p. 182) o conceito de experiência pode ser compreendido através do modo “como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida "tratam" essa experiência em sua consciência e sua cultura”. Ou seja, com base nesse conceito

---

<sup>33</sup> ver GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. (p. 143-179). IN: Mitos, emblemas, sinais : morfologia e história; tradução : Federico Carotti. - São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>34</sup> ver Grada Kilomba, *Memórias da Plantação: Episódios do racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: editora Cobogó, 2019. (p.78)

escrevemos uma *history from below*, destacando experiências da margem, de pessoas que não tiveram chance de escrever suas próprias histórias.<sup>35</sup>

parentesco, costumes, as regras visíveis e invisíveis da regulação social, hegemonia e deferência, formas simbólicas de dominação e de resistência, fé religiosa e impulsos milenaristas, maneiras, leis, instituições e ideologias - tudo o que, em sua totalidade, compreende a "genética" de todo o processo histórico, sistemas que se reúnem todos, num certo ponto, na experiência humana comum, que exerce ela própria (como experiências de classe peculiares) sua pressão sobre o conjunto. (THOMPSON, 1981, p. 189).

No primeiro capítulo intitulado *Famílias Negras em Sergipe: Genealogias, Escravidão e Liberdade (1825-1900)*, buscarei apresentar a formação das nossas famílias, a família paterna e a família materna de Rosalina Santos, entendendo como ponto de partida necessário para a compreensão de todo o estudo. Irei traçar trajetórias e identificar estratégias, aspectos sobre as relações de compadrio e as mudanças ocorridas no pós-abolição.

Iremos viajar pelas suas memórias da infância até Divina Pastora e Santa Rosa de Lima, no interior de Sergipe. No segundo capítulo “*Saberes, Sabores e Passeios: As Infâncias Negras no Pós Abolição*”, nós vamos visitar vó Quêta, as memórias da escravidão, a percepção sobre as mudanças, as permanências e continuidades no pós-abolição, a violência presente no seu processo de alfabetização e o cotidiano marcado entre o mundo rural e o urbano. Quem era a sua madrinha e qual a sua importância para a alfabetização e formação como costureira? Como foram suas primeiras experiências com a máquina de costura e sua relação com a Igreja do Santo Antônio? Como era a viagem de bonde nos anos 1930?

O terceiro capítulo “*Costurando na “Aracaju Romântica”: Trabalho, Guerra, Racismo e Lazer*” , iremos analisar como foi a sua inserção no mercado de trabalho, suas primeiras experiências no mundo das costuras, quem era a sua clientela, aspectos do racismo cotidiano, as suas táticas para enfrentar ou burlar tal sistema, como se deu sua formação profissional. Também iremos analisar as relações de poder, a Aracaju nos anos 1940 e 1950, a relação da costura e a vida cultural nos respectivos anos, bem como o impacto da Segunda Guerra Mundial, os cinemas e os filmes. Qual era o lazer dela nesse período?

No quarto e último capítulo intitulado “*A memória da África: memória, consciência histórica e africanidades*” trataremos sobre a memória individual e coletiva e a relação intrínseca com o sentimento de pertencimento e identidade de Rosalina Santos. O que seu teste de DNA poderá nos revelar?

Inserida no campo da História Cultural da Escravidão e Pós-Abolição, a presente pesquisa manterá o diálogo intertextual com as referências relevantes sobre tal temática

<sup>35</sup> [https://archives.history.ac.uk/makinghistory/themes/history\\_from\\_below.html](https://archives.history.ac.uk/makinghistory/themes/history_from_below.html) (acesso em: 09/08/2022)

seguindo uma abordagem tal qual se segue a mais recente corrente historiográfica, ao pormenorizar a trajetória de Rosalina Santos e nossa família, propiciando uma melhor compreensão, analisando as sociabilidades, as estratégias, as práticas culturais, a questão do trabalho e o fenômeno da migração no pós-abolição.

Atento às ilusões, buscarei as múltiplas facetas, as sinuosidades, as contradições existentes para elaborar este trabalho de História de Vida para identificar aspectos, tomadas de decisão e o cotidiano de Rosalina Santos. Apresentaremos a seguir a superfície social, ou seja, o conjunto das relações que unem a sujeita ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo, pois “não podemos compreender uma trajetória (...) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou.” (BOURDIEU, 2002, p. 190).

## 1 - FAMÍLIAS NEGRAS EM SERGIPE: GENEALOGIAS, ESCRAVIDÃO E LIBERDADE (1825-1924).

Numa tarde de visita e entrevista com Rosalina Santos em 2015 fui surpreendido - descobri que a família do meu bisavô havia sido escravizada. Eu perguntei: “*Que senhor?*” ao que Rosalina Santos respondeu: “*O senhor dele! Era tudo escravo*”. Aos 18 anos não passava sequer pela minha cabeça que algum familiar tão “próximo” tivesse vivido sob tal condição, parecia que esse infortúnio histórico estava muito distante da minha realidade, quanta ingenuidade. Mas eu não fui o único, minha tia aos 57 anos também não imaginava que sua bisavó tivesse sido escravizada e chorou quando cheguei com aquela notícia.

Abolida a escravidão, através da portaria de 14 de dezembro de 1890, Rui Barbosa decidiu recolher os documentos referentes à escravidão no Brasil afim de destruir possíveis provas que poderiam ser utilizadas pelos antigos senhores interessados em indenizações pelo prejuízo econômico ocasionado pela “lei áurea”. Com base nesse fato histórico, houve quem afirmasse que seria impossível para o negro brasileiro a construção de sua história antes de 1888 porque todas as fontes haviam sido queimadas.<sup>36</sup>

Seria impossível a elaboração de genealogias negras já que, como dito anteriormente, a historiografia por algum tempo defendeu a inexistência de famílias negras, assim como não existiam documentos suficientes sobre essa parcela da população. Diante do exposto, seria impossível montar genealogias negras em Sergipe. De modo oposto e organizados em associações, pesquisas genealógicas sobre famílias herdeiras da aristocracia do açúcar em sergipe, ou seja, pesquisas sobre famílias brancas e ricas são reconhecidas, fruto do acesso à farta documentação, exitosas inclusive por conseguirem acessar fontes que os ligam aos países europeus de origem.<sup>37</sup>

Em Henning, cidade localizada no Tennessee, estado norte-americano, Alex Haley ouvia desde muito pequeno as histórias da família que a avó Cynthia lhe contava. Dentre as várias histórias, sua avó dizia que o seu bisavô havia sido capturado quando o mesmo teria

<sup>36</sup> Ver SLENES, Robert W. “O Que Rui Barbosa Não Queimou” : Novas Fontes para o Estudo da Escravidão no Século XIX” . Estudos Econômicos. São Paulo, 13 (1); 117-149, jan./abr., 1983. LACOMBE, Américo Jacobina. Rui Barbosa e a queima dos arquivos. Américo Jacobina Lacombe, Eduardo Silva e Francisco de Assis Barbosa. Brasília, Ministério da Justiça: Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988. 144 p.

<sup>37</sup> ver FRANCO, Emmanuel. O clã do Engenho Porteirias. in: Revista da Academia Sergipana de Letras.2002, p. 293-328 ; ARAUJO, Ricardo Teles. Genealogia sergipana / Ricardo Teles Araújo (et al) - Aracaju : Edição Typografia Editorial. 2008, vol.1; os Santos, David W. S. e Hélio W. S. Leandro. 2011. “‘Grandes Famílias’ E estruturação Do espaço do Poder Em Sergipe: Reversões Sociais E Esferas De atuação”. *Scientia Plena* 6 (12(b)). <https://www.scientiaplena.org.br/sp/article/view/316>. (acesso em: 15/08/2022.) ESPINHEIRA, Ana Maria Nunes. Engenho São Félix: Sua História e a dos seus Descendentes. / Aracaju: Gráfica J. Andrade Ltda., 2000.

ido buscar madeira na floresta no intuito de fazer um tambor e que teria sido acorrentado e levado como escravo para os Estados Unidos e vendido para um fazendeiro em Annapolis, Virgínia.<sup>38</sup>

Seu nome era Kunta Kintê, africano da etnia mandinga, natural de Juffure uma povoação localizada na margem do rio Gâmbia, cuja história está escrita no livro *Roots: The saga of an American Family* publicado em 1976, obra clássica que não só revela a saga desse ancestral como a do próprio autor em busca das suas negras raízes. Assim como nos Estados Unidos, no Brasil as “genealogias”, as histórias de famílias negras foram e ainda são transmitidas no cotidiano através da oralidade, entre os mais velhos e os mais novos.

Por diversos motivos nem toda família negra pôde manter através das gerações, informações dos tempos passados, nem todas as memórias eram lembradas por alguns dos mais velhos — relatos de abusos, violências e fatos como a escravidão poderiam ser verdadeiros “tabus”, sendo esquecidos junto à outras informações importantes.

Após a abolição, houve aqueles que preferiram esquecer o passado ou pelo menos tentar esquecê-lo, se distanciando de todas as maneiras, seja através da migração das antigas fazendas, adotando, trocando e/ou resignificando sobrenomes como símbolo de pertencimento e proteção, na busca de novos sentidos para suas vidas. (AVELINO, 2018).

Nem tudo foi perdido, nem tudo foi queimado por Rui Barbosa mesmo porque houveram famílias que sustentaram suas histórias passadas através das gerações, como no exemplo da família Haley. É o caso dos Felisbertos, cuja história está escrita no livro *A saga dos Felisbertos: o deslocamento de uma família negra da zona da mata mineira à baixada fluminense* (2021), que é justamente esse movimento de manutenção das memórias familiares negras, remontam aos bisavós da própria escritora Lucimar Felisberto dos Santos, que escreve essa história sem abster de sua subjetividade, consultando fontes e a memória dos mais velhos de sua família.

De acordo com a autora, o sobrenome da sua família foi originado a partir da experiência da escravidão na região da zona da mata mineira. Transformado em sobrenome, tornou-se “objeto de transmissão intergeracional”, sobre o qual identidades foram e são construídas.(SANTOS, 2021).

Rios e Mattos (2005) afirmaram que o pioneirismo caribenho em descobrir a existência de famílias escravas, a relação dessa instituição para a manutenção do regime escravista, assim como a preocupação com o período pós-emancipação, revelando a formação

---

<sup>38</sup> Ver HALEY, Alex. *Negras Raízes*. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Editora Record - Rio de Janeiro/São Paulo - 5ª ed.

dos campesinatos negros, focalizando a formação de famílias de trabalhadores rurais, os parentescos, as transmissões culturais e de posses, inspirou a historiografia brasileira pela sua interdisciplinaridade, principalmente pelo aporte antropológico, passando a identificar processos muito similares entre essas distintas regiões do continente americano.

Scott e Hébrard (2014) realizaram uma incansável pesquisa sobre a saga da família Vicent e Tinchant. Acompanhando a trajetória de Rosalie, uma escravizada da nação Poulard, região da Senegâmbia, eles identificaram a partir das documentações arroladas em registros paroquiais, cartoriais e outros, espalhados entre Haiti, Cuba, Louisiana, França, México e Bélgica as estratégias utilizadas pela população liberta, principalmente pelo medo da reescravização ocorrida nas colônias francesas, assim como identificaram a formação dos *cultivateurs* (trabalhadores rurais) no pós emancipação, a mobilidade pelo atlântico norte, as sociabilidades e a formação das famílias, as genealogias de “pessoas de cor”.

Como dito anteriormente, os historiadores passaram a buscar a agência dos escravizados, os papéis sociais, suas negociações e estratégias no mundo servil. Os estudos sobre a formação de famílias escravas é crescente no Brasil, mas as produções mais conhecidas são as do eixo sul-sudeste do país. O livro *Memórias do Cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição* (2005), fruto de um projeto iniciado em 1994, reuniu um grupo de pesquisadores cujo objetivo foi a produção de fontes orais, consultando as memórias dos últimos libertos e dos seus descendentes, suas experiências, aproximando-se de suas vidas, modos e comportamentos.

De acordo com Mattos, “uma memória genealógica curta, associada ao trabalho familiar e à valorização da autonomia, configurando uma identidade camponesa, (...), tem-se mostrado característica das antigas áreas escravistas do Centro-Sul.” (2005, p. 38). Encontramos semelhanças ao que foi identificado por essas pesquisadora, principalmente no que se refere à formação de uma identidade camponesa, entretanto, ao invés de uma memória “genealógica curta”, identificamos no nosso estudo uma memória genealógica extensa, com relações de parentescos formados não necessariamente por laços sanguíneos assim como identificou Claudia Daiane Molet em *O litoral negro do Rio Grande do Sul: campesinato negro, parentescos, solidariedades e práticas culturais* (2020).

Entrevistando quatro comunidades quilombolas do Rio Grande do Sul (Casca, Teixeiras, Capororocas e Limoeiro), Molet identificou práticas culturais, sociabilidades, lutas agrárias dessas comunidades, a questão das identidades, o sentimento de pertencimento e a formação de famílias e genealogias negras. Sobre a noção de família negra entre os libertos de Casca, essa autora afirmou que a consanguinidade não era fator determinante, antes porém,

abrangia aqueles com quem haviam convivido nas senzalas. Molet utilizou o conceito de *campo negro* para caracterizar a região costeira do Rio Grande do Sul onde essas comunidades remanescentes estabeleceram “diversas interligações qualificadas pelos laços de amizades, parentescos, compadrios e compartilhamento de práticas culturais.” (MOLET, 2020, p. 28).

De acordo com Flávio Gomes (2006), o conceito de *campo negro* pode ser entendido como uma teia de relações sociais, econômicas e/ou políticas estabelecidas entre escravizados, quilombolas e livres (comerciantes, autoridades e senhores), em busca de autonomia e solidariedade.<sup>39</sup> Nossa pesquisa dialoga com esse conceito, não na perspectiva de quilombo como fez o autor, mas na medida em que identificamos duas extensas redes familiares, paterna e materna de Rosalina Santos, marcadas por relações de parentesco, compadrio e solidariedades, entre cativos, libertos e herdeiros dos antigos engenhos, famílias negras formadas durante o período da escravidão e que se perpetuaram após a abolição.

Em consonância ao que foi afirmado por Walter Fraga (2006), os libertos e suas redes familiares não sucumbiram com o fim da escravidão, pelo contrário, se estenderam, engendrando novas identidades, como “roceiros”, “lavradores”, ou seja, camponeses negros. Enquanto alguns procuraram se distanciar, migrando para a capital, outros mantiveram-se próximos aos engenhos, ocupando terras devolutas e estabelecendo relações de trabalho com os antigos engenhos.

Estávamos em processo de esquecimento, de apagamento desse passado, mas encontrar Rosalina Santos, na época a mais velha, a matriarca da nossa família, consultar a sua sabedoria e as suas memórias, assim como provocar as lembranças de outros mais velhos, resultou na evocação de memórias coletivas e os aspectos peculiares do nosso passado. A coerência das memórias, corroboradas pelas informações das documentações levantadas, me impressionava e ela muito modesta, afirmava não saber tanto quanto Ermita, a sua irmã mais velha que havia falecido há alguns anos.

Você deve estar se perguntando, “mas afinal, quem é Rosalina Santos?”. A filha caçula de Anthero José dos Santos e Agripina Maria da Conceição nasceu em 1924, no município de Divina Pastora, situado há aproximadamente 40 km da capital Aracaju. Os seus pais nasceram em 1882<sup>40</sup> e foram “pretos ingênuos”, chamados assim os filhos de mulheres escravizadas

---

<sup>39</sup> ver GOMES, Flávio dos Santos. Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX / Flávio dos Santos Gomes. - Ed. rev. e ampl. - São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.45.

<sup>40</sup> Livro de Batismos da Igreja Matriz de Divina Pastora 1876-1892. folha 45 (Anthero) e folha 52 (Agripina).

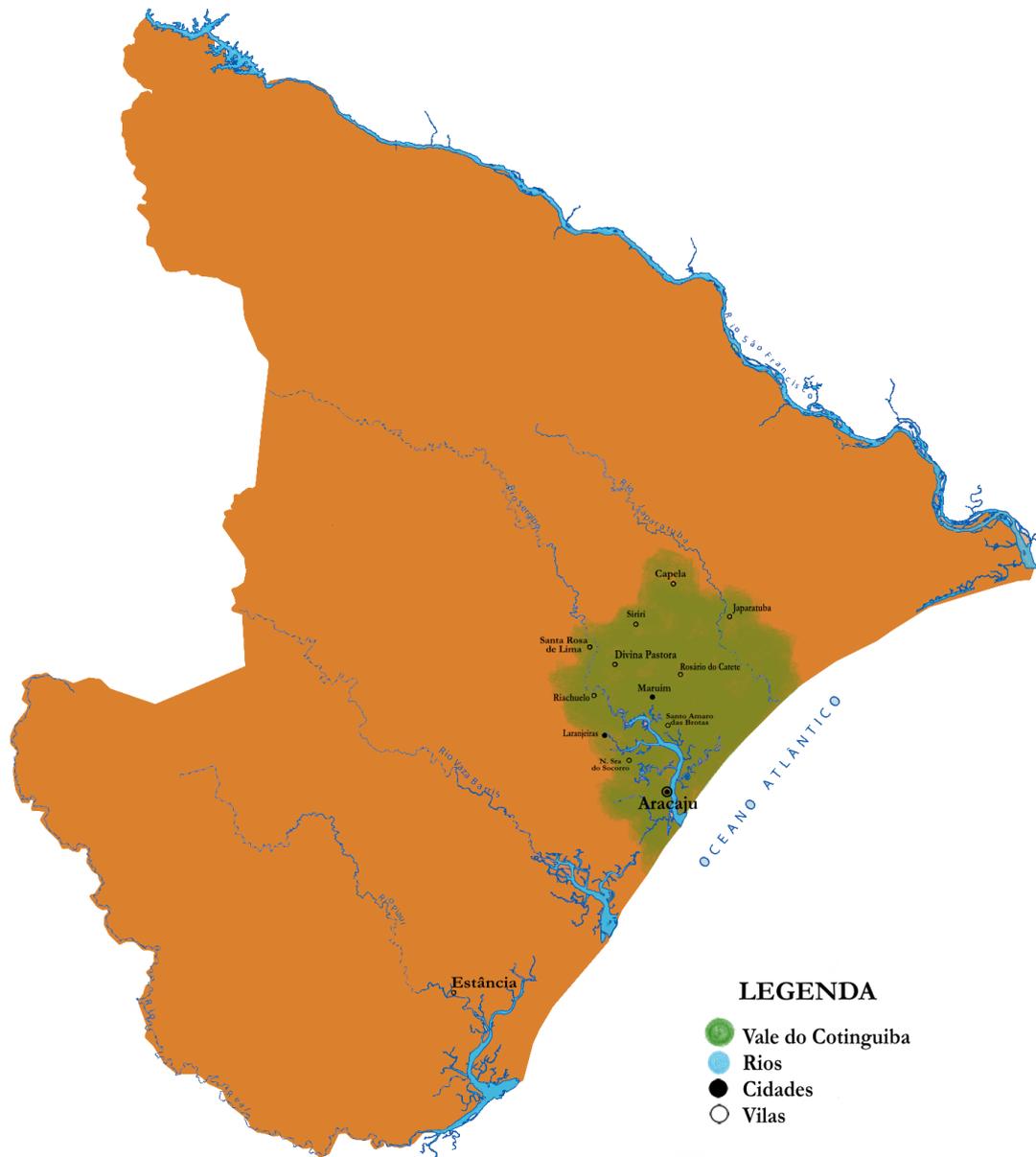
após a promulgação da Lei do Ventre Livre (1871).<sup>41</sup> Nossas famílias foram escravizadas, sendo que a parte paterna de Rosalina trabalhou no Engenho Limeira e a parte materna nos Engenhos Sapé e Mouco, situados respectivamente em Divina Pastora e Santa Rosa de Lima, interior de Sergipe.

Localizada no Vale do Cotinguiba, na época região sergipana com maior quantidade de engenhos e escravizados, principalmente em decorrência do “massapê” solo apropriado para cultivo da cana, Divina Pastora a princípio conhecida como “Ladeira”, foi desmembrada de Maruim e elevada à categoria de vila em 1836. Além de Divina Pastora, compunham a região da Cotinguiba: Laranjeiras, Maruim, Santo Amaro das Brotas, Riachuelo, Rosário do Catete, Capela, Nossa Senhora do Socorro, Japarutuba, Siriri e a capital Aracaju. “Os centros urbanos mais destacados estavam ligados às zonas açucareiras, das quais eram pontos de escoamento. (NUNES, 1978, p. 80). (ver mapa a seguir).

---

<sup>41</sup> Como sugere Grada Kilomba, utilizamos os termos “*escrava ou escravo*” em itálico de forma figurativa, como representação utilizada no período que tratamos. Opto pelo termo escravizada(s) ou escravizado(s) para descrever o processo de desumanização. ver Grada Kilomba, *Memórias da Plantação: Episódios do racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: editora Cobogó, 2019.

**Mapa 01.** Vale do Cotinguiba, cidades e vilas sergipanas no século XIX.  
Mapa elaborado pelo próprio autor.



A região tinha o transporte facilitado pela navegação dos grandes rios e de seus numerosos afluentes durante a maré cheia. Numa época em que existiam poucas estradas – e as que existiam frequentemente eram alvo de assaltos ou causas de acidentes, devido ao péssimo estado –, o transporte fluvial constituía importante fator de produção. A união desses três elementos – solo, clima e rios navegáveis – fez com que a Cotinguiba se tornasse o principal núcleo produtor de açúcar em Sergipe. (AMARAL, 2012, p. 33).

Mas o ponto de partida é a Vila da Estância (ver mapa 1) local onde nossa família foi escravizada pela família do Brigadeiro Guilherme José Nabuco de Araújo, sua esposa Maria Tereza de Jesus Nabuco e seus filhos. Segundo Edna Matos, que escreveu sobre o processo de

independência de Sergipe, Guilherme José se destacou não só por sua fortuna, como também por se opor à emancipação de Sergipe. (ANTÔNIO, 2012). Senhor de três engenhos (Cumbe, Cuí e Poços), ao falecer em 1825 ele deixou para sua esposa 223 *escravos* e um montante de 76:206\$861 réis, objetos em prata e ouro, animais e imóveis.<sup>42</sup> Dentre esses 223 escravizados estava Crescêncio, um “crioulo”, ou seja, um filho de africanos que foi citado nas entrevistas com Rosalina Santos e que iremos apresentar mais em breve.

Com a transferência da capital para Aracaju e a morte de Maria Tereza em 1856, o filho deles, chamado João Maria de Araújo Nabuco decide instalar seu engenho na Vila de Divina Pastora, na região da Cotinguiba. (ver mapa 1). Acumulando vários aspectos favoráveis para a instalação do engenho Limeira, nossa família foi levada para essa região em meados de 1850, escravizada pelo Coronel João Maria de Araújo Nabuco. Iremos aprofundar nos pormenores dessa “transferência” que ficou marcada na memória da nossa família e que foi transmitida através das gerações.

### **1.1 Família paterna: os avós Simiana e Tibúrcio**

Os avós paternos de Rosalina Santos chamavam-se Tibúrcio e Simiana, eram naturais da Vila de Estância, região sul da província de Sergipe. A princípio eles eram *escravos* de Maria Tereza de Jesus Nabuco, mas com a morte dessa senhora em 1856 passaram a pertencer a um dos herdeiros: o Coronel João Maria de Araújo Nabuco, fundador do Engenho Limeira em Divina Pastora. Os avós de Rosalina tiveram suas trajetórias marcadas pela migração forçada após a morte da “senhora” Maria Tereza. Com a morte dela, todos os seus bens, incluindo todos os escravizados foram partilhados entre seus filhos e demais herdeiros, entre eles José Guilherme de Araújo Nabuco (do Engenho Prata), Pedro Leopoldo de Araújo Nabuco (do Engenho Poços e Cumbe), Manoel Cardoso de Menezes Barreto (do Engenho Paty), Antonio Coelho Barreto Junior (do Engenho Campanha), João Maria Nabuco Maciel (do Engenho Salobro) e João Maria de Araújo Nabuco (do Engenho Limeira).

Dos 143 *escravos* inventariados da então finada Maria Tereza de Jesus Nabuco, 35 escravizados tornaram-se propriedade do Coronel João Maria de Araújo Nabuco que na época estava prestes a estabelecer seu engenho na Vila de Divina Pastora. Ele então migrou com toda sua escravaria para o Vale do Cotinguiba e no meio do comboio de *escravos* estava

---

<sup>42</sup> AGJES, Cartório de Estância, cx. 15/495, 02/03/1825. Inventário post-mortem de Brigadeiro Guilherme José Nabuco de Araújo.

Tibúrcio com apenas 12 anos de idade, que seguia deixando para trás a Vila de Estância e a sua mãe.

Nascido em 1843, Tibúrcio tinha uma irmã mais nova chamada Luísa, nascida em 1845. Ele estava com aproximadamente 13 anos e a sua irmã Luísa com 11 quando souberam que seriam separados por conta divisão de bens entre os herdeiros da sinhá. Tibúrcio e a sua mãe Leonida deveriam seguir juntos para o Engenho Limeira em Divina Pastora, enquanto Luísa ficaria no Engenho Poços, na Estância, como *escrava* de Pedro Leopoldo de Araújo Nabuco (o futuro barão de itabaiana), um dos herdeiros da finada Maria Tereza.

Segundo entrevista com Rosalina Santos, seu avô Tibúrcio “contava que chorava”, que enquanto subia para a Cotinguiba sua mãe era enterrada, ela teria falecido justamente no dia da viagem para Divina Pastora e nunca mais Tibúrcio viu sua única irmã Luísa, nunca mais teve notícias dela.

**Rosalina Santos:** Eu sei que ele veio da Estância que eles era das bandas de lá da Estância, veio da Estância mais um mulato que era quem perseguia os nêgo(...), dizem que ele [o mulato] era tão ruim, maltratava tanto, quando um fugia ele ia buscar judiava, pintava e bordava e o meu avô tinha a mãe e uma irmã, a irmã Luísa(...) A mãe indo pra o cemitério, ele descendo para o vale do Cotinguiba e ela coitadinha ficou sozinha, nunca mais se viram, só se encontraram lá [no céu] mas aqui na terra não se viram mais.

Uma viagem de mais ou menos 97km da Vila de Estância até a Vila de Divina Pastora (ver mapa 1). De acordo com o relato de Rosalina Santos, o trajeto percorrido por vovô Tibúrcio teria sido feito sob a vigilância de um “mulato” que exercia a função de feitor, controlando possíveis fugas de *escravos* que durante o percurso da viagem enxergassem alguma oportunidade para se livrar do cativeiro.

Esse relato concedido por Rosalina dá voz, nomes, emociona e revela não só o impacto da violência do sistema escravista, como também é um retrato da dor que atravessou gerações por meio da memória e oralidade. Quer dizer, não foram passadas apenas histórias de superação e resistência, a dor também fez parte daquelas memórias partilhadas.

O contexto era desolador, a epidemia de cólera grassava na província de Sergipe, matando ao total “cerca de trinta mil sergipanos”. Tal doença teria desembarcado na região sul através do forte fluxo comercial com a Bahia, aliás, os *escravos* recém chegados de África, saíam da Bahia e aportavam em Estância, vendidos, iam dali para as outras regiões da província.<sup>43</sup> “Na estância, o ataque epidêmico durou cerca de três meses. Num período de

---

<sup>43</sup> O livro de Joceneide Cunha é uma grande contribuição para os estudos sobre africanos escravizados em Sergipe, os seus grupos étnicos, os costumes e as sociabilidades (re)construídas. ver: SANTOS, Joceneide Cunha dos. Negras(os) da Guiné e de Angola: nações africanas, vivências e sociabilidades em Sergipe (1720-1835). - Salvador: EDUFBA, 2021. 387.

apenas onze dias, contaram-se oficialmente cento e quarenta mortos.” (CARDOSO, 2000, p. 213).

Conforme Cardoso (2000, p. 214), “Muitos estancianos, com medo de um contágio letal, [abandonaram] seus parentes antes de levá-los à sepultura”. Ainda de acordo com Rosalina Santos, sua avó Simiana relatava que ninguém da família foi acometido por tal doença, entretanto, diante do relato de que Tibúrcio não pôde participar do enterro de sua mãe, poderíamos suspeitar que a mesma tenha falecido de cólera. Também devemos levar em conta que a notícia da partilha, que sua filha mais nova seria separada, talvez tenha mexido emocionalmente e ocasionado sua morte aos 40 anos de idade. Seja lá o que for, tamanha dor da perda e da separação marcou Tibúrcio e como memória foi transmitida anos mais tarde ao seu filho Anthero e herdada por Rosalina Santos, neta que só conheceu o avô através de relatos.

Rosalina Santos não sabia o nome da mãe de Tibúrcio, ou seja, não sabia o nome da sua bisavó, descobrir tal informação só foi possível porque localizei o registro de batismo de Tibúrcio e constatei o nome de sua mãe, a escravizada Leonida que no inventário de 1856 foi avaliada com aproximadamente 40 anos de idade.

Rosalina Santos conheceu sua avó Simiana já bastante idosa e que ela lhe contava ter visto dois “cóla” (Cholera morbus), um enquanto “menina” e outro “mocinha”. Como Vovó Simiana não sabia a data de seu nascimento e já havia perdido as contas de quantos anos tinha, “menina” e “moça” eram formas muito comuns para indicar faixas etárias distintas. Além de Rosalina Santos, outros familiares nossos afirmaram em entrevistas e conversas que Vovó Simiana viveu mais de cem anos. Alguns até precisaram que a mesma teria vivido 115 anos, mas ao constatar que em Sergipe a epidemia de cólera ocorreu na década de 1850, pude verificar que a informação sobre Simiana ter vivido cerca de cem anos era mesmo um fato e não um mito.

Em Aracaju, pude localizar no Cemitério São Benedito o jazigo perpétuo onde estão os restos mortais de Simiana, identifiquei na lápide a data do seu falecimento - 15 de Agosto de 1950. Portanto, ela teria nascido mais ou menos na década de 1840 e teria visto tal epidemia que assolou a população da província de Sergipe Del Rey. Rosalina também não sabia quem eram os pais de Simiana, apenas relatou que sua avó teria convivido nos últimos anos da escravidão com um ex-escravizado mais velho chamado Crescêncio e que o mesmo era liberto e residia nas senzalas do engenho Limeira.

Com a análise de 1.578 imagens de registros de batismos da Igreja de Nossa Senhora da Guadalupe de Estância (1834-1849), pude localizar os nomes dos escravizados da sinhá

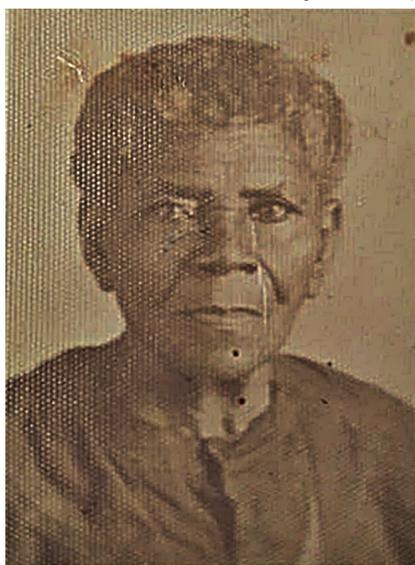
Maria Tereza de Jesus Nabuco que batizaram seus filhos. Embora não tenha localizado nenhuma Simiana entre os escravizados registrados, encontrei apenas uma pequena escrava chamada Maximiana, filha de Germana e Feliciano. Ao cruzar os dados do registro de batismo com os dados do inventário de 1856, utilizando o método nominativo, localizei informações que muito provavelmente escaparam da memória da nossa família.

Não tenho certeza que essa “Macimiana” (escrito no inventário com a letra “C”) do inventário é Simiana, a avó de Rosalina Santos, entretanto as evidências são nítidas de que se trata da mesma pessoa, ainda mais quando levamos em conta que os nomes nos documentos muitas vezes não eram pronunciados da mesma forma no dia a dia. Por exemplo, o nome Henriqueta, chamavam de “Riqueta”, ou somente “Quêta”, enquanto o nome “Pulquéria”, falavam “Pu.lu.qué.ra”.

Batizada em 31 de Outubro de 1847, Macimiana era filha de Germana e Feliciano. De acordo com o inventário seus pais eram dois africanos, na época Germana tinha 42 anos e Feliciano 50 anos, pais de Manoel Germano, Estevão e Macimiana. Se o registro de batismo de 1847 tratar-se de Simiana, então a mesma teria vivido 102 anos, corroborando com os relatos orais.

**Figura 02.** Simiana Maria do Sacramento, avó de Rosalina Santos. ex-escravizada pela família Araújo Nabuco (Engenho Limeira), s.d.

Fonte: Acervo de Joselita Araujo Salles.(RJ).



Mas as fontes não elucidam tudo. Decerto o inventário de 1856 e a consequente partilha dos bens definiu o destino de Macimiana e demais escravizados: ela, seus pais e

irmãos foram partilhados, herdados por João Maria de Araújo Nabuco Maciel e deveriam ir para o engenho Salobro, na Vila de Divina Pastora.

Conseguimos acompanhar mais um pouco da trajetória deles ao conferir o inventário do senhor do engenho Salobro. Com a morte de João Maria Nabuco Maciel em 1873, seus *escravos* foram inventariados por Antônia Júlia Tavares Maciel.<sup>44</sup> Nesse inventário conferi o nome da africana Germana e seus filhos Estevão e Germano, mas nem Feliciano e nem Macimiana constavam. Especulo que pela idade, o africano Feliciano tenha falecido entre 1856 e 1873 e que por algum motivo Macimiana tenha sido comprada ou “realocada” para o Engenho Limeira de João Maria de Araújo Nabuco, irmão do falecido senhor do Salobro. O que teria motivado a possível venda ou “realocamento”?

Em seus estudos Robert Slenes apontou que a separação dos casais por venda ou partilha de heranças não era uma prática muito recorrente em Campinas no século XIX (SLENES, 1987). Muitos estudos, a fim de destacar a agência dos escravizados, tem privilegiado casos em que estes eram vendidos por seu mal comportamento e insubordinação ao senhor, porém, é importante também lembrar daqueles que foram separados por venda, como no caso das amas-de-leite, afastadas de seus filhos ou dos casos de separação por partilhas de bens, como no caso de Tibúrcio.<sup>45</sup>

A venda e a separação de cônjuges escravizados, ou dos filhos menores de 15 anos tornou-se proibida somente após o decreto nº 1.695 de 15 de setembro de 1869. No caso do inventário de 1856, anterior ao decreto, houve certa “preocupação” em manter as famílias juntas, embora tenha identificado nas fontes, inevitáveis casos de filhos que foram separados dos pais, irmãos ou padrinhos. De acordo com Reis, é muito provável que a prática da separação tenha continuado mesmo com a lei de 1869, pois a Lei do Ventre Livre (1871) ainda tratava dessa mesma questão. (REIS, 1998).

Tibúrcio foi separado da sua irmã Luíza, como também perdeu o vínculo com seu padrinho, o africano “José Jeje”. Outro caso foi o *escravo* Marciano que se despediu da mãe - ela foi no mesmo comboio que levou Tibúrcio para Divina Pastora, enquanto Marciano seguiu para o Engenho Paty, igualmente afastado dos seus padrinhos João e Felipa. Ou seja, são pessoas escravizadas que tiveram suas trajetórias marcadas pela separação de seus entes queridos, arrancados de um convívio familiar por questões de partilha de bens dos seus

---

<sup>44</sup> Arquivo Municipal de Divina Pastora. Pacotilha: 05 (1871-1875), - Inventário de João Maria Nabuco Maciel, de 03 de novembro de 1873.

<sup>45</sup> Sobre a venda e separação de mães amas-de-leite e seus e filhos, ver REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. Histórias de vida familiar e afetiva de escravos na Bahia do século XIX, 1998, pp. 33-56.

senhores, foram para lugares distintos e em alguns casos jamais puderam se reencontrar novamente.

Sobre o caso de Simiana levantamos a seguinte questão: por algum motivo os nomes dos pais dela não foram transmitidos através da oralidade, mas o nome de Crescêncio, o “preto-velho” que ela cuidava na senzala da Limeira, sim. Segundo Rosalina Santos, Crescêncio era chamado de “Ti Crescêncio”, era respeitado por todos da Limeira. Ele “entendia das fases da lua”, do “tempo de tirar madeira” e entendia das marés. Até o senhor do engenho quando queria ir na capital da província, procurava Crescêncio para saber que horas deveria sair por causa da maré. Segundo Rosalina, para ir em Aracaju o senhor do engenho seguia de cavalo até Maruim e precisava que a maré estivesse baixa para atravessar os riachos até aquela cidade, de onde seguia de saveiro até a capital.<sup>46</sup>

Mas afinal, quem seria esse Ti Crescêncio? Encontrei no Arquivo Geral do Judiciário do Estado de Sergipe (AGJES) o inventário do Brigadeiro Guilherme José Nabuco de Araújo, marido da referida sinhá Maria Thereza de Jesus Nabuco, ou seja, pai de João Maria de Araújo Nabuco do Engenho Limeira. Nesse inventário de 1825, Crescêncio é descrito como “crioulo”, como um *escravo* “moço” avaliado em 170\$000 (cento e setenta mil réis). O que sabemos através das entrevistas com Rosalina Santos é que sua avó Simiana conviveu com Ti Crescêncio na senzala da Limeira, que ele não era o pai dela mas que era considerado como tal.

Muito provavelmente nos anos 1880 ele já estava com aproximadamente 70 anos, era considerado um mais velho, muito provavelmente um “liberto” pela Lei do Sexagenário de 1885. Podemos observar que Crescêncio fez parte de uma geração anterior de escravizados, possivelmente companheiro do tempo dos pais de Simiana e de outros escravizados mais velhos, por isso o termo “Ti” ou “Tio”, que demonstra familiaridade, expressão de um parentesco que não levava em consideração a consanguinidade:

**Rosalina Santos:** Ele era tio, na época ele era tio de todo mundo, até os próprios senhores, ele era de uma inteligência rara, ele não sabia ler mas sabia todo movimento do tempo, a lua, a maré, tudo ele sabia, quando iam tirar madeira pra fazer casa ou fazer móvel iam consultar Tio Crescêncio. (...) Sabia tudo de cor, sabia rezar muito, ele morreu eu acho que deve ter sido a pressão que baixou, porque ele começou sentir frio, começou sentindo frio e **deram chá e cobriram de cobertor** e coisa e ainda hoje ele tremendo aí ele “é minha gente vamo rezar o Santo Ufço” – risada. Vamo rezar o Santo Ofício minha fia que eu vou morrer. **Uma negrada da senzala se reuniu foi todo mundo rezar**, quando chegou do meio pro fim aí ele “agora vocês acabem que eu não posso mais falar”. Aí se despediu dos amigos, ele era tio de todo mundo, Tio Crescêncio e foi simhora. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju/SE, 23 jul. 2019, grifo nosso).

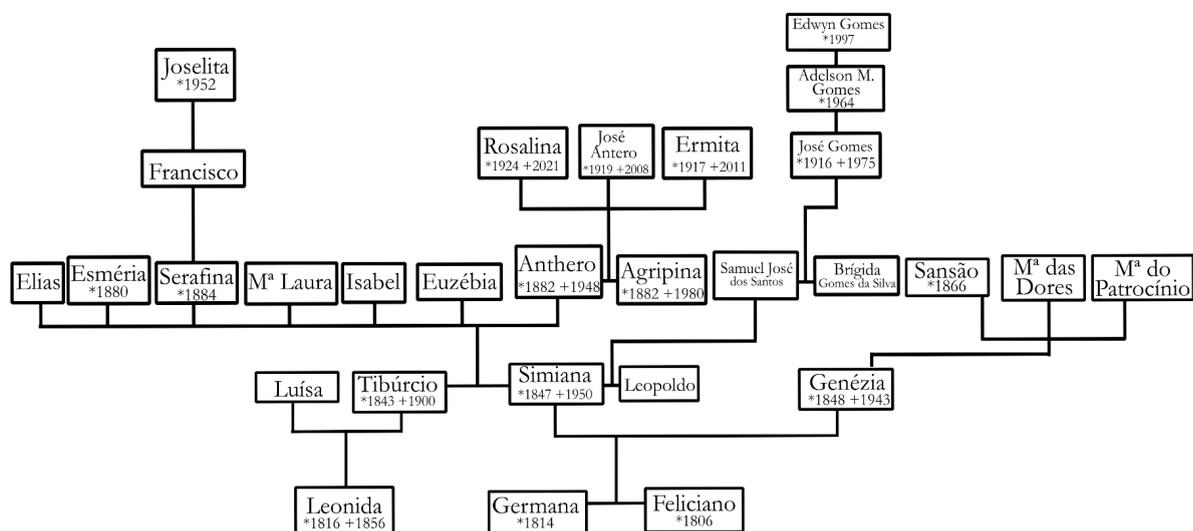
---

<sup>46</sup> Saveiro é um tipo de embarcação muito utilizada para navegação em rios, transporte de mercadorias e atividade de pesca.

Essa memória nos permite perceber que havia um respeito muito grande por Ti’Crescêncio e sua sabedoria. Também nos faz perceber como era o cuidado dos escravizados com os mais velhos ou aqueles que estavam com alguma enfermidade, expresso sobretudo no ato de rezar reunidos em torno do mais velho. Afastada do convívio com os pais quando tinha apenas 09 anos, “criada” por Crescêncio no engenho Limeira, provavelmente a caçula Simiana teria “recriado relações de parentesco” na senzala. (REIS, 2018, p. 228).

### Quadro genealógico 1. Síntese da nossa árvore ancestral paterna.

Elaborada a partir dos depoimentos de Rosalina Santos, Joselita Araujo Sales e dados obtidos nas documentações.



Segundo relatos de Rosalina Santos, “Vovó Simiana” tinha uma irmã chamada Genézia que foi escravizada no Engenho Lyra, atual município de Riachuelo (ver o mapa a seguir). Nos inventários levantados não localizamos o nome dessa irmã. Segundo Joselita Araujo (bisneta de Genézia por parte de mãe e bisneta de Simiana por parte paterna) Genézia contava que “não foi escrava mas viveu como uma”. Ela levantava a saia dizendo que era do “ventre livre” para que vissem que ela não tinha marcas de chibata nas pernas.

Seriam os africanos Germana e Feliciano os pais delas? Um indicativo interessante é que o nome Felic(iano) se assemelha ao nome Sim(iana) e o nome de (Ge)rmana se assemelha ao nome de (Ge)nézia. Cabe ressaltar que Simiana tinha em torno de 9 anos em 1856, quando ocorreu a partilha de bens. Talvez lembrar os nomes dos pais fosse um exercício doloroso, por

isso, Ti' Crescêncio se manteve nas memórias herdadas, enquanto os supostos pais africanos chamados Germana e Feliciano tenham sido “esquecidos”.

**Mapa 02.** Localização dos engenhos Limeira, Salobro, Lyra, Mouco, Sapé e Vassouras. Recorte da Cartografia de João Bloem, 1844 (editado). Fonte: Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.



Genézia foi escravizada no Engenho Lyra e viveu separada da sua irmã Simiana. Segundo Rosalina Santos, ela teria sido *escrava* de “Dr. Dionísio”, um médico “homeopata” natural de Riachuelo. Tratava-se do médico Dionísio Eleutério de Menezes<sup>47</sup>:

**Rosalina Santos:** Tia Genézia, a irmã de vó era escrava dele mas lá criou os filhos, era quem tomava conta da casa, a sinhá era inutilizada que ela não sabia, não sabia não, não tomava conta da casa que a nêga era quem tomava conta de tudo. Ela mandava e desmandava. Tia Genézia. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju/SE, 23 jul. 2019.)

Conforme Joselita Araujo, sua bisavó Genézia teve três filhos chamados Sansão, Maria das Dores e Maria do Patrocínio. Em 1875 o Dr. Dionísio Eleutério de Menezes classificou seus 30 *escravos* para serem libertados pelo Fundo de Emancipação, dentre eles

<sup>47</sup> Filho de José Sotero de Menezes e D. Rosa Florinda da Trindade, o bacharel Dionísio fez parte do Comício Agrícola Sergipense e foi sócio do IHGSE. Faleceu na cidade de Riachuelo em 1919. ver GUARANÁ, Manuel Armindo C. Dicionário bio-bibliográfico sergipano. Rio de Janeiro: Pongetti & C., 1925.

Sansão que na época tinha nove anos e foi avaliado em 500\$000.<sup>48</sup> Também encontrei o nome de José Vandique, na época com 11 anos, futuro genro de Genézia, filho de Thereza e José Pernambuco, nomes citados durante as entrevistas com Joselita Araujo:

**Joselita Araujo:** Maria do Patrocínio de Araújo Menezes [foi casada] com Vandique José de Menezes [e] geraram 18 filhos [mas] criaram 11 filhos. José Vandique era boiadeiro, em Riachuelo era filho de José Pernambuco e Maria Tereza de Jesus. (Entrevista concedida ao autor por Joselita Araujo Sales, 21 fev. 2022, Rio de Janeiro/RJ.)

Vó Simiana e vovô Tibúrcio foram casados consensualmente, ou seja, não chegaram a casar na Igreja Matriz de Divina Pastora. Além de Samuel, Simiana teve Anthero (pai de Rosalina), Esméria, Serafina (avó paterna de Joselita), Isabel, Maria Laura, Euzébia, Emília e Elias. (ver quadro genealógico 1).

**Quadro 1.** Registros de batismo localizados de filhos de Simiana.

<b>Nome</b>	<b>Data de nascimento</b>	<b>Data de Batizado</b>	<b>Filiação</b>	<b>Padrinhos</b>
Esméria	08/08/1880	19/09/1880	Simiana	Felismino e Severina
Anthero	03/03/1882	18/06/1882	Simiana	Manoel Cupertino d'Oliveira e Archimina d'Oliveira
Serafina	03/12/1883	02/03/1884	Simiana	Bemvindo e Felicidade

Localizamos os registros de batismo de três de seus filhos: Esméria nasceu em 1880 e foi afilhada de Felismino e Severina com pouco mais de um mês de vida. Como dito anteriormente, Anthero nasceu em 1882 e foi afilhado de Manoel Cupertino d'Oliveira e Archimina d'Oliveira aos três meses. Outra filha de Simiana que identificamos foi Serafina, nascida em 1883 e batizada em 1884.

Serafina foi afilhada de Bemvindo e Felicidade, esta última provavelmente uma companheira de senzala de Simiana que no inventário de 1856 tinha 42 anos, deveria estar

<sup>48</sup> APES. AG1,03/<sup>a</sup> DOC. 10. Cópia da classificação dos escravos do município de Laranjeiras. s/d. Muitos senhores saíram de suas vilas para cadastrar seus escravos em cidades como Laranjeiras e Maruim que já tinham mais suportes e administração pública mais avançada. ver: Os Classificados da Escravidão / org. , Josué Modesto dos Passos Subrinho. — Aracaju: Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, 2008. 302.

com mais ou menos 70 anos no ano em que se tornou madrinha de Esméria. Embora fossem casados consensualmente, em todos os registros os filhos aparecem com “filhos naturais” e não como “filhos legítimos” porque Simiana não tinha seu casamento reconhecido pela Igreja. De qualquer forma, devemos levar em conta que o sub-registro nas fontes e a “invisibilidade dos pais” não necessariamente significa ausência do pai. (REIS, 2018, p. 227).

Tibúrcio que exercia o ofício de carreiro no Engenho Limeira, tinha certo status social no engenho, pois segundo Rosalina Santos ele era o “único que o senhor confiava” para levar as sinhás da Limeira em visitas às amigas. Sobre o ofício de carreiro, o relato de Rosalina Santos confirma o que foi proposto por Jocineide Cunha dos Santos acerca do ofício de carreiro:

Além de vaqueiro, outra função masculina era a de carreiro que, em alguns casos, envolvia viagens a grandes distâncias. Transportavam os feixes de cana para serem moídos, ou ainda as caixas de açúcar para os portos. Função que requeria força, **confiança por parte do senhor**, habilidade com os animais e conhecer os caminhos. (SANTOS, 2021, p. 225).(grifo meu).

O Engenho Limeira esteve envolvido em movimentações de quilombolas lideradas por João Mulungu nos anos 1870. Segundo Igor Fonseca, autor de “*Por não querer servir o seu senhor: os quilombos volantes do Vale do Cotinguiba (Sergipe del Rey, século XIX)*”, uma escravizada de nome Ana Rita, ao ser interrogada sobre as movimentações quilombolas, informou que nas matas do Engenho Limeira havia “muitos rapazes”, que “estes passavam [o] dia de domingo” em um lugar chamado Mangueira, no mesmo engenho, e, com chegada da noite, “iam para as senzalas” e para “o corpo do engenho”. (OLIVEIRA, 2015, p. 164).

Muito provavelmente Simiana e Tibúrcio conviveram e conheceram esses *escravos* fugidos que faziam pouso nas matas da Limeira, mas a escolha deles não foi a fuga e a formação de quilombos. Com base na entrevista, podemos entender que o Coronel João Maria de Araújo Nabuco não confiava as sinhás para que outros escravizados exercessem a função legada à Tibúrcio e que o seu primogênito Anthero desde muito cedo já o acompanhava nas funções do engenho.

Conforme Ariza (2018, p. 171) “Por volta dos doze anos de idade, a criança cativa passava a acompanhar os mais velhos em tarefas mais pesadas; aos catorze a maturidade dos jovens trabalhadores era considerada completa.” Embora fosse “livre” por ter nascido após 1871, desde cedo Anthero participou dos afazeres no engenho, como acompanhar o pai Tibúrcio abrindo as cancelas para dar passagem ao carro de bois no qual Tibúrcio carreava as canas para moagem.

De acordo com Rosalina Santos, enquanto Tibúrcio conduzia o carro de bois, seu pai Anthero com pouco mais de 4 anos, ia dormindo no colo de uma das sinhás. O que esse relato nos revela é o que já foi apontado pela nova historiografia - a objetificação das crianças cativas e o “aprendizado” precoce do ofício exercido pelos pais, o que será discutido mais adiante. Com o fim formal da escravidão no Brasil, decretado no 13 de Maio de 1888, muitos escravizados procuraram reorganizar suas vidas. Alguns se afastaram dos plantéis, outros não, permaneceram nas propriedades “mediantes salários”. (SANTOS, 2013, p.288).

De acordo com com Moura (2021), em Sergipe o negro conseguiu se integrar numa *economia de miséria*, diferente daquelas regiões paulistas que receberam grandes contingentes de imigrantes, ou seja, esse processo dificultou mais essa população do que os negros do nordeste. Para o autor os negros do sudeste foram acometidos por uma marginalização maior enquanto no nordeste foram se integrando através de negociações e acordos como meeiros, posseiros, arrendatários, produzindo para engenhos banguês.

No caso da nossa família, a alternativa encontrada foi permanecer no Engenho Limeira. O fim da escravidão não significou que não iriam trabalhar mais, pelo contrário. Eles barganharam com Paschoal de Souza Ávilla, sucessor herdeiro do Engenho Limeira, a compra de um sítio, uma junta de bois e o carro. Com o “acerto” de compra do sítio, da junta de bois e do carro, Tibúrcio passou a carrear cana para a Limeira até quitar tal dívida, porém, segundo Rosalina Santos ele teria ficado doente e ao procurar o Dr. Serafim na cidade de Divina Pastora, foi receitado um medicamento. Tibúrcio foi orientado a retornar ao trabalho somente quando terminasse de tomar tal remédio :

**Rosalina Santos:** então ele comprou uma junta de bois, num sei, num me lembro mais quanto foi, já tinha comprado o terreno, um terreno grande que plantava, começou a fazer o sítio e depois comprou uma junta de bois. Parece que o terreno foi \$60.000,00 mil réis, num sei se a junta de bois foi sessenta também eu sei que ele tava com uma dívida muito alta e aquela responsabilidade, nosso avô tinha responsabilidade viu,(...). E então ele ficou doente e foi no médico, Doutor Serafim, ele passou um remédio, um remedinho, meu pai disse que o remédio não tinha gosto de nada,(...), você só pode trabalhar quando você tomar esse remédio todo, enquanto você estiver tomando esse remédio você não pode trabalhar, mas ele vendo o tempo se aproximando de pagamento, que ele comprou fiado pra pagar né, (...), se agoniou coitado, não tinha costume de dever, então alterou a dose do remédio, pra poder acabar logo, pra poder trabalhar,(...), aí minha avó [Simiana] foi lá no médico, eles moravam no sítio,(...) e ela foi no médico, agora pai disse que não sabe se ela não soube dizer como é que ele estava ou, eu sei que ele mandou outro remédio que piorou e intoxicou mais ainda e ele morreu intoxicado. Ainda era moço, pela forma que pai falava eu acho que ele tinha uns cinquenta e poucos anos e aí coitado morreu e a minha avó ficou com o carro, os bois e a dívida né, as meninas ainda mocinha Ti’Izabel mais Tio Elias eram menino mesmo e tio Elias então de três pra quatro anos e tia Izabel menina nova e as outras tudo mocinha, (...). (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju/SE, 17 mar. 2016)

**Rosalina Santos:** Pagaram o carro, pagaram o terreno, fizeram o sítio.[...] Seu Pascoal não tomou nada deles...

**Edwyn Gomes:** Quem era Seu Pascoal?

**Rosalina Santos:** A pessoa que vendeu o terreno e os bois. Era um senhor de engenho amigo, amizade entre gente rico e gente pobre. Mas era amigo.

**Edwyn Gomes:** De onde era ?

**Rosalina Santos:** Da Limeira. (engenho limeira)

Em 1900 Anthero estava com aproximadamente 18 anos quando viu seu pai Tibúrcio falecer intoxicado, fatalidade ocasionada em decorrência da sua preocupação e comprometimento com o trabalho, reflexo de anos de trabalho compulsório. Esse relato nos serve para desconstruir representações que circularam antes e após a abolição de que os ex-escravizados se tornaram “vadios”, “irresponsáveis”, “inclinados ao alcoolismo”, “criminosos”. Simiana assumiu a dívida e mesmo liberta continuou trabalhando com seus filhos para quitar a dívida. Anthero assumiu o ofício de carreiro, posto antes exercido pelo seu pai Tibúrcio:

**Rosalina Santos:** Lá era assim, por exemplo você tem o carro, você vem trabalhar por exemplo, no meu engenho pra tirar cana pra moer, você ganha aquela quantidade registrada e o carro e os bois também ganha, é como se tivesse alugando aquele carro. Resultado, meu pai [Anthero] ficou, coitado, era quem carreava. Ele disse que muitas vezes os carreiros mais velhos ficava “não meu fio não é assim não, descanse mais um pouquinho” e aquela coisa toda, num sabe? Porque tinha pena dele, ele era magrinho coitado, pelejando com o carro, eu sei que ele disse que quando vinha com o dinheiro entregava todo a minha avó [Simiana], “Deus é testemunha nunca fiquei com um tostão da minha mãe, porque eu via a necessidade que tinha que pagar tudo e tudo o dinheirinho curto”. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju/SE, 17 mar. 2016).

Os primeiros anos de 1900 foram marcados pelos nascimentos das sobrinhas e sobrinhos, filhos de seus irmãos e irmãs, os primeiros netos de Simiana e Tibúrcio, a primeira geração pós-abolição. Convém destacar que esses anos foram marcados por manifestações populares, muitas vezes celebrando a liberdade e o fim da escravidão, comemorações que eram associadas aos festejos para São Benedito e à Nossa Senhora do Rosário.

Dois filhos de Simiana chamados Samuel e Elias foram figuras importantes nesse cenário cultural divina-pastoreense pós-abolição. Sob a batuta deles a Chegança de Divina Pastora encenava as lutas entre cristãos e mouros, cujo papel do “Rei dos Mouros” era traquejado por Samuel, assunto que será aprofundado em um trabalho futuro.

Joselita, assim como Rosalina, não sabiam os nomes dos pais de Simiana e Genézia. Por que os nomes dos pais delas não foram transmitidos através da oralidade nas gerações

seguintes? De acordo com Pollak (1989, p. 07) certas experiências podem se tornar difíceis de serem expostas diante de narrativas dominantes, neste caso talvez a dificuldade em construir uma identidade social positiva enquanto filha de africanos escravizados tenha impossibilitado a transmissão dessa informação através das gerações.

## 1.2 Família materna: “A história começa por Vovó Brígida”<sup>49</sup>

Segundo Rosalina Santos, sua mãe lhe contava que a origem da nossa família era Vovó Brígida, uma mulher que foi escravizada no Engenho Sapé e que teve uma filha chamada Rosalina (a primeira):

**Rosalina Santos:** [vovó Brígida] não foi casada e deixou essa única filha, tanto assim que Rosalina era branca, quer dizer, branca misturada com negro né. Porque mãe diz que ainda se lembra ela tinha os olhos claros, os cabelos eram castanho, ainda o restinho que tinha, assim por debaixo dos outros que não estavam brancos, era castanho e **não era cabelo assim espantado não**, era cabelo mermo fino, era, como ela dizia vovó Brígida teve **barriga boa** – risada. Daí nasceu Rosalina. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju/SE, 28 ago. 2015, grifo meu.)

Rosalina Santos: Eu tenho impressão que Brígida era filha de africana, agora o pai de Rosalina era branco, ela era africana e ele era branco (Entrevista concedida ao autor, por Rosalina Santos, Aracaju/SE, 28 ago. 2015).

Expressões muito populares como “barriga boa” e “cabelo espantado” são ecos do *racismo inconsciente*, no caso em questão reproduzido por Agripina ao falar sobre sua avó. As expressões “barriga boa” ou “barriga limpa” geralmente são utilizadas para se referir às mulheres negras que dão à luz crianças brancas, enquanto “barriga ruim” ou “barriga suja” é utilizada para se referir às mães negras que dão à luz crianças negras. São representações que determinam o que é aceitável e bom associado ao branco, em contraposição ao inaceitável e ruim, atribuído aos negros, “percebido em atos falhos, “sem querer”, piadas e “brincadeiras”.<sup>50</sup>

Localizado em Divina Pastora, o Engenho Sapé pertencia a José Sotero Barreto e Mariana Francisca de Menezes Barreto. Separadas pelo rio cotinguiba, enquanto Brígida trabalhava no eito de cana do Engenho Sapé, na outra margem, Rosalina vivia na casa-grande

<sup>49</sup> Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju/SE, 26 out. 2015.

<sup>50</sup> Sobre expressões racistas presente no vocabulário popular ver: Expressões racistas : como evitá-las [recurso eletrônico] / Tribunal Superior Eleitoral. – Dados eletrônicos (107 páginas). – Brasília : Tribunal Superior Eleitoral, 2022. A respeito do conceito de racismo inconsciente conferir o seguinte artigo: SANTOS, Mauro Fernandes dos. O lugar do negro: o negro no seu lugar. Entre o local e o global. Anais do XVII Encontro de História da Anpuh-Rio. Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, p.01-09, Agosto, 2016.

do Engenho Mouco. Servindo como mucama, segundo Rosalina Santos, sua bisavó aprendeu a escrever o próprio nome, pontinhos e bordados:

**Rosalina Santos:** Eu suponho que ela tenha sido filha de algum dos brancos, porque ela era branca, da pele clara,(...), mãe conheceu a avó dela. Rosalina era avó da minha mãe, mãe do pai de mãe, mãe conheceu. Ela foi criada diferente, porque ela era diferente, ela sabia ler, pouquinho mas sabia! Porque naquele tempo diz que os senhores, os donos de engenho mandava buscar na vila ou sei lá, professora pra ensinar os filhos em casa. Apois assim, então, eles contratavam professores pra ensinar e ela foi criada em casa, ela não foi pra roça, ela fazia o seurvicinho[sic] de casa essa coisa toda, aproveitou algumas aulas e tudo e aprendeu a saber fazer o nome dela, lia alguma coisa, não era essa coisa mas não era analfabeta de uma vez. (Entrevista concedida ao autor, por Rosalina Santos, Aracaju/SE, 26 out. 2015)

De fato, pois, conforme Orlando Dantas em seu livro *A vida patriarcal de Sergipe*, “O engenho [Mouco] era um complexo agroindustrial, obrigado pelas circunstâncias físicas, econômicas e políticas a manter capelão, professora (...). A professora encarregava-se de proceder à iniciação escolar dos meninos, (...).” (1980, p. 59). Propriedade de Francisco Correia Dantas, o engenho Mouco e o engenho Vassouras pertenceram aos Dantas e aos Barreto, eram primos dos donos do Engenho Sapé. Apesar de separados geograficamente pelo rio, o engenho Sapé e o engenho Mouco possuíam certa “proximidade” porque a filha de José Sotero Barreto, chamada D. Maria Victória Barreto, casou-se com Francisco Correia Dantas, dono dos engenhos Mouco e Vassouras.<sup>51</sup>

Talvez por isso Rosalina (a primeira) tenha sido separada da sua mãe Brígida, muito provavelmente ela tenha sido “dada” por ocasião do casamento da filha de José Sotero Barreto, senhor do engenho Sapé, onde sua mãe Brígida trabalhava. A suposição de Rosalina Santos sobre sua bisavó Rosalina ser filha de um dos brancos não é mera ilação, mas um fato.<sup>52</sup> Convém destacar que durante o período de escravidão, homens e mulheres foram submetidos a diferentes formas de violência físicas e sexuais.

Vítimas de abusos, mulheres escravizadas eram forçadas a manter relações sexuais com homens brancos, questão por muito tempo silenciada ou romantizada por autores como Gilberto Freyre. “O tema é normalmente silenciado ou idealizado como encontro amoroso, ou quase, ocorrido sob os auspícios de uma escravidão íntima e adocicada”. (MACHADO, 2018, p. 338). Essas crianças pardas, frutos dessas relações, eram geralmente alforriadas ou tornavam-se “crias da casa”. (AMARAL, 2012, p. 252).

<sup>51</sup> ver FRANCO, Emmanuel. O clã do Engenho Porteirias. in: Revista da Academia Sergipana de Letras.2002, p. 293-328.

<sup>52</sup> No quarto capítulo discutiremos sobre isso com base nos dados de DNA de Rosalina Santos.

Do idioma Quimbundo, mucama ou *mukamba* significa “escrava amante”, eram chamadas assim as mulheres escravizadas que realizavam serviços domésticos, mais precisamente as que acompanhavam as senhoras ou as filhas do senhor do engenho. Por vezes recebiam tratamento diferenciado que incluía ensino de boas maneiras, aula de línguas estrangeiras, podiam se tornar amas de leite dos filhos dos senhores etc. Diferente dos escravizados da roça, a mucama tinha acesso a um mundo diferente daquele vivido pelos demais escravizados, entretanto, sua condição não a livrava de violências cotidianas, de castigos físicos, de restrições impostas pela “sinhá-dona” ou pelas “sinhazinhas”.

É muito provável que a primeira Rosalina tenha sofrido com a distância da mãe e tenha convivido ao lado de Maria Vitorina, apontada na obra de Orlando Dantas como “a mulata da casa, filha de um dos senhores e encarregada de assistir o velho Comendador Dantas”. (DANTAS, 1980, p. 36). Conforme Rosalina Santos, o casamento da sua bisavó Rosalina foi “arranjado” pelos senhores do Mouco, que se encarregaram de construir a casa do casal. Talvez esse casamento tenha sido uma imposição ocasionada pela sua condição de mucama, já que haviam engenhos que impediam amas solteiras.<sup>53</sup>

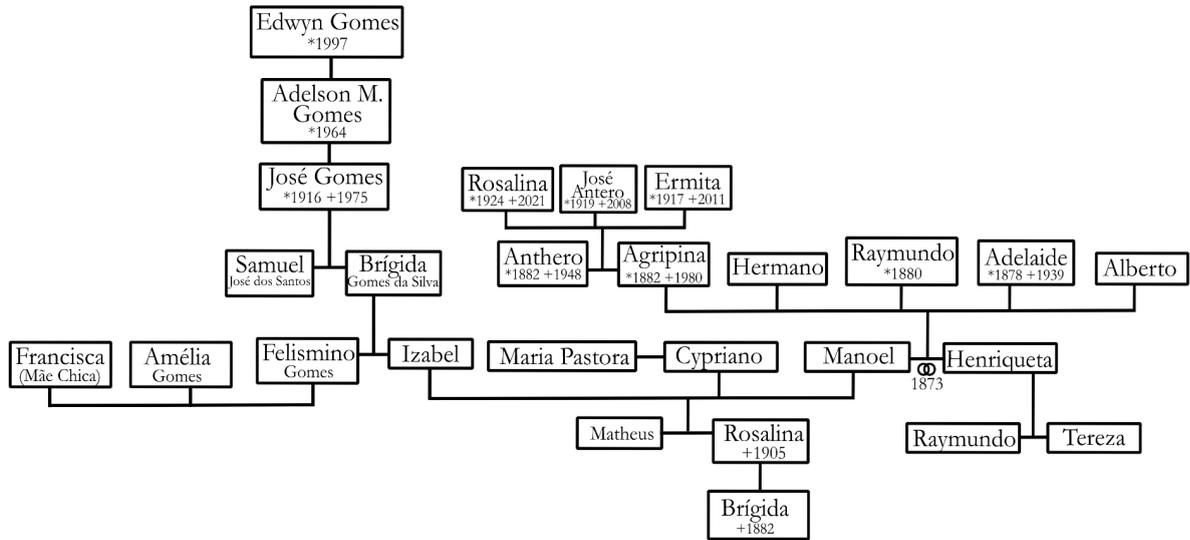
Casada com “papai Matheus”, muito provavelmente Rosalina foi “ama de leite”, já que de acordo com as documentações seu filho era escravo de Francisco Vieira Barreto do Engenho Sapé, mesmo engenho que sua mãe Brígida foi escravizada. Muito provavelmente Brígida criou seu neto Manoel. Além de Manoel, Rosalina e “papai Matheus” tiveram Cypriano e Izabel (minha trisavó, ver quadro genealógico 2 a seguir).

---

<sup>53</sup> ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. Memórias de Dona Sinhá. Aracaju: Typografia Editorial / Scortecci Editora, 2005. p. 104-105

### Quadro genealógico 2. Síntese da nossa árvore genealógica.

Elaborada a partir dos depoimentos de Rosalina Santos e dados obtidos nas documentações.



É interessante observar que nessa árvore ancestral há repetição de nomes como Brígida e Rosalina, o que podemos entender como forma de homenagear os antepassados, como também um modo que reafirma as histórias deles. Cada vez que uma criança recebe um nome da avó(ô) ou bisavó(ô), pressupomos que algo relacionado ao ente homenageado retorna ao presente através da memória e oralidade. Talvez isso explique porque essa memória “genealógica” se manteve ao longo dos anos.

Os avós de Rosalina Santos chamavam-se Manoel, ou “Mané Rodrigo” e Henriqueta conhecida como “Riquêta” ou “Mãe Quêta”. Manoel foi escravizado por Francisco Vieira Barreto, mas havia sido alforriado por ocasião da morte do seu senhor, casando em 1873 na capela do engenho Sapé com Henriqueta, uma mulher negra escravizada por Mariana Francisca de Menezes Barreto, filha de José Sotero Barreto, senhor do Engenho Sapé.<sup>54</sup> Uma curiosidade: ao batizar sua segunda filha em 1878, Manoel foi descrito no registro de batismo como “escravo do orfão finado Francisco Vieira Barreto”, ou seja, voltou à condição de cativo pela pena do padre que realizou tal cerimônia. O que terá ocorrido? Será que Manoel foi registrado como “escravo” de modo “incauto”? Sua condição de liberto foi ignorada? Ou será que no seu casamento ele foi registrado erroneamente como “ex-escravo”?

Não podemos responder todas essas perguntas, mas há de se supor que durante sua cerimônia de casamento não tenha ocorrido nenhum erro, mesmo porque a cerimônia ocorreu no próprio Engenho Sapé, diante de testemunhas como José Manoel Barreto e Mathias

<sup>54</sup> Livro de Matrimônios da Igreja Matriz de Divina Pastora (1864-1888). Manoel e Henriqueta, (29/11/1873) f. 50.

Gonçalves Barretto, provavelmente membros da casa-grande. O que ocorreu entre o casamento (1873) e o batismo da sua filha (1878) não sabemos, assim como não sabemos porque sua condição de liberto foi revogada, porque o padre lhe registrou como *escravo*?

A “crioula” Henriqueta era filha dos *escravos* Raymundo e Tereza, também escravizados no engenho Sapé, mas eles pertenciam ao “sinhozinho” Manoel Cardoso de Jesus, filho de José Sotero Barreto. Nas documentações levantadas, Raymundo e Tereza aparecem como padrinhos de Silvéria, filha de Jacob e Romana, escravos de Maria Júlia de Loureiro Maior, em 1858. Conforme Rosalina Santos, Pai Raymundo era “afrodescendente” e Vó Theresa era “bem pretinha”. Podemos notar uma rede de relações de sociabilidade e solidariedade entre os escravizados do engenho Sapé, podendo inclusive Henriqueta ser filha de africanos, no caso sua mãe Tereza, já que Henriqueta foi descrita como “crioula” ou seja, como filha de africana. De acordo com Rosalina Santos, Brígida e Rosalina (a primeira) auxiliaram Henriqueta na hora do seu primeiro parto, mas Henriqueta foi impedida de criar seu filho:

**Rosalina Santos:** Mãe Quêta coitada foi pra casa da sogra ter o filho e quando acabou, saiu deixando o filho na mão de vovó Brígida e de Rosalina. Quando o primeiro bisneto nasceu ela [Brígida] se apegou, era bem velhinha e se apegou ao primeiro bisneto,[...]. Ah eu vou criar o meu fio, vou criar o meu fio, Riquêta minha fia tu é muito nova num sabe criar menino, eu crio, foi ela [Brígida] que batizou “ e vai se chamar Aberto” – risada. Passou uns quatro anos, que ela já estava velhinha, não durou muito quando ela viu que ia morrer, “Óia Zalina”, (...), eu sei que eu vou morrer, não vou me levantar mais daqui dessa cama, quem morre sou eu, quem fica viva é tu, tu não dá meu fio pra Riqueta criar que ela não sabe criar que ela é muito nova não sabe criar menino e Rosalina com primeiro neto, apaixonada pelo primeiro neto aí não deu. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 12 Mai. 2019, Aracaju/SE)

Conforme Rosalina Santos, seu avô Manoel não teve coragem de tomar o próprio filho por medo de sua avó “morrer de sentimento”. Antes de morrer, Brígida encarregou sua filha Rosalina(a primeira) para cuidar de Alberto, o primeiro bisneto. Conforme o registro de óbito, Brígida “morreo do coração” aos 40 anos em 1882 e pertencia então a José Caetano da Silva Loureiro.<sup>55</sup> De acordo com Emmanuel Franco, José Caetano da Silva Loureiro era irmão de Joana Loureiro Barreto, mãe de José Sotero Barreto, senhor do Engenho Sapé.<sup>56</sup> É possível que com a morte dos seus senhores e o processo de partilha de bens, ela tenha sido “herdada” por José Caetano da Silva Loureiro, referido no seu registro de óbito.

Conforme Rosalina Santos, seu tio Alberto tinha entre 04 a 05 anos quando vovó Brígida morreu, o que faz sentido porque se diminuirmos a data do óbito dela pela idade de

<sup>55</sup> Livro de Óbitos da Igreja Matriz de Divina Pastora 1879-1882. f.16

<sup>56</sup> FRANCO, Op. cit., p. 319.

Alberto encontramos o ano de nascimento dele. Portanto ele teria nascido em 1877 e sua irmã Adelaide em 1878. (ver quadro 2 a seguir ).

**Quadro 2.** Registros de batismo localizados dos filhos de Henriqueta e Manoel.  
Registros de Batismos da Igreja Matriz de Divina Pastora. (1876-1892).

<b>Nome</b>	<b>Data de nascimento</b>	<b>Data de Batizado</b>	<b>Filiação</b>	<b>Padrinhos</b>
Adelaide	28/03/1878	03/10/1878	Manoel e Henriqueta	Cypriano e Rosalina
Raymundo	28/09/1880	01/11/1880	Manoel e Henriqueta	Izabel e Felismino
Agripina	02/03/1882	02/07/1882	Manoel e Henriqueta	Justino e Francisca

Os registros de batismo não só nos revelam a teia de relações de compadrio intra-familiar como também constam nomes de familiares relatados nas entrevistas com Rosalina Santos. Portanto, Adelaide, filha de Manoel e Henriqueta, teve sua própria avó Rosalina e seu tio Cypriano como padrinhos de batismo, assim como Raymundo teve sua tia Izabel e Felismino como padrinhos (os meus trisavós). Os padrinhos de Agripina eram Justino e Francisca. Segundo Rosalina Santos, Justino era seu tio, filho do seu avô Manoel antes do casamento com Henriqueta, portanto Justino era irmão de Agripina por parte paterna e Francisca muito provavelmente era a “Mãe Chica”, citada nas entrevistas como uma das irmãs de Felismino. (ver gráfico genealógico 2).

Rosalina e Brígida moravam juntas na “Presá”, como era conhecido o atual município de Santa Rosa de Lima. Com o advento da abolição da escravidão em 1888 houve a consequente formação de um reduto negro nas proximidades do engenho Mouco conhecido como “as baixinha” ou “baixa”.

Fraga Filho (2006) ao analisar processos crime no recôncavo da Bahia, identificou “práticas de ajuda mútua e solidariedade” entre trabalhadores rurais que permaneceram próximos dos engenhos após a abolição. Assim como na Bahia, trabalhando nas usinas, nos canaviais ou mesmo nas suas roças, homens e mulheres negros, alguns “primos” dos tempos de cativeiro, se solidarizavam nesse reduto chamado de “baixa”, em Santa Rosa de Lima. Algumas mulheres negras mais velhas tomavam conta dos filhos daqueles que iam para as

usinas, outras como minha bisavó Brígida Gomes da Silva, eram costureiras e donas de casa.

Segundo Rosalina Santos:

**Rosalina Santos:** As baixinha era, antes da pessoa ir de Divina Pastora pra Santa Rosa, antes de entrar na Presa, que antes era a Presa, tinha uma baixa onde os negros se acomodaram ali e fizeram casa, esses negros eram do engenho do Mouco, era do Mouco, Santa Rosa, antes de chegar em Santa Rosa, depois fizeram, como se fosse um.. um... como se fosse um povoado... aqueles negros todos eram pertencentes ao senhor do Moco, depois que aconteceu abolição, aí eles ficaram ali restava ali, ficaram ali (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 26 Out. 2015, Aracaju/SE).

**Rosalina Santos:** vovó Chica, era uma que tinha na baixinha num sabe, que tomava conta daquele povo todo daquelas crianças que os pais saia pra trabalhar e ela ficava tomando conta dos menino, dava comida a todo mundo, quando era de tarde, dava banho, dava comida , quando eles chegavam da roça os meninos já estavam dormindo, e tudo chamava ela de Mãe Chica. (Entrevista concedida ao autor, por Rosalina Santos, 12 Mai. 2019, Aracaju/SE).

Com a República em vigor, são os grandes fazendeiros que, na virada do século, organizam-se em oligarquias e passam a ocupar os cargos importantes, determinando através da política de subsídios em benefício dos imigrantes e a traçar as diretrizes para alcançar o progresso desejado, ocupando espaços de poder “que usaram para influenciar a formulação de políticas trabalhistas estatais”. (ANDREWS, 1998, p.37).

Em Sergipe as migrações negras no pós abolição não foram aceitas por alguns ex-senhores de engenho que usaram disso como premissa para criação de políticas coercitivas e “anti-vadiagem”, criticando através de artigos de jornais e revistas, sugerindo meios para impedir outras formas de subsistência que não fossem o trabalho nos antigos engenhos. (SOUZA NETO, 2016).

Uma das expressões dos ideais e do descontentamento dos ex-senhores foi a *Revista Agrícola*, que publicava artigos com discussões sobre o que fazer com os egressos do cativeiro, vistos como “vadios” e “desleais” por não permanecerem nos antigos engenhos. O mecanismo encontrado pelos senhores era limitar a liberdade da população negra, assegurando o funcionamento dos códigos de postura, a criação de leis anti-vadiagem, como dito, leis coercitivas para que a população negra permanecesse no trabalho agrícola.

Nos muitos processos existentes nos arquivos sergipanos encontramos diversos casos que retratam a insubordinação tanto de ex-escravos quanto de ex-senhores, o que exigia trabalho redobrado das forças públicas, que, muitas vezes, pela fúria desenfreada dos senhores, ensandecidos com a perda de suas “propriedades humanas” realizavam por iniciativa particular, “acertos de contas” e tentavam a todo custo restabelecer a ordem às chibatadas.(AVELINO, 2010, p. 60)

Criado por Rosalina (a primeira), Alberto estudou carpintaria e marcenaria em Laranjeiras e por lá conheceu Joana, com quem se casou. Rosalina Santos não conheceu seu tio Alberto, ela relatou que ele morreu novo mas que nos anos 1930 visitava a esposa dele, a quem chamava de “Tia Joanhinha”, que residia na Rua de Socorro em Aracaju, localizado no bairro “Carro Quebrado”, atual bairro São José.

No Arquivo Geral do Judiciário do Estado de Sergipe (AGJES), encontrei um inventário de 1919 cuja suplicante chamada Adelaide Maria de Jesus inventariou uma “casinha de telha e taipa” que pertencia à sua mãe chamada Maria Rosalina de Jesus falecida em 1905.<sup>57</sup> Não por acaso, a casa da inventariada estava localizada na Rua Santa Luzia, uma rua perpendicular à Rua de Socorro que Rosalina Santos visitava quando criança. (ver o mapa a seguir).

Como afilhada da primeira Rosalina, é possível que a tia Adelaide tenha recorrido à justiça para inventariar uma casinha que sua avó havia deixado. Convém lembrar que os últimos anos da escravidão e os primeiros anos do pós-abolição também foram marcados pela adoção de sobrenomes dos ex-senhores pelas famílias negras e tais adoções ou recusas variavam de acordo com os interesses em jogo.

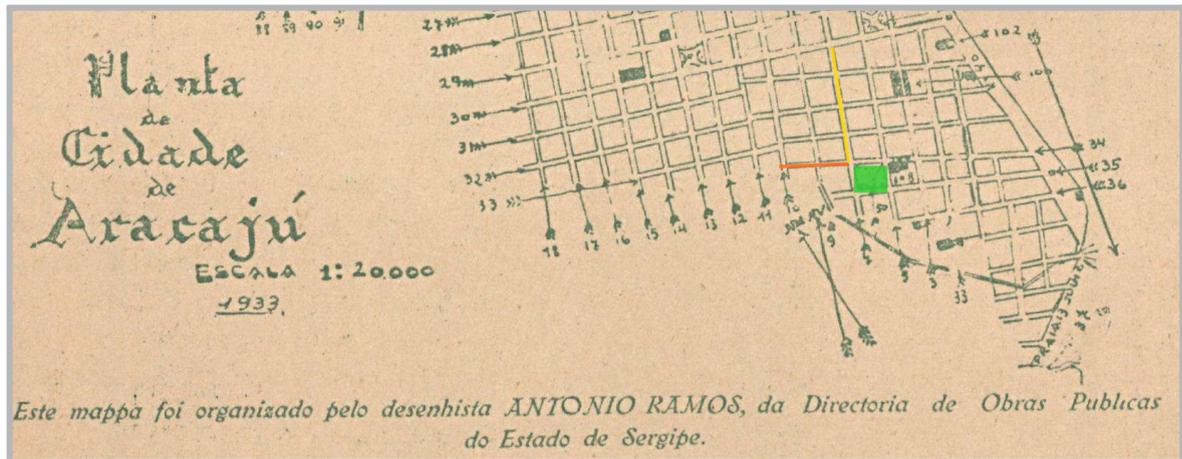
Conforme Scott e Hébrad, (2014, p. 44), mediante força de lei, na ilha de Saint Domingue os libertos foram proibidos de adotar o sobrenome de famílias francesas. No caso da primeira Rosalina, como filha de algum branco e ex-mucama no Engenho Mouco, os sobrenomes “Maria de Jesus” é um indício que pode estar relacionado ao sobrenome da “sinhá-dona” Maria Clara de Jesus Azevedo Barreto, do Engenho Sapé. Ou seja, existem grandes possibilidades do inventário se referir a Rosalina Maria de Jesus, a bisavó de Rosalina Santos.

---

<sup>57</sup> AGJES, Cartório Aracaju, 1919-1920, caixa A30<sup>2</sup>. Inventariada: Maria Rosalina de Jesus.

**Mapa 03.** Planta da cidade de Aracaju, 1933.

Em amarelo a Rua Santa Luzia, em laranja a Rua Socorro e em verde a Praça Pinheiro Machado no Carro Quebrado, atual Praça Tobias Barreto, bairro São José, Aracaju/SE.<sup>58</sup>



Com “uma porta e duas janellas”, consta no documento que Adelaide desejava ter plenos direitos sobre a tal casa, visto que para consertá-la teve “necessidades de pedir esmolas, tal é o seo estado de pobreza” o que destoa do depoimento de Rosalina Santos sobre sua tia Adelaide ser uma mulher “rica” e dona de terras, segundo Rosalina Santos:

**Rosalina Santos:** Ela ficou rica depois da morte [do marido e comprou] um engenho que não funcionava mais, as terras do engenho,(...), Jacaré.(...) que eles trabalhavam, depois que ele morreu ela veio morar em Santa Rosa. (...) Trabalhava na roça vendendo... eles dois trabalhava na roça, mãe dizia que ele já era homem feito mesmo, o marido dela, [chamava-se] Sinfrônio. E ela era bem mocinha, trabalhavam juntos, tiveram uma única filha [chamada] Tercília! (...). (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 12 Mai. 2019, Aracaju/SE).

<sup>58</sup> Recorte do Mapa Político do Estado de Sergipe, 1933. Arquivo Nacional Brasil. Disponível em: <<https://bit.ly/2Kzd6TB>>. Acesso em: 26 de julho de 2022.

**Figura 03.** Adelaide, nascida em 1878.  
Filha de Manoel e Henriqueta, tia de Rosalina Santos. s.d. Fonte: Acervo de Rosalina Santos.



Então, teria Adelaide recorrido à justiça, argumentando de tal forma, ao apelar ao Juiz Municipal Luiz Loureiro Tavares para convencê-lo e assim ter plenos direitos sobre a tal casa? Não sabemos, mas os indícios apontam que tal inventário se refere às mesmas pessoas. Desse relato podemos inferir que a primeira Rosalina chegou a ter uma casa na capital Aracaju, desde meados de 1880, talvez fruto da sua relação com a família do Engenho Mouco e Sapé.<sup>59</sup> Outro fato curioso é que de acordo com o inventário, a primeira Rosalina teria falecido em 1905 e Adelaide só teria recorrido à justiça 14 anos após o falecimento dela, em 1919. Muito provavelmente, com a morte de Alberto, o primeiro neto, a casa seria da segunda neta - Adelaide.

**Rosalina Santos:** (...)Justamente, [Tio Alberto] morava no Carro Quebrado, naquela rua, como é meu deus o nome da rua? A Rua de Socorro, sabe. Olhe a praça Tobias Barreto, deixe eu ver, Coronel Stander desse lado e a outra desse lado, que segue pra lá.(...)É a Rua de Socorro, engraçado nunca mudaram de nome.(...)(Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 28 Ago. 2015, Aracaju/SE).

<sup>59</sup> Lançamento da décima urbana desta capital e (...). Jornal de Sergipe, Aracaju, 23/10/1880. p. 4. Disponível em: memoria.bn.br. (acesso em: 01/12/2022).

**Figura 04.** *Das friden Christi*, s.d.

A paixão de Cristo. Quadro que Manoel presenteou Rosalina (a primeira). Esse objeto encontrava-se na parede da casa de Rosalina Santos, objeto de memória da família.

Fonte: Acervo do pesquisador, em 20 de Junho de 2016.



Ainda de acordo com Rosalina Santos, seu avô Manoel, liberto, ao ter ido pela primeira vez à capital Aracaju, teria ficado impressionado com o movimento da cidade e teria comprado um *souvenir* para a sua mãe Rosalina, um quadro da “Paixão de Cristo” que foi herdado por Agripina e em seguida por Rosalina Santos. Essa lembrança sobre o avô em Aracaju pode ser considerada um indício das movimentações na capital e o quadro um objeto de memória.

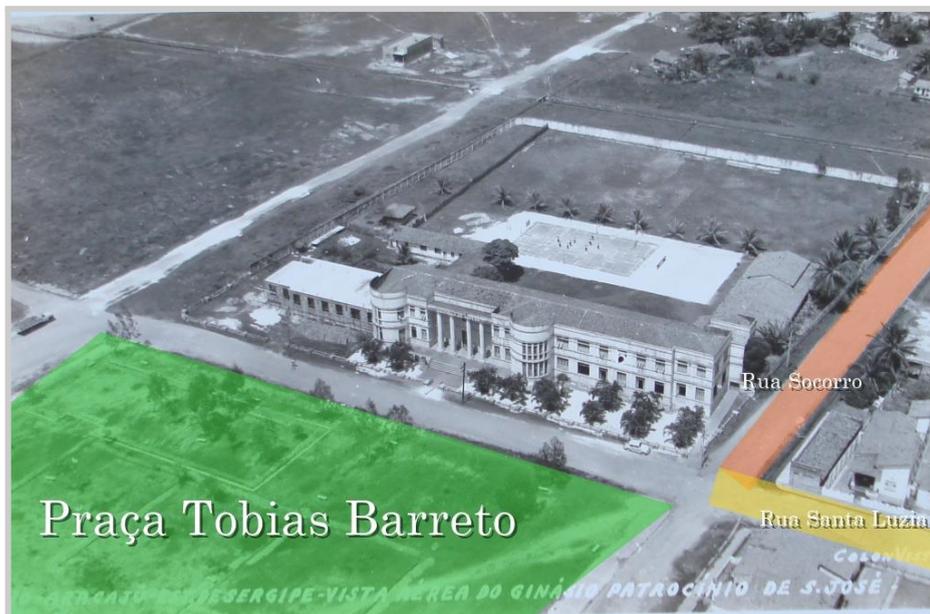
**Figura 05.** Casa no cruzamento das ruas Santa Luzia e Socorro, Bairro São José.

Provavelmente a casa referida por Rosalina Santos seja esta. Fonte: Acervo do autor. (24/08/2022).



Souza Neto (2016) em sua dissertação de mestrado, identificou através de fontes judiciais e jornalísticas que no início do século XX a Rua de Santa Luzia era habitada majoritariamente por negros e negras, residência de “mulheres de vida pública”. Além disso, esse autor também identificou a ação de mulheres perante os tribunais, como a africana Mathilde que recorreu à justiça para obter posse de uma casa na Rua Capela. Nessa região da antiga Praça Pinheiro Machado, atual Praça Tobias Barreto, havia feira e bancas que foram autuadas pelas autoridades policiais pela prática de jogos, proibido no Código de Postura.<sup>60</sup>

**Figura 06.** Vista aérea do Ginásio Patrocínio de São José em 1940.  
Autor desconhecido. Provavelmente a casa da esquina é a tal casa mencionada no inventário.



### 1.3 Conclusão

Através do método nominativo, cruzando os relatos de Rosalina Santos e as documentações pudemos identificar nomes de sujeitos como os africanos Feliciano e Germana, assim como Leonida a mãe de Tibúrcio, além de informações sobre Ti Crescêncio, o pai de criação, o preto velho respeitado por todos, considerado membro da família de Simiana na senzala do Engenho Limeira. Neste capítulo apresentamos a formação das famílias materna e paterna de Rosalina Santos, apontando que consanguíneas ou não, foram as

<sup>60</sup> ver Santana, Cleber de Oliveira. Ê gente que samba! práticas culturais e sociabilidades na cidade de Aracaju/SE. 2011. (p. 53).

famílias negras escravizadas, núcleos que possibilitaram alento, cuidado nos anos de cativo e com o fim da escravidão permitiram relativa estabilidade principalmente através de redes de apoio e relações de compadrio, vistos como estratégias de sobrevivência.

Com o fim da escravidão, os sobrenomes variaram de acordo com os interesses em jogo, pessoas como Adelaide que recorreu à justiça para reaver a casa da avó e madrinha Rosalina, ex-escravizada. No caso da família materna, observamos que houve uma repetição dos nomes dos avós ou bisavós como formas de homenagem e que muito provavelmente isso favoreceu a manutenção dessa memória genealógica extensa. Nem tudo foi transmitido, nem toda memória foi repassada - a memória da dor, da perda, foi transmitida através das gerações, mas alguns assuntos mais delicados não.

Como ficou observado, o fim da escravidão não representou o fim do trabalho para as nossas famílias, aliás, procuraram refazer suas vidas, se estabeleceram como lavradores ou “roceiros”, mantiveram relações de trabalho, negociaram ou se afastaram dos antigos engenhos, migraram a princípio para a capital Aracaju. Essa memória da experiência do cativo pelos bisavós, avós, tios e pais fez parte da trajetória e teve certo impacto na vida de Rosalina Santos, refletindo de certo modo na pessoa que ela se tornou, servindo de base para uma conduta, para a moral, os valores que ela seguiu durante sua vida e que apresentaremos nos capítulos subsequentes.

Famílias negras existem. Há fontes suficientes para elaboração de genealogias negras em Sergipe. Com base nas narrativas de Rosalina Santos, nos indícios presentes nos documentos, podemos entender a história da nossa família como uma história dinâmica, com trajetórias permeadas por tomadas de decisões, muito distante de um quadro “patológico” ou “anômico” como a historiografia já tentou definir.

## 2 - SABERES, SABORES E PASSEIOS: INFÂNCIAS NEGRAS NO PÓS-ABOLIÇÃO EM SERGIPE.

A jovem Agripina dizia à sua avó Rosalina, a quem chamava “Mãe Nim”, que se um dia tivesse uma filha, colocaria o nome dela. Segundo Rosalina Santos, sua mãe Agripina teve uma filha, mas colocou o nome de sua amiga Ermita. O segundo filho foi chamado José e a terceira recebeu o nome de Rosalina, mas morreu ainda bebê. Embora estivesse em declínio desde as primeiras implementações das políticas sanitárias, em 1930 a mortalidade infantil no Brasil era de aproximadamente 168%, enquanto a taxa de mortalidade na região nordeste era de 193,2%. (IBGE, 1999).

Grávida mais uma vez, Agripina insistiu e tornou a batizar a recém nascida, chamando-a Rosalina, esta que viveu 96 anos. Agripina Maria da Conceição e Anthero José dos Santos tinham 32 anos quando casaram no dia 22 de Maio de 1915 na Igreja Matriz de Divina Pastora.<sup>61</sup> Eles tinham roça, plantavam gêneros como macaxeira, milho, feijão, criavam animais como galinhas e porcos e por algum tempo Anthero trabalhou como carreiro, realizando o transporte de cana para moagem no antigo engenho Limeira.

Como dito anteriormente, a primeira filha do casal foi Ermita que nasceu em 1917, Agripina escolheu sua sobrinha Tercília, filha de sua irmã Adelaide para amadrinhar sua primogênita.<sup>62</sup> José Anthero, como ficou conhecido José dos Santos, nasceu em 1918 e recebeu esse nome em homenagem ao santo celebrado em Março — São José. Ao todo, Anthero e Agripina tiveram sete gestações, dos quais apenas três cresceram.

Anthero, Agripina e seus filhos moravam na entrada de Divina Pastora, na Rua do Salobro, num sítio cuja casa era caiada (pintada com cal), coberta com telha e tinham uma casa de fazer farinha anexa, cuja prensa havia sido feita pelo irmão de Anthero, o meu bisavô Samuel que era carpinteiro no Engenho Limeira. No fundo da casa deles havia uma plantação de macaxeira e árvores frutíferas como pitombeira, jaqueira e limeira.

Embora comemorasse seu aniversário no dia 29 de Setembro, Rosalina Santos teria nascido no dia 09 de Setembro de 1924, conforme o registro do seu batismo.<sup>63</sup> Sendo batizada aos 05 meses de idade em Fevereiro de 1925, Rosalina teve como padrinho Manoel Bernardes José dos Santos, talvez um amigo do seu pai e a sua madrinha foi Rufina Marcelina de Souza

---

<sup>61</sup> Livro de Matrimônio da Igreja Matriz de Divina Pastora (1927-1938). nº 13.

<sup>62</sup> Livro de Batismos da Igreja Matriz de Divina Pastora (1910-1918) nº 41.

<sup>63</sup> Livro de Batismos da Igreja Matriz de Divina Pastora (1923-1928). nº 36, folha 43.

ou Rufina de Souza sempre lembrada nas entrevistas, uma das figuras centrais nas memórias da infância dela.

Segundo Rosalina Santos, Rufina e os pais dela chamados Vital e Antônia, eram naturais de Maruim, tendo morado em Santa Rosa de Lima por algum tempo, Rufina teria feito uma grande amizade com Agripina. Sua madrinha era costureira e tinha uma irmã que havia migrado para o Rio de Janeiro.

Como vivia sozinha na capital, Rufina levou Rosalina muito pequena para Aracaju e por isso a infância dela foi marcada pelo contraste entre o mundo rural e o mundo urbano. Uma infância um pouco diferente da vivenciada pelos seus irmãos e primos que desde cedo ajudavam nos afazeres diários, na roça ou na plantação de cana, eles conheciam Divina Pastora e no máximo iam às cidades vizinhas de Santa Rosa de Lima e Riachuelo onde tinham familiares.

Buscando nas suas memórias, nos documentos e fotografias, visamos nos aproximar do cotidiano da pequena Rosalina Santos, das suas práticas, suas experiências e as representações da infância para entender justamente como terá sido a transição dela, do “anonimato” para condição de cidadã negra. Através dos seus depoimentos iremos analisar o papel exercido pela madrinha Rufina e sua contribuição para a formação de Rosalina Santos.

No Brasil a escolarização das crianças se deu de forma tardia se comparado aos países europeus e teve suas primeiras iniciativas relacionadas ao projeto colonial português, sobretudo no empenho das poucas escolas jesuítas e principalmente no período pombalino (1750-1777) com a instalação de um ensino precário. Na primeira metade do século XIX, muitas províncias lançavam interdições por lei que proibiam a alfabetização dos escravizados. Na corte o decreto nº 1 de 1837 marcou a proibição de “frequentar as escolas publicas todas as pessoas que padecerem molestias contagiosas”, “os escravos, e os pretos africanos, ainda que sejam livres ou libertos.”

A intelectualidade brasileira oriunda das Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia ou os bacharéis da Faculdade de Direito do Recife, compactuavam com ideias importadas da Europa nas quais a degeneração social e racial, a falta de saúde, de disciplina para o trabalho e o atraso do Brasil eram reflexos da miscigenação de tantas raças, ou dos fatores como ambiente, o clima, a vegetação e até mesmo características físicas e biológicas não escapavam das “assertivas” dos cientistas.

Os mesmos "ismos" em voga na Europa - positivismo, higienismo, evolucionismo, darwinismo social - eram apropriados aqui por intelectuais e cientistas ansiosos em transformar o Brasil em uma civilização à europeia, superando os obstáculos

herdados do passado: a "ignorância" das elites; a miséria e o fatalismo das classes populares; a "degeneração racial" produzida pela miscigenação étnica; as estruturas políticas e econômicas arcaicas, resquícios dos tempos coloniais. (NAPOLITANO, 2016 p. 42).

Com o fim do império e a instauração da Primeira República em 1889, como afirma Andrews (1998, p. 39) “as sociedades historicamente enraizadas na escravidão, transformaram seus sistemas de dominação racial em algo novo e diferente do que havia acontecido antes”. Livres, podiam agora negros e brancos competir por empregos, educação, salários e moradia, mas o que se viu foram incentivos do grupo racialmente dominante na competição entre brancos e negros por benefícios.

Se outrora era a “liberdade” o tema mais discutido na efervescência pré-abolição, quando finalmente abolida a escravidão no Brasil, a “igualdade” passou a ser questionada pelos saberes científicos e biológicos. É no cotidiano que a população negra percebeu que a inclusão social prometida para a República, na verdade deu espaço à coerção e à formação de novas regras sociais.

Na região Sudeste uma das soluções encontradas foi a imigração em massa engendrada pelos fazendeiros de café do Oeste Paulista e pela Sociedade Paulista de Imigração, mas esse processo não foi o mesmo em outras regiões. De acordo com Camila Avelino (2010), ainda que a ideia de imigração não tenha logrado êxito em Sergipe, as elites sergipanas valorizavam a mão de obra branca européia como solução para a "crise da lavoura”.

Segundo a autora, a Sociedade Sergipana de Agricultura e a *Revista Agrícola* eram expressão dos interesses desses fazendeiros sergipanos que pressionavam as autoridades para que medidas fossem adotadas para a “organização do trabalho” e o impedimento da subsistência da população egressa do cativeiro.

Muitas famílias migraram das áreas rurais do estado para a capital na esperança de trabalho e melhores condições de vida, maior autonomia, novos horizontes de uma vida para além das relações paternalistas.<sup>64</sup> “Os deslocamentos internos dos retirantes móveis do Vale do Cotinguiba revelam que os ex-escravizados não queriam se submeter às disciplinas das fazendas, aos baixos salários e às constantes de ameaças e violências físicas, bem como a ampliação das relações paternalistas. (AVELINO, 2022, p. 86).

Recusando trabalhos análogos à escravidão ou fugindo da seca, muitos tomaram o rumo para Aracaju em busca de melhores oportunidades. É o caso da família Corumba. Em

---

<sup>64</sup> Sobre as migrações negras no pós-abolição em Sergipe, consultar SOUZA NETO, Edvaldo Alves de. “Ô levanta nego, cativeiro se acabou”: experiências de libertos em Sergipe durante o pós-abolição (1888-1900) / Edvaldo Alves de Souza Neto; orientador Petrônio José Domingues. – São Cristóvão, 2016.

*Os Corumbas*(1999), um romance realista do escritor Amando Fontes narra a saga de uma família lavradora que fugiu da seca de 1905 e se instalou em Aracaju visando melhorar sua situação. A Companhia Sergipana de Fiação e a Têxtil do Norte pareciam ser a esperança para trabalhadoras em sua maioria residentes na periferia de Aracaju, a saber : o Anipum, atual Bairro Santos Dumont, o Aribé, atual Bairro Siqueira Campos, o Carro Quebrado, atual Bairro São José etc.

Algumas primas e primos de Rosalina migraram para a capital e tiveram diversas experiências. Por exemplo, uma delas chamada Maria Etodéia trabalhava numa dessas fábricas de tecelagem e por frequentemente aspirar algodão durante o trabalho, teve tuberculose e morreu por ingerir muito vinagre na esperança de expelir o material.<sup>65</sup> Outra, como Antonina Gomes e o seu marido José Apolinário dos Santos, migraram de Divina Pastora e se estabeleceram na capital construindo uma vila de pequenas casas, um curral e um comércio de água de minadouro no Bairro Cirurgia, na época um areal na periferia da cidade.<sup>66</sup>

O código de postura municipal limitava as construções no centro da cidade e assim controlava e afastava as populações migradas para áreas mais desvalorizadas da cidade, na sua grande maioria contingentes negros das áreas rurais do estado. Alguns deles eram carpinteiros, lavradores, pedreiros, outras empregadas domésticas ou lavadeiras.

O número de pesquisas que abordam a mulher como tema é crescente, fruto do movimento feminista, assim como da própria historiografia que passou por uma transformação do seu arcabouço teóricometodológico. A princípio a mulher era tratada de forma universal ou homogênea, como sendo apenas mulher (leia-se branca e francesa), posteriormente passaram a ser analisadas de acordo com os grupos que pertenciam e suas especificidades étnico-raciais, culturais, sociais e econômicas.

No século XIX a ideia que predominava era que o “lugar” da mulher era em casa aprendendo a ser uma “boa dona de casa”. Se as mulheres brancas livres começaram a ter acesso à instrução primária com a Constituição de 1824, o mesmo não era permitido a muitas mulheres negras que, aliás, aprendiam a sobreviver de todas as formas possíveis.

Conforme Michelle Perrot, em busca desse “mundo das mulheres”, os trabalhos mais recentes se caracterizam pela análise das sociabilidades, “das suas formas próprias de

---

<sup>65</sup> SALES, Joselita Araujo. Sobre Etodeia Araujo de Menezes. Whatsapp: Conversa com Joselita. 06 de Abril de 2022.

<sup>66</sup> Com base no estudo de Cléber de Oliveira Santana sobre as posturas e as zonas da Aracaju dos anos 1930, a Vila Antonina estava localizada na Zona Residencial 3. “Na ZR3, além das casas de taipa ou palha, era permitida a construção de grandes depósitos, cocheiras e estábulos. (SANTANA, 2011, p. 40).

expressão” , suas estratégias e o exercício do poder social delas. Corresponde sem dúvida a uma fase de reavaliação eufórica da história das mulheres, e ao mesmo tempo à descoberta do prazer do convívio feminino”.<sup>67</sup> Se as mulheres brancas não eram vistas, eram “excluídas da história”, o que dizer das mulheres negras? A literatura clássica da escravidão descrevia a *escrava* a partir de figuras como a "mucama" ou da "mãe preta", enquanto objetos de prazer, iniciadoras sexuais, ou como passivas e dóceis.<sup>68</sup>

Segundo Lélia Gonzalez, houve uma difusão da ideia de que a situação do negro no Brasil era fruto da sua acomodação, da sua passividade e que por isso aceitou a escravidão e os efeitos dela nos anos seguintes. Entretanto, segundo a autora, a mulher negra, principalmente a figura da “mãe preta”, engendrou ao seu modo um tipo de resistência que será apresentada e discutida mais à frente.<sup>69</sup>

Há também, de modo geral, uma romantização do trabalho com as costuras, como se isso fosse atividade exercida exclusivamente pelas mulheres brancas e ricas no exercício de boas esposas. Mulheres negras exerceram a costura, não como passatempo, modo de economizar ou suplemento de economias domésticas, mas muitas vezes como o único meio de sobrevivência dos seus núcleos familiares. Além disso, recebiam instruções dos seus mais velhos africanos para aprenderem esse ofício, talvez pela importância que a roupa e tecidos tinham para alguns povos africanos e que no pós-abolição tornou-se mais importante ainda, como veremos no próximo capítulo.

Através das memórias da infância identificaremos costumes, as socializações e entenderemos a importância da rede familiar e de compadrio para a formação da pequena Rosalina, ou seja, o modo como ela foi preparada, direcionada pelos pais e principalmente por sua madrinha para o mercado de trabalho, além de passear pelos diversos lugares de memória da sua infância.

---

<sup>67</sup> Ver Michelle Perrot. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*; seleção de textos e introdução de Maria Stella Martins Bresciani; tradução Denise Bottmann. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. p. 157.

<sup>68</sup> Como sugere Grada Kilomba, utilizamos os termos “*escrava ou escravo*” em itálico de forma figurativa, como representação utilizada no período que tratamos. Opto pelo termo *escravizada(s)* ou *escravizado(s)* para descrever o processo de desumanização. ver Grada Kilomba, *Memórias da Plantação: Episódios do racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: editora Cobogó, 2019.

<sup>69</sup> Lélia Gonzalez, *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*, organização: Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

## 2.1 Entre Divina Pastora e Aracaju: As Memórias da Infância.

Em Divina Pastora, enquanto José ajudava o pai na roça, a pequena Rosalina e a sua irmã Ermita ajudavam a mãe nos afazeres domésticos. Elas iam buscar água na “boracica” ou “boacica”, nome da fonte de água mineral localizada numa região de Mata Atlântica em Divina Pastora. No sábado Agripina avisava: “amanhã a gente vai tomar café mais mãe Quêta”, a avó de Rosalina que morava em Santa Rosa de Lima.

**Rosalina Santos:** Gostava quando eu ia pra casa de mãe Quêta. Mãe Quêta morava em Santa Rosa, é pertinho de Divina Pastora, a gente ia de pé. Ói eu adorava, num sabe? Como eu gostava, ainda hoje eu gosto. A gente entra na neblina, quem vem não está vendo, quem vai não está vendo e a gente no meio, ah aquilo pra mim era uma beleza! No domingo a gente ia de pé, mas como eu gostava de ir pra casa de mãe Quêta de pé! Eu preferia de pé do que de cavalo, porque tinha vez que pai levava de cavalo. Quando chegava lá, tem coisas que a gente não esquece, “vá ali comprar um figu fiurvido (fígado fervido)”. Meu deus! Que coisa gostosa pra tomar com café e farinha. Quando a gente ia pra casa de mãe Quêta, [ela] subia na laranjeira pra tirar laranja pra a gente, num galho que cresceu na altura de uma cadeira. E mãe [Agripina] dizia “Mãe, mãe... Tu vai cair!” [e mãe Quêta respondia] “não vou não minha fia que eu não tenho tontice”. (...) Ela fritava todas as partes da galinha, naquele tempo se chamava titela, que hoje chama de peito, ela muquiava a titela, gostava de galinha e quase toda semana ela comia galinha e a titela era nossa. Quando chegava lá, o mercado da casa de mãe Quêta era assim como na esquina ou mais perto. Vai ali comprar ali, ai eu não me lembro a quantidade de... mas era coisa pequena, num sei se era dez tustões, parece que era dez tustões de fígado! Fígado fervido...comprava fígado fervido, aquele pedaço desse tamanho [risada] pra comer com farinha de manhã cedo, comer com farinha e café. Ave maria achava aquilo tão gostoso, meu deus! Mãe Quêta comprava carne de porco da costela e comprava fígado, fazia carne frita da carne de porco com a costela, botava pimenta do reino e quando ela não estava esperando a gente ela cozinhava com pimenta, botava pimenta do reino e botava pimenta malagueta, quando a gente ia que ela sabia que a gente ia ela não botava, só botava pimenta do reino, mas quando não... Quando a gente chegava lá a comida já estava pronta, duas pimenta, ave maria pimenta mesmo! Ai eu me lembro a gente comia assoprando! A boca quente, ui ui ui ui [risada]. E quando acabava de comer, tem coisas que a gente não esquece nunca, ela [dizia] “come açúcar” [risada]. Nunca faltou doce na casa da minha avó, ela gostava de doce de calda. Ela fazia um doce de mamão como ninguém até hoje não encontrei ninguém que fizesse igual. Ela ralava! Ela ralava o mamão sem descascar, lavava, coava depois espremia bem, escaldava e fazia o doce de calda, ficava aquele doce verdinho, num sabe? (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 11 mai. 2016, Aracaju/SE.)

**Edwyn Gomes:** Aí ia pra casa de mãe Quêta?

**Rosalina Santos:** Ia pra casa de Mãe Quêta, a gente saía 5 horas. Eu era menina. Quando chegava lá, mãe Quêta dizia “vá ali na casa de Nenéu, e compre ali”, num sei se era cinquenta réis, quarenta réis, sei lá, nem me lembro sei que era no tempo do tostão, aí comprava fígado pra comer com café e farinha, tão gostoso fígado fresco, fígado fervido, chegue compre ali à Nenéu, Nenéu era o avô de Jackson

[Barreto]. O avô dele vendia carne, carne de boi e vendia o fígado fervido, era tão gostoso pra a gente comer com farinha e café – risada. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 12 de Mai. 2019, Aracaju/SE).

Nesses relatos podemos entender um pouco do cotidiano da família de Rosalina, as práticas da sua avó “Mãe Quêta” e as memórias afetivas relacionadas sobretudo ao paladar. As comidas feitas pela avó Henriqueta marcaram sua infância — o café da manhã regado com fígado fervido, farinha e café ou a carne de porco e a galinha “muquiada” do almoço apimentado são vestígios não só da alimentação daqueles egressos do cativeiro, como também da culinária africana passada e experimentada pelas gerações posteriores.<sup>70</sup> Passados 40 anos desde o fim da escravidão, desde cedo Rosalina percebeu que seus familiares haviam sido escravizados, segundo ela:

**Rosalina Santos:** Ah! Dava pra perceber logo, pelo ambiente e eles falavam muito, **todos tinham horror!** Eu já alcancei todo mundo já forro, como eles chamavam né? **E eles todos odiava, odiava a escravidão.**(...). Mãe Quêta admirava num sabe? Era que os meninos trabalhando chamando boi, essas coisas, ganhava mais do que eles quando era moço que trabalhava, ela se admirava, não se ganhava tanto dinheiro como se ganhava agora, quanto mais se chegasse até hoje, ela ficava doidinha - risada -. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 23 Jul. 2019, Aracaju/SE).

Através do convívio, a partir do momento que a criança se percebe e percebe o mundo à sua volta, ela começa a refletir junto e através do meio em que está inserida, ou seja pensa através de impressões pessoais e através do pensamento coletivo, no caso de Rosalina a sua família. (HALBWACHS, 1990).

Através do convívio com a avó ex-escravizada, ou seja, Rosalina teve sua infância marcada pela socialização com aqueles familiares egressos do cativeiro e suas experiências no pós-abolição, suas percepções sobre a mudança do trabalho *escravo* para o trabalho remunerado.

“(…), o passado deixou muitos traços, visíveis algumas vezes, e que se percebe também na expressão dos rostos, no aspecto dos lugares e mesmo nos modos de pensar e de sentir, inconscientemente conservados e reproduzidas por tais pessoas e dentro de tais ambientes, nem nos apercebemos disto, geralmente.” (HALBWACHS, 1990,p. 68)

Nesse período, conforme Maria de Lourdes Santos, “os roceiros, o pessoal trabalhador fazia seu canaviázinho ali também porque aquela cana ia pro engenho, vendia sabe?”. De acordo com ela, quem possuía roça, plantava cana para vender nos engenhos, no caso de

---

<sup>70</sup> Esses e outros vestígios são melhor discutidos no capítulo 4, a partir das “africanidades brasileiras”, conceito proposto pelo antropólogo congolês-brasileiro Kabengele Munanga.

roceiros que tinham carro de boi, eles mesmos levavam suas canas para moagem e os roceiros que não tinham carro, contavam com o serviço de carreiros das fazendas que faziam o transporte, nesse caso recebiam com desconto por conta do serviço de transporte.

Filha de Maria Alice dos Santos e Acelino Severo dos Santos, Maria de Lourdes dos Santos nasceu em 1922 em Divina Pastora e era vizinha de Rosalina Santos na Rua do Salobro, “passava a casa de Dona Rufina e a casa de Dona Estefânia”. Sua mãe Maria Alice era uma lavradora, plantadora de cana e segundo D. Lourdes, com mais ou menos 8 anos de idade já ajudava sua mãe na plantação de cana:

**Edwyn Gomes:** A senhora ajudava na roça quando era pequena?

**D. Lourdes:** Às vezes ia lá pra roça, fazia lá uma besteira, não serviço de roça eu não fazia não.

**Edwyn Gomes:** E cana?

**D. Lourdes:** Cana?

**Edwyn Gomes:** Sim, plantação de cana.

**D. Lourdes:** Quando eu ia plantar cana eu ia ganhar dinheiro [risada]. Não da roça, cana do município, de pessoas vizinhas né? O coveiro é por carreira, fazia uma cova, tinha um espaço, vinha um menino e deixava um pedaço de cana. Eu ainda não plantava, semeava. Vinha com a enxada, botava a cana, botava deitada com os olhos de lado e ali botava terra, carreiras enormes.

**Edwyn Gomes:** E a senhora era pequena nesse tempo?

**D. Lourdes:** Eu não era pequenininha não, já tava pra trabalhar, tinha dez, oito anos.

Os “olhos da cana” são os brotos das novas folhas que irão nascer - essa foi a sua experiência prática de aprendizado, auxiliando sua mãe na plantação de cana, semeando, enquanto os mais velhos utilizavam a enxada para cobrir as canas com terra. Quando tinha algum tempo livre dos afazeres domésticos, a pequena Lourdes brincava com suas bonecas na companhia da vizinha Rosalina.

**Edwyn Gomes:** A senhora brincava com eles?

**D. Lourdes:** Brincava de fazer cozinhado, levava uma ruma de boneca, a minha casa era em baixo da mesa, embaixo da banca, que tinha uma banca forrada com duas moringa sabe? Era assim a moda, né? E a cadeira, então, tinha uma mesa também na sala. Eu fazia minha brincadeira, arrumava minhas boneca tudo, cama, tudo, as coisas de boneca. Embaixo da banca e [Rosalina] embaixo da mesa, ói isso passava semanas a boneca lá armada.

**Edwyn Gomes:** Rosalina levava as bonecas dela também?

**D. Lourdes:** As dela tava na casa dela, ficava, e as minha deixava. Eu era perto da casa dela, agora dia de semana a gente não ia brincar né, raramente porque tinha escola...

**Edwyn Gomes:** E as brincadeiras? Só era boneca?

**D. Lourdes:** Era boneca, outros brinquedos. A gente não podia brincar porque tinha casa pra varrer, tinha irmão pra tomar conta, botar água, encher a casa porque a minha mãe pelo menos nunca deixou de trabalhar pra ganhar nas roças, limpando mandioca, limpando isso, limpando aquilo, de outra pessoa, era outro dinheiro. (Entrevista concedida ao autor por Maria de Lourdes dos Santos, 01 de Jun. 2022, Aracaju/SE.)

Através das brincadeiras, da convivência e apreço que tinham uma pela outra, se tornaram “primas de fogueira” numa dessas noites frias de junho, no calor da fogueira de São João. Esse costume fazia parte das brincadeiras relacionadas aos festejos do mês de junho, mês de festas relacionadas à terra e a fertilidade do solo, início da estação das chuvas e o nascimento de João Batista, santo católico. Além de São João, havia comemorações a Santo Antônio, a São Pedro e São Paulo. Mas era nas noites de São João que muitos se tornavam compadres, noivos e primos de fogueira. (ALENCAR, 1994).

**Rosalina Santos:** De fogueira, sabe como é? Não tinha parentesco, a gente se aparentava muito. Quando era menina assim, através da fogueira, no dia de São João “São João dormiu, São João acordou, fulana é minha prima que São João mandou” três vezes, vai pra lá, vai pra cá, vai prá lá, vai pra cá, pronto é prima. Desde esse tempo que a gente ficou prima até hoje, nem sabia que ela, nem ela sabia que ia se casar com José (irmão de Rosalina Santos), quando José sonhou casar com ela, eu ave maria eu adorei, minha prima – risada. Pois assim ainda hoje nós somos primas. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 27 jul. 2018, Aracaju/SE)

O uso de violência não era uma prática presente no cotidiano familiar de Rosalina Santos. Segundo ela, seus pais não costumavam bater para educá-los, pelo contrário, sua mãe conversava e ensinava-lhes. Talvez o passado da escravidão, a educação e a proximidade com aqueles egressos do cativeiro os fizessem evitar violência e castigos físicos aos pequenos. São lembranças de uma infância repleta de provimentos e práticas para evitar desperdícios:

**Rosalina Santos:** Mãe não era assim briguenta, exasperada, era muito tranquila... sabia educar a gente, não era nenhuma pedagoga mas sabia educar, **ela não batia na gente**, ói, ela explicava as coisas direito, não deixava a gente ficar desperdiçando nada, não se bota fora isso, você ta botando fora, mas pelo menos falta algo pra pessoa, porque quem tem roça, é porque você num sabe, **as pessoas que tem roça tem fartura de comida principalmente assim macaxeira, batata, milho, num sabe?** Ói eu não me esqueço pai vinha da roça com o pau de macaxeira assim nas costa, ia cortar em casa, quando chegava mãe cortava, botava pra cozinhar e a gente comia. O resto que ficava ela [dizia] num se joga fora, no dia seguinte ela cortava bem miudinho, e botava pra os porcos, pras galinhas. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 28 de Ago. 2015, Aracaju/SE.)

Uma família negra, lavradora, com pai presente e provedor - o que destoava da narrativa de ausência e não reconhecimento paterno entre famílias negras. Através da sua madrinha Rosalina Santos chegou em Aracaju aproximadamente em 1929, aos cinco anos, passando a residir na Rua Armindo Guaraná, no Bairro Santo Antônio.

**Rosalina Santos:** No Santo Antônio quando eu era menina, não tinha mais areia, as ruas quase todas eram empedradas, não tinha calçamento mas eram empedradas, água encanada, luz elétrica, proibição de cobrir casa de palha, já não se cobria casa de palha, quase não tinha casa de aluguel a maioria das casas eram próprias e quando tinha uma casa de aluguel, era mais cara, tudo isso no Bairro Santo Antônio. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 28 de Ago. 2015, Aracaju/SE.)

De acordo com Santana (2011), esse bairro desde a sua formação foi abrigo de uma população pobre devido a sua proximidade com o centro e o mercado. Também considerado na época um bairro nobre, o mais antigo, o bairro Santo Antônio era conhecido por abrigar famílias mais abastadas de Aracaju, um bairro com abastecimento de água encanada, luz elétrica e coleta de lixo regular.

**Rosalina Santos:** Eu tinha uns cinco anos mais ou menos e vim passar um tempo com minha madrinha e em frente tinha uma escolinha, que antigamente tinha uma escola, a Liga Contra o Analfabetismo, era uma escolinha assim das primeiras letras, dos meninos que já tinha idade pra ser alfabetizado, a escola era assim, de frente assim pra casa. A professora se chamava Iaiá. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Nov. 2015, Aracaju/SE).

**Rosalina Santos:** Em frente tinha uma escolinha, num sei se ainda existe essa escola, A Liga Contra o Analfabetismo. Era assim em frente. A professora morava na própria casa, morava no fundo e a frente era a escola que ensinava à noite, e durante o dia ensinava menina pequena, de noite era adulto. Aí minha madrinha chegou, chamou a moça chamava Iaiá, aí ela disse “ô Iaiá eu vou botar Rosa aí na sua escola”, ela [perguntou] “pra que?” “Pra aprender”. “Oxente Rufina quem nunca viu, as crianças começa a alfabetização é de sete anos em diante, ela num vai aprender”. [E Rufina respondeu] Mas num aprende porque? Ela senta aí na porta, conhece todo mundo, fala com todo mundo, sabe cantar, sabe dançar, sabe tudo, só não aprende a ler? Ela vai aprender sim e aí me botou na escola.

O apelido “Iaiá” ou “sinhá” é um substantivo feminino cuja origem remete ao período da escravidão no Brasil, assim como “nhônhô”, “iôio” ou “nhô”, são expressões reduzidas das palavras “senhor” e “senhora”. Não é apenas o apelido para a jovem professora que chama atenção, mas o fato de que ela duvidou da capacidade da pequena Rosalina de aprender a ler e escrever.

Em Sergipe, a Liga Sergipense contra o Analfabetismo (LSCA) fundada em 1916, representou os esforços da intelectualidade sergipana, formada sobretudo por homens da Loja Maçônica Cotinguiba (LMC) e do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), que tinham como objetivo o “combate à ignorância”, levando a luz do saber para uma população majoritariamente analfabeta, além de difundir o sentimento de patriotismo, a “ordem e o progresso”, ideários positivistas e republicanos. (SOUSA, 2016).

Percebendo a expertise da pequena, a madrinha Rufina insistiu para que a professora aceitasse ensiná-la, mesmo sendo considerada muito nova. Atravessaram a rua e foram recebidas na escolinha onde ela recebeu “um tinteiro, a pena e a pedra” além de um “abc” e um caderno onde a professora fez o pontilhado e pediu que Rosalina cobrisse. A professora “Iaiá” ficou surpresa com a habilidade daquela menina, mas notou que sua mais nova aluna era canhota e a ameaçou com uma régua. Sua primeira experiência com a educação foi

marcada pela violência da professora que ao descobrir a “canhotice” daquela pequena, ameaçou lhe quebrar a mão:

**Rosalina Santos:** óia Rufina vem ver, mas óia cobriu certinho! Que gracinha! Ficou entusiasmada, mas aí depois viu, escreveu com a mão esquerda? Não se escreve com a mão esquerda a gente escreve com a direita. Tem coisas que marca a gente... (...) se você não escrever com a mão direita, ói ta vendo essa régua? Eu quebro sua mão... oxente imediatamente eu passei pra mão direita. (Rosalina Santos, 91 anos, 2016).

Conforme Sousa (2016, p. 80) “O professor não podia se embaraçar e prejudicar o desenvolvimento físico, moral e intelectual do educando, antes devia ser modelo de bondade e perfeição para a criança que o imitaria até despertar o sentimento de autonomia e responsabilidade”. Mesmo a LSCA tendo como base a Pedagogia Moderna, podemos identificar nesse caso que o uso da violência ainda estava presente como método de ensino, certamente um reflexo de uma sociedade colonial e escravagista que se estruturou a partir da violência física e psicológica, aliás, havia pouco menos de quarenta anos desde a abolição formal da escravidão no Brasil.

**Rosalina Santos:** Quando eu sai da escola aos sete anos que fui mesmo alfabetizada eu sabia ler e escrever agora minha leitura era assim, eu só sabia ler jornal, um livro assim quando a letra era grande, eu sabia ler, escrevia o nome de pai, de mãe de todo mundo... escrevia, agora, pra ler, num lia letra de... **só lia letra de imprensa, de jornal**, letra de mão não lia, nessa época. Porque foi muito cedo, mas eu sabia ler! Escrevia o nome de pai de mãe, pai achava tanta graça (risada) **Meu pai tinha uma vontade de saber ler...** (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 12 de Mai. 2019, Aracaju/SE).

Esse relato de Rosalina Santos nos permite perceber a influência da imprensa no cotidiano dos anos 1930, não é difícil imaginá-la tentando ler as letras de forma ou mesmo lendo as placas das lojas da Rua João Pessoa, rua que concentrava consultórios, farmácias, lojas de “seccos e molhados” ou tipografias como o Correio de Aracaju. Outro ponto interessante para refletirmos é a situação do seu pai que mesmo nascendo “livre”, trazia consigo o prejuízo de anos de cativo: não sabia ler ou escrever aos 47 anos de idade, e muito provavelmente admirava a filha caçula, depositando nela suas esperanças de novos tempos.

Para aqueles descendentes de ex-escravizados, a educação era considerada prioridade na busca por igualdade e cidadania plena, rumo à ascensão social e pelo fim do preconceito, uma prioridade principalmente entre aqueles organizados em associações, buscaram educar os seus como foi o caso da Frente Negra Brasileira. (DOMINGUES, 2008; GOMES, 2017).

A catequese feita na Igreja do Santo Antônio teve um estímulo: houve um “trato” com as crianças. Conforme Rosalina Santos, a presença nas missas aos domingos era marcada num cartãozinho, a criança que não faltasse aos encontros dominicais receberia um presente. Ela não faltou e nesse ano Rosalina ganhou “um corte de fazenda, uma bola e uma boneca”, com esse “corte de fazenda” ela fez seu primeiro vestido.

**Rosalina Santos:** aos dez anos eu fui pra o catecismo todo domingo e todo domingo a gente recebia um cartãozinho, quem mais frequentasse durante o ano ganhava um presente, nesse ano eu acho que eu não perdi um domingo, eu ganhei uma bola, uma boneca e um corte de fazenda, ainda me lembro (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, nov. 2015, Aracaju/SE).

**Figura 07.** Rufina Souza e Rosalina Santos, por volta de 1929.  
Fonte: Acervo de Rosalina Santos, atualmente sob os cuidados do pesquisador.



Costureira e católica, Rufina era devota de Santo Antônio e frequentava na Colina, bem perto da sua casa, a Igreja do Santo Antônio localizada na Avenida João Ribeiro. Podemos observar que a pequena Rosalina Santos está muito bem vestida, os cabelos penteados, ligeiramente divididos “de lado”, de meias compridas e calçada em belos e brilhosos sapatos pretos. Lembremos que no “tempo do cativo” o uso de sapatos era proibido aos escravizados, sendo o uso apenas permitido a libertos e livres por se constituir um símbolo de distinção da condição social.(AMARAL, 2007).

No pós-abolição estar bem calçada poderia expressar o sentimento de dignidade, além de demonstrar o zelo com a afilhada, já que muito provavelmente a foto seria ofertada à mãe de Rosalina Santos. Esse afeto e cuidado com a afilhada pode ser percebido através daquilo que Rosalina chamou de “tranças baianas” que sua madrinha fazia nos seus cabelos, popularmente conhecida como tranças nagô.<sup>71</sup>

Voltemos à foto. De vestido branco cuja barra possui bicos bordados provavelmente por ela mesma, Rufina posa com a mão sobre o ombro de Rosalina e possui uma figa, um pingente que trazia no pescoço provavelmente como amuleto de sorte e proteção contra inveja e “mau-olhado”. De fato, Rufina precisava de sorte nos negócios, ela costurava roupas masculinas e femininas e as vendia na feira da cidade, atual região dos mercados de Aracaju e provavelmente tinha outras costureiras concorrentes que, assim como Rufina, vendiam roupas.

**Rosalina Santos:** Eu nasci cozendo, porque mãe costurava, ela fazia a roupa de casa da gente, roupa do trabalho de meu pai, não era uma grande costureira, mas não era uma pessoa que não soubesse pegar na agulha. A minha madrinha [Rufina], que passei uns tempos com ela, a mesma coisa, também costurava pra homem e pra mulher. Foi quem me botou agulha na mão, quando eu vim da escola, ela aí, pegou um pedaço de pano assim ói, mais ou menos assim, um retângulo, tinha mais ou menos quarenta centímetros de comprimento por um meio metro ou menos de largura, um retângulo mesmo. Puxou uns dois fios e disse ói você vai puxar, quando você acabar de puxar aqui esses dois fios, você mede daqui pra aqui e do outro lado você tira a mesma quantidade de fios, são três fios e mede aqui atravessado você tira também, quando acabar ela começou uma bainha, uma bainha linda, nunca mais eu fiz uma bainha tão bonita, eu tinha seis anos, seis anos, seis e meio por aí assim, não tinha sete anos ainda, (sussurrando) – ela bordava. (tom de admiração).

É interessante perceber que através do convívio, ambas aprenderam através de instruções, na prática. Enquanto Maria de Lourdes aprendeu a “semear” cana, colocando a cana “com os olhos de lado”, Rosalina recebeu estímulos de sua madrinha tomando as primeiras lições de costura ainda pequena. Sua madrinha lhe ensinou as primeiras técnicas e

---

<sup>71</sup> Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 17 Jun. 2019, Aracaju/SE.

se tornou sua referência, foi quem lhe colocou “agulha na mão”, como ela mesmo relatou em entrevista.

**Figura 08.** Rosalina Santos e o sobrinho da sua madrinha, o pequeno Hélio. Vestido como um homem adulto, traz consigo uma bengala. Aproximadamente em 1929.  
Fonte: Acervo de Rosalina Santos.



Essas são as primeiras experiências de Rosalina Santos com a costura, seguindo um “passo-a-passo”, a madrinha Rufina ensinava-lhe as primeiras lições que despertaram o interesse de Rosalina, foi o suficiente para que ela aproveitasse as saídas de sua madrinha para mexer na máquina de costurar:

**Rosalina Santos:** quando ela ia no mercado, quando ela ia fazer compras, aí que era bom que eu ficava sozinha e tinha minhas coisa..., mas essa altura não tinha seis anos mais não, tava com uns oito ou dez anos, aí pegava a máquina e começava a costurar, a bordar, me lembro como se fosse ontem, era uma toalha bonita que ela estava fazendo pra Igreja do Santo Antônio, pra o altar, era toda aberta de richiliê, aí eu ia tuntuntun [imitando som da máquina]. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 2016, 91 anos).

Mas era a viagem de bonde que encantava a pequena Rosalina que se entusiasmava no caminho para o Carro Quebrado, atual bairro São José. Na época existiam cinco linhas de bonde em Aracaju, era um transporte muito utilizado pela população mas conhecido pela morosidade. Ela levava suas bonecas para brincar com sua prima Betinha, a filha do finado Tio Alberto.

**Rosalina Santos:** eu gostava quando minha madrinha dizia, “[amanhã] vamos passar o dia na casa de Joaquina”, a gente vinha de bonde, já pensou? Nessa noite, minha madrinha sempre me dizia de véspera pra eu arrumar minhas bonecas que era pra brincar mais Betinha. Menino, olhe andar de bonde, começava, nós morávamos na Rua de Armindo Guaraná com Av. Simeão Sobral, sabe onde é a avenida né? Aquela Avenida que sobe pra o Hospital Santa Isabel, uh, vai direto. Pois bem, nós morávamos numa rua transversal, no início a avenida e apanhava o bonde, na esquina da Avenida Simeão Sobral com João Ribeiro que fica em frente ao Hospital São José, dali a gente apanhava o bonde e aí passava pela Rua de João Pessoa, depois o bonde virava assim e ia pela Rua da Frente parece, quando chegava na Rua Duque de Caxias voltava e descia pra chegar na Praça Tobias Barreto. Já pensou? Ave Maria! Que viagem meu deus! Aquela era do caminho do céu – risada. Agora tão gostoso andar de bonde! (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 28 Ago. 2015, Aracaju/SE).

**Figura 09.** Avenida João Ribeiro, Bairro Santo Antônio na década de 1930. O bonde ligava o bairro ao centro da cidade. Fonte: Revista Renascença n. 08 – 1935.



Nossa cidade até os anos 40 era servida por bondes elétricos de procedência inglesa. Eram pequenos, vagarosos, abertos em ambos os lados. O acesso ao transporte se dava através de dois estribos de cada lado por toda extensão. Na parte interior, dez bancos de madeira em tiras iam de um lado a outro; os encostos eram removíveis. Sua capacidade era para 50 pessoas sentadas e mais 30 em pé nos degraus, seguros em pingentes. (...)O transporte era dirigido pelo motoneiro que, uniformizado, ostentava no seu quepe uma placa dourada com o nome “motoneiro”. (MELINS, 2000, p. 65)

De acordo com Melins(2000), Aracaju contava com cinco linhas de bondes elétricos, caracterizados pela lentidão, pela quantidade de passageiros que utilizavam e por quebrar frequentemente, fazendo os passageiros caminharem até os seus destinos. Rosalina e sua madrinha Rufina utilizavam a linha 02, que ligava o bairro Santo Antônio ao centro da cidade. Podemos imaginar a pequena Rosalina entusiasmada segurando suas bonecas, prestes a encontrar sua prima, tentando ler os nomes nas placas das lojas, dos consultórios e demais estabelecimentos da rua Japaratuba, é possível ainda imaginá-la observando as mulheres, os trabalhadores e estudantes que faziam uso do bonde elétrico nos anos 1930.

## 2.2 Infância e Educação na Era Vargas.

“Como um cedro que tomba na mata  
Sob o raio que em cheio o feriu  
Assim ele ante a fúria insensata  
De um feroz inimigo caiu

João Pessoa, João Pessoa  
Bravo filho do sertão  
Toda a pátria espera um dia  
A sua ressurreição

João Pessoa, João Pessoa  
O seu corpo varonil  
Vive ainda, vive ainda  
No coração do Brasil”.<sup>72</sup>

Com o assassinato do político João Pessoa, estopim da revolução em 1930, em Aracaju a Rua Japarutuba, conhecida pelos diversos estabelecimentos comerciais, passou a ser chamada Rua João Pessoa como homenagem ao político paraibano assassinado em 26 de Julho. Este Hino a João Pessoa foi gravado em 22 de Setembro e em Outubro a Aliança Liberal vitoriosa tomou o poder no Rio de Janeiro. Através de um golpe ou “revolução” na década de 1930, Getúlio Vargas ascendeu ao poder presidencial dando início ao seu “governo forte” ou centralizado, autoritário e repressivo, período marcado pelas reformas, pelo controle da educação, propagandas e controle das oligarquias regionais. (NAPOLITANO, p. 110).

**Rosalina Santos:** Como um cedro que tomba na mata, como um raio que em cheio feriu.

**Edwyn Gomes:** Cante pra eu ver, cante, cante...

**Rosalina Santos:** Eu não que eu não tenho mais voz, minha voz era tão bonitinha modéstia a parte, mas agora minha voz é rouca e eu não tenho força pra cantar, tem alguma pessoa de cem anos cantando?

**Edwyn Gomes:** [risada] canta sim! Como cedro...

**Rosalina Santos:** Como cedro que tomba na mata, sob um raio, quer dizer embaixo daquele raio, né? Que em cheio feriu, assim ele...[silêncio] Quando eu me lembrar eu digo [risada]... [sussurro]Que um feroz inimigo, de um feroz inimigo surgiu!

**Edwyn Gomes:** Isso a senhora aprendeu aonde?

**Rosalina Santos:** Na escola, em Divina Pastora, Dona Rosinha, uma professora boazinha, a gente saía pra passear marchando na rua, em Divina.

No trecho da entrevista, Rosalina Santos lembrou com dificuldade o hino e assim, através desse indício nos revelou o papel da escola na propagação da ideologia do Estado sob o comando de Vargas, período em que ela era uma estudante, uma criança tomando as primeiras lições com a professora D. Rosinha lá em Divina Pastora.

<sup>72</sup> Composição de Oswaldo Santiago e música de Eduardo Souto, lançada no Rio de Janeiro em 1930.

Conforme Bernstein, as escolas são meios de difusão de culturas políticas. De acordo com esse autor, a cultura política individual é o resultado de um processo de formação intelectual que se consolida através das experiências de vida e das interpretações feitas com base em determinada cultura política. É possível identificar as Culturas Políticas através dos discursos, através das expressões utilizadas que carregam os vestígios de determinadas culturas políticas, pois “as palavras, em geral codificadas, dizem mais que aquilo que significam correntemente, onde o não dito encobre ricos segundos planos.” (BERSTEIN, 2009, p. 36).

Apesar de encontrar alguma dificuldade durante as entrevistas com Rosalina quando o assunto era política, ao que ela demonstrava certa recusa ou falta de interesse, pude observar em seus discursos uma valorização dos símbolos patrióticos, dos hinos, da disciplina e do trabalho, além de certa exaltação à figura de Getúlio Vargas, inclusive associando à questões políticas da atualidade ao se referir ao presidente Lula, como veremos a seguir:

**Rosalina Santos:** ói eu entrei na escola, saí no viva Getúlio, porque ele foi presidente duas vezes, no primeiro governo ele foi ditador, ele fechou a Assembleia e ditava. Mas então, ele como ditador mesmo assim o povo ainda gostava porque muita gente, num sabe, [mas]ele foi um ditador tão bom, foi o que fez tanta coisa boa, que o povo não sentia, que eles achava ruim os político porque, você sabe, quando o governo faz uma coisa não agrada, mas ele como ditador foi o melhor, muita gente não sabia nem que o governo era ditador não sentia o peso, (...). Governo ditador suave, a ditadura de Getúlio era uma ditadura suave, as coisas que ele encontrou, essa coisa de aposentadoria, as coisas boas todas que ele fez, ele encontrou pronto, tudo, agora o governo anterior não teve a oportunidade de fazer porque a assembleia não deixaram, sabe? Ele fechou a assembleia e era só cumpra-se, cumpra-se, pouca coisa ele fez, ele apenas botou em evidência o que ele encontrou já feito o que os outros anteriores não puderam fazer, mas eles ficaram com ódio dele, assim como estão de Lula. Na segunda vez que ele foi presidente, aquela confusão aquela coisa toda que eu não entendia, eu não entendia, eu não entendo agora quanto mais naquele tempo, o que eu sei é que findaram se reunindo e matando o pobre do véio.

**Edwyn Gomes:** Uns dizem que ele se matou, outros dizem que não.

**Rosalina Santos:** Que se matou coisa nenhuma, um homem forte, macho mesmo como era, ele ia se matar? (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos em 18 de Jun. 2019, Aracaju/SE).

Essa exaltação à figura de Getúlio Vargas também foi percebida por Hebe Mattos no contexto do pós abolição na região sudeste, identificando um processo de enquadramento da memória em torno das garantias dos direitos trabalhistas, na figura de Vargas como marco da descontinuidade entre o tempo do cativo e o tempo da liberdade, ainda que as garantias da legislação trabalhista não tenham surtido efeito real no mundo rural. (MATTOS, 2005).

Conforme Andrews (1998), a chegada de Getúlio Vargas no poder através da Revolução de 1930, deu espaço pela primeira vez na cena política brasileira aos trabalhadores e suas questões. Segundo Andrews, Vargas encontrou apoio especial entre a população

afro-paulista ao criar um novo Ministério do trabalho e a “Lei da Nacionalização do trabalho”, diminuindo os contingentes de imigrantes, garantiu prestígio principalmente entre a população negra, sendo chamado de “pai dos pobres”.

De acordo com Aires, “com a criação do Ministério da Educação, o currículo passou a ser elaborado por comissões de intelectuais ligados ao referido ministério. Primava-se pela História Nacional, pelos “heróis” e vultos da Pátria.” (2007, p. 139). Ou seja, o currículo das escolas passou a destacar heróis nacionais cujo objetivo era não só a união nacional, como também a legitimação do poder de Vargas. Entretanto na área da educação, estudos recentes têm apontado que a educação primária ficou em segundo plano no regime de Vargas.

Conforme Kang, no Estado Novo (1937-1945), a ditadura varguista privilegiou o ensino superior, ou seja a formação das elites, em detrimento do ensino primário das massas, refletindo numa queda da taxa de matrículas neste período, porém, apesar da educação primária ter sido relegada ao segundo plano, a política de Vargas sobre o ensino primário foi suficiente para a formação de uma cultura política posta em prática nas escolas.

Como afirmou Aires (2007, p. 141), “podemos dizer que o currículo também é um formador de identidades e subjetividades, uma vez que os discursos instituídos vão acabar formando o que somos e o que pensamos.” Essa cultura política aprendida na LSCA e posteriormente em Divina Pastora, através da História Nacional, do culto aos heróis, da valorização dos símbolos nacionais, dos valores e moral, vai constituir parte da identidade de Rosalina Santos.

Foi a madrinha Rufina que investiu na educação de Rosalina, pagando para ela estudar no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, um colégio católico fundado em 1924 pelas irmãs Sacramentinas.<sup>73</sup> Esse colégio particular era voltado para a educação exclusivamente feminina e atendia em formato de internato e externato. As aulas começavam às 07:30 e tinham duração de 50 minutos cada, até ao meio dia. A tarde era reservada para o exercício de “Trabalhos Manuais”, uma disciplina à parte que não estava incluída nas taxas mensais.

**Rosalina Santos:**Porque no dia de sábado, quando eu estudava a gente estudava de segunda a sábado.

**Edwyn Gomes:** onde?

**Rosalina Santos:** numa escola

**Edwyn Gomes:** mas qual escola?

**Rosalina Santos:** Bom eu estudei no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, mas ...

**Edwyn Gomes:** Que ficava onde esse daí?

---

<sup>73</sup> Sobre a atuação do Colégio Nossa Senhora de Lourdes ver BERGER, Miguel André. Igreja x Educação: o papel do Colégio Nossa Senhora de Lourdes na formação da elite feminina. In: Cadernos de História da Educação - nº. 3 - jan./dez. 2004. p.147 - 153.

**Rosalina Santos:** Aí no mercado...Que fica em frente...Na praça do mercado, entre a rua como é o nome?... Professor...Fica entre a rua Professor... Esqueci o nome, repare como to me esquecendo das coisas...Florentino e a outra , é uma naquele shoppingzinho que tem, depois dali era um colégio, colégio Nossa Senhora de Lourde... Pois assim, pra fazer o ginásio, pra fazer o científico tinha que fazer essas prova toda.

**Edwyn Gomes:** E na época que a senhora estudava lá no colégio era bom? A senhora gostava?

**Rosalina Santos:** Gostava

**Edwyn Gomes:** Tinha colega...?

**Rosalina Santos:** Tinha colega.

**Rosalina Santos:** E a gente estudava, no dia de sábado era pra fazer [redação].

**Edwyn Gomes:** Nessa época a senhora morava no Santo Antônio com...

**Rosalina Santos:** Minha madrinha, era ela quem pagava o colégio. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos em 12 de Mai. 2019, Aracaju/SE).

**Figura 10.** Vista da Praça Pereira Lobo, Centro de Aracaju.

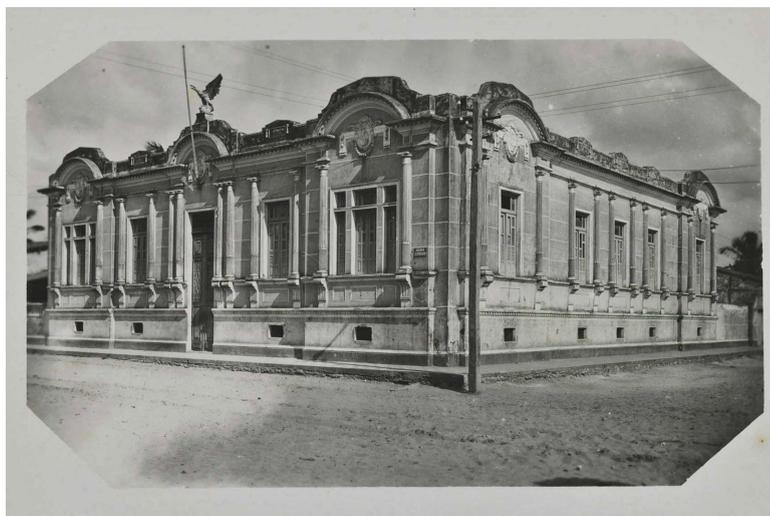
Do lado esquerdo o Mercado Thales Ferraz, do lado direito o Colégio Nossa Senhora de Lourdes.



Sobre as práticas educativas no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, de acordo com Berger (2004, p. 153) “visavam à formação de jovens submissas, cultas e com boas maneiras. O controle, além de disciplinar o corpo, também atingia a mente e a alma. Visava controlar os impulsos, os risos, enfim, os sentimentos e as emoções.” A fim de manter a influência católica sobre as elites, o colégio visava formação de mulheres católicas, submissas, aptas para cumprir “papel da mulher”. Nos períodos que morou com a madrinha em Aracaju, Rosalina passou pela LSCA, pelo Colégio Nossa Senhora de Lourdes e pelo Grupo Escolar General Valladão. Fundado em 1923, essa escola estava inserida no projeto republicano do grupo político de Graccho Cardoso, cujo objetivo era a civilização e o “combate aos maus-costumes e ao analfabetismo”. (SANTOS, 2014, p. 63)

**Figura 11.** Prédio do Grupo Escolar General Valladão, 1931.

Fonte: Biblioteca digital Luso- Brasileira. <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/49438> (Acesso em: 20/08/2022).



Consonante ao que já foi dito, Santos (2014) afirmou que, durante as primeiras três décadas do século XX em Sergipe, as políticas educacionais infantis tiveram como objetivo a formação de uma cultura política republicana, vista como essencial para a consolidação do novo regime “democrático” que se pretendia instaurado.<sup>74</sup> Essas duas influências - a educação voltada aos símbolos nacionais republicanos e a educação de cunho religioso católico - , foram em parte responsáveis pela composição da identidade de Rosalina Santos e sua cultura política.

### **2.3 Conclusão**

Como visto, a educação tratada neste capítulo não ficou apenas restrita ao ensino nas escolas. Rosalina aprendeu através da socialização com os adultos não só as primeiras instruções para o trabalho como também apreendeu noções num processo de educação entre os avós e demais familiares egressos do cativeiro, reflexões possíveis a partir de vivências, aliás de experiências palatáveis na casa da avó ex-escravizada Quêta, em Santa Rosa de Lima.

Através dos relatos da infância, podemos perceber que as brincadeiras com as bonecas, brincar de “cozinhado”, o contato com a costura e a máquina, buscar água, varrer, cuidar dos irmãos menores, já as preparavam para o serviço doméstico, ou seja, “o futuro adulto”, mas muito provavelmente não chegavam a ser considerados “reizinhos ou

---

<sup>74</sup> ver SANTOS, M. F. J. . Aos pés da águia alada: os grupos escolares e a infância sergipana nos tempos de Graccho Cardoso (1922-1926). Interfaces Científicas - Educação , v. 2, p. 59-70, 2014.

rainhazinhas” do lar, ou seja, não eram supervalorizadas. Basta lembrar as altas taxas da mortalidade infantil no nordeste e que a própria Agripina teve quatro filhos que morreram ainda bebês, o que não significa que os pais não vissem e depositassem esperanças de um futuro melhor nos pequenos.

Mas as memórias da infância de meninas negras como Rosalina Santos e Maria de Lourdes dos Santos não se resumem a nos informar sobre o “constante preparo e treino” para a vida adulta e o trabalho. Práticas da infância nos anos 1930 foram apresentadas como brincadeiras, costumes como pular fogueira, as primeiras sociabilidades.

Podemos inferir que a relação de compadrio foi vantajoso pois, além de ensinar um ofício à sua afilhada, ao furar a bolha do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Rufina favoreceu e possibilitou que Rosalina fosse matriculada em um colégio reservado às filhas das famílias ricas de Aracaju, ou seja acesso a um ensino considerado de qualidade na época e contato com as suas futuras clientes. Podemos inferir que Rosalina Santos teve sua infância marcada pela violência durante sua alfabetização na Liga Sergipense Contra o Analfabetismo e que além de uma cultura política republicana apreendida nestes espaços educacionais, no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Rosalina Santos também teve acesso à uma educação de cunho religioso.

Neste capítulo passeamos de bonde pela Aracaju dos anos 1930 e 1940, pelos lugares de memória da infância de Rosalina Santos, como escolas e ruas. Restos do tempo da infância, ainda que comidas pelos cupins, as fotografias nos serviram para nos lembrar da infância marcada pelo convívio com os mais velhos da família, com pretos e pretas velhas egressos do cativeiro, crianças como Rosalina Santos e Maria de Lourdes dos Santos puderam aprender não só os ofícios, as primeiras instruções para o mundo do trabalho que lhes aguardava, como também ouviram histórias, herdaram memórias, experienciaram costumes, brincadeiras e reflexões dos tempos do cativeiro no pós-abolição.

### 3 - COSTURANDO NA “ARACAJU ROMÂNTICA” : TRABALHO, GUERRA, RACISMO E LAZER.

“O branco inventou que o negro  
Quando não suja na entrada, vai sujar na saída,  
imagina só, que mentira danada ê (...).  
Mesmo depois de abolida a escravidão  
Negra é a mão de quem faz a limpeza  
Lavando a roupa encardida, esfregando o chão  
Negra é a mão, é a mão da pureza  
Negra é a vida consumida ao pé do fogão  
Negra é a mão nos preparando a mesa  
Limpendo as manchas do mundo com água e sabão  
Negra é a mão de imaculada nobreza”.

A Mão da Limpeza - Gilberto Gil.

De acordo com Gilberto Gil, compositor da música que nos serviu como epígrafe para este capítulo, “A mão da limpeza” tem como objetivo responder um desses adágios racistas que diz que o “negro quando não suja na entrada, suja na saída”. Esse desafio, para Gilberto Gil, encobre uma realidade controversa vivenciada em nosso país - a mão de obra negra faxineira, lavadeira, cozinheira, responsável por limpar toda sujeira daqueles brancos sujeitos das classes mais abastadas.<sup>75</sup>

Segundo Avelino (2010), as relações sociais pouco se alteraram mesmo abolida a escravidão em Sergipe. Enfatizando a condição de igualdade de direitos, aqueles egressos do cativeiro passaram a ser referidos como “cidadãos”, mas será que essa igualdade foi de fato posta em prática?

Em *Aracaju Romântica que vi e vivi* (2000), Murillo Melins escreveu a partir da sua ótica, crônicas memorialísticas retratando aspectos da Aracaju dos anos 1940 e 1950, as festas, o cotidiano, os lugares, os costumes, certas práticas culturais da *high society* aracajuana, nos fazendo viajar no tempo através do seu lirismo.

Mas que “Aracaju Romântica” era essa? Para quem? Filho de Mário Mellins, que além de ter sido funcionário nos escritórios da empresa fábrica de tecidos “Textil” de Vila Nova (atual Neópolis) como “apontador e pagador”, tornou-se intendente nessa mesma cidade do interior sergipano.<sup>76</sup> É perceptível que o autor está falando de uma “Aracaju Romântica” experimentada por quem tinha melhores condições financeiras.

<sup>75</sup> <https://gilbertogil.com.br/conteudo/musicas/>. (acesso em 23/08/2022).

<sup>76</sup> Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe (SE) – 1933, p. 452

Na realidade Aracaju não era assim tão romântica, o livro de Mellins é uma tentativa de romantização dessa Aracaju dos anos 1940 e 1950, vista partir da perspectiva de uma classe média-alta e branca, com base no conforto, nos acessos (inclusive ao lazer), na mobilidade e principalmente no capital que dispunham. Neste capítulo temos como objetivo a escrita dessa Aracaju vista a partir dos areais, quer dizer, por mulheres negras que habitaram a margem, a periferia de Aracaju dos anos 1940 e 1950.

Em Sergipe a população negra teve o mesmo acesso à educação que a população branca? Qual a condição vivenciada pelas mulheres negras em Sergipe após a abolição? Quais os impactos da segunda guerra mundial no seio de uma família negra sergipana nos idos dos anos 1940? São algumas das perguntas que visamos responder a partir das memórias de Rosalina Santos e Maria de Lourdes dos Santos e outros sujeitos e sujeitas da nossa família.

Como apresentado anteriormente, as madrinhas tiveram papel significativo na nossa família e no caso de Rosalina Santos, sua madrinha lhe instruiu no ofício de costureira. Morando com ela, Rosalina estudou no Grupo Escolar General Valladão, sendo auxiliar da sua madrinha no final da década de 1930 e início da década de 1940.

**Figura 12.** Fotografia de busto de Rufina de Souza, aos 15 de março de 1944.  
Destaque para o bordado de crochê sobre seus ombros.  
Acervo: Rosalina Santos.



O primeiro emprego de Rosalina Santos foi na casa de Duquinha, como era conhecida a costureira estanciana Antônia Rodrigues Souza<sup>77</sup>, localizada na Rua Estância, entre as ruas Itabaiana e Santa Luzia:

**Rosalina Santos:** Comecei a costurar na casa de Duquinha em 1942,1943, por aí assim... Onde eu comecei, eu passei quatro anos costurando com Duquinha. Eram doze, costurando pra viver! Eram doze costureiras, sem falar nas auxiliares, doze! A casa cheia. Era, mas Rosalina não vê não? Eu não vim ver, eu vim cozer minha fia, ói minha mãe tá lá me esperando pra comer, esse dinheiro é pra dar comida a ela, era mesmo! (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 03 out. 2018.)

Na casa de Duquinha eram doze moças costureiras que trabalhavam produzindo vestidos, entre uma costura e outra elas puxavam conversa, fofocas, comentários que Rosalina Santos, por sua vez, evitava. Duquinha possuía uma casa de costura conhecida na cidade, muito prestigiada pelas mulheres:

**Rosalina Santos:** Ela tinha uma freguesia muito grande porque [antes] tinha uma costureira [chamada] D. Zulmira, que dizem que era a melhor da cidade,(...), mas ela mudou-se para o Rio e as freguesia de Zulmira ficaram pra Duquinha aí que ela ficou de casa cheia, porque na época que eu costurei na casa dela, ela era a única. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 18 jun, 2019).

A partir desse relato de Rosalina podemos perceber que com a migração de Dona Zulmira para o Rio de Janeiro, considerada a “melhor costureira da cidade”, Duquinha passou a receber um grande número de clientes.

Embora destaquem a comoção coletiva que ocorreu após os torpedeamentos na costa sergipana e os desdobramentos da Segunda Guerra (1939-1945), destoando da narrativa historiográfica sobre o impacto da Segunda Guerra e os efeitos em Sergipe, Rosalina afirmou que “não tinha tempo para se preocupar, precisava trabalhar” e que “não tinha tempo para ler jornal”.<sup>78</sup>

Isso nos levou a pensar que nem todos estavam acompanhando com afinco as notícias sobre a guerra, mesmo porque parte da população não sabia ler e não dispunha de tempo livre para se dedicar à leitura de jornais, o que não quer dizer que não estivessem informados em

<sup>77</sup> Ester Fraga V.B C. do Nascimento, “Professoras Sergipanas e o modelo presbiteriano de educação feminina no Brasil tropical”, *Educação & Linguagem*, ano 11, nº 18, 2008, pp. 67-83.

<sup>78</sup> “Ontem, a cidade logo cêdo, foi surpreendida com a triste noticia de que tinha torpedeado o vapor brasileiro Baependi, em águas sergipanas, próximo à costa de Estância.(...) A cidade inteira ante estas notícias alarmantes que pouco a pouco como labaredas se espalharam por todos os recantos, ficou profundamente consternada. O comércio não abriu mais suas portas no segundo expediente”. (*Folha da Manhã*, 18/08/1942, Fonte: <https://jornaisdesergipe.ufs.br/>, acesso em: 10/02/2022). Sobre os efeitos da Segunda Guerra em Aracaju ver Dilton Cândido Santos Maynard, “O Brasil sob ataque: Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial”, in: Andreza Santos Cruz Maynard; Dilton Cândido Santos Maynard (orgs), *Dias de luta: Sergipe durante a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2011. (p.1-31).

alguma medida sobre a conjuntura internacional, mas concentravam suas atenções e lutavam suas guerras diárias.

Em 1944 veio a notícia: José Antero noivou! Seu irmão morava com o primo José Gomes (meu avô) e ao noivar, José Gomes optou por sair do chalé alugado que dividiam na entrada da Vila Antonina. A noiva era Maria de Lourdes dos Santos, vizinha deles no tempo em que moravam em Divina Pastora. Todos ficaram muito felizes com a notícia porque, como foi apresentado no capítulo anterior, D. Lourdes não era apenas uma ex-vizinha, era uma amiga de infância, “prima de fogueira” de Rosalina Santos. D. Lourdes passou a morar com o noivo na Rua Porto da Folha, na entrada da vila da prima Antonina Gomes dos Santos.

**Edwyn Gomes:** Quando a senhora veio pra cá a senhora já veio sabendo onde ia trabalhar?

**D. Lourdes:** Eu vim pra Aracaju trabalhar, lá eu trabalhava no campo em Divina Pastora, comecei a trabalhar pequena com seis anos com cesto na cabeça dando cana às mulher. Plantar cana você não entende e nem sabe o serviço né? Bem, depois eu vim, pra escola quando chegava mês de, mês de junho... ah junho não, quando começava a chover a gente começava a plantar cana, ia pra escola quando fosse no verão, verão passava dois meses, panhei pau, tudo a gente fazia. Mas minha mãe vinha trabalhar aqui em Aracaju e conhecia diversas famílias, uma família foi veranear lá em Divina Pastora e aí mandou chamar, mãe veio conversar com ela, ela veio e se apaixonou e quis me trazer pra Aracaju aí eu já vim me empregar nas casa de família e daí não voltei mais, voltava nas festas quando podia ir em casa e tal mas fiquei trabalhando nas casas de família que era melhor.

**Edwyn Gomes:** Qual foi o lugar?

**D. Lourdes:** Aqui?

**Edwyn Gomes:** É

**D. Lourdes :** Trabalhei na Rua de Maruim, na Rua de Lagarto, já morreram tudo essas família já morreram tudo.

**Edwyn Gomes:** Como era o nome da patroa, patrão?

**D. Lourdes:** O nome do povo era Quitéria, Porcina, Miriam, Maria Helena.

**Figura 13.** Maria de Lourdes Santos, s.d.  
 Fonte: Acervo de Rosalina Santos.



A felicidade deu espaço para o medo e a incerteza quando José Antero foi convocado pelo 28º B.C. para o fronte de batalha na Segunda Guerra. Rosalina e Dona Lourdes recordaram a aflição vivida pela família, sentida sobretudo pelos pais Agripina e Anthero, que davam adeus ao único filho homem:

**Edwyn Gomes:** Corria notícia da guerra aqui em Aracaju?

**Rosalina Santos:** E como...Não sei muito explicar não porque naquele tempo eu não me preocupava muito com essas coisas, mas ainda teve navio que foi torpedeado aqui na nossa costa.

**Edwyn Gomes:** Corria muito em jornal né?

**Rosalina Santos:** Jornal...[deboche] daqui que a notícia chegasse era a guerra que acabava primeiro. [risada]. 1942, 1946... . (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, em 03 de Out. 2018, Aracaju/SE).

**Edwyn Gomes:** Quando falou que ele ia ter que ir pra guerra?

**Rosalina Santos:** Todo mundo fica triste né? Porque a guerra a pessoa volta por acaso, nunca se sabe.

**Edwyn Gomes:** Sua mãe ficou preocupada?

**Rosalina Santos:** Mãe mais chorava como uma criança, o único filho, já pensou? (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, em 23 de Jul. 2019, Aracaju/SE)

**Edwyn Gomes:** No tempo que teve a guerra. A senhora já era casada com [José Antero]?

**D. Lourdes:** Não. Nós se casamos em 1945, quando a guerra terminou né? Ele foi até o Rio, não foi minha prima? Porque iam os pelotões, quando ele foi já não precisava mais. Aí graças a deus voltaram. Quando ia embarcar e a banda ia, era trem néra? Mas o povo chorava! Quer dizer a família né, procurava mesmo “Adeus óh Brasil querido”, pra doer, pra matar mesmo o coração.

**Rosalina Santos:** [cantando] Adeus óh Brasil querido, adeus óh pátria amada, eu vou partir para a guerra levando em frente a nossa bandeira adorada! O resto eu não sei mais.

**Edwyn Gomes:** Que lindo né, mas triste né? Aí o povo chorava e iam se despedir onde?

**Rosalina Santos:** Na Estação Ferroviária, ali onde é aquele ponto de ônibus que fica em frente ao mercado Doutor Albano, era por ali a Estação Ferroviária.

**Edwyn Gomes:** Ali que foi levar [José Antero] na Estação?

**Rosalina Santos:** Eu não fui não.

**Edwyn Gomes:** quem foi levar?

**D. Lourdes:** Eu fui. Vinha já formado né, todo equipado né, a banda tocando.

**Rosalina Santos:** Se despedindo e chorando.

**D. Lourdes:** Negócio do exército era ordem mesmo.

**Rosalina Santos:** Agora que apareceu esse idiota. [se referindo a Bolsonaro].

**D. Lourdes:** As famílias, gente como o quê, ela aí “homem não anda sentindo as coisas assim”, ainda mais tanto rapaz né? Que velho não foi, quem foi foi rapaz de idade.

**Edwyn Gomes:** Nesse tempo a senhora morava com ela? (D. Lourdes e Rosalina)

**D. Lourdes:** Não, não. Eu nas cozinha trabalhando meu fio, trabalhando, ela morava com a madrinha dela porque estava costurando. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos e Maria de Lourdes dos Santos, em 23 de Jul. 2019, Aracaju/SE).

De acordo com Ferraz (2005), o nome do navio torpedeado na costa de Sergipe foi o *Baependi*, naufragado pelo submarino alemão U-507, que resultou em 270 mortes. Com o ocorrido, em 22 de agosto de 1942 Getúlio Vargas declarou “estado de beligerância” contra os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). O Ministério da Guerra deu início ao recrutamento e seleção de homens em todo o Brasil, que seguiam para o Rio de Janeiro onde foram reunidos nos três regimentos, somando mais ou menos 5 mil soldados. Apesar de reunidos, nunca fizeram exercícios de combate como uma divisão, tampouco com o próprio regimento. (FERRAZ, 2005, p. 49).

**Figura 13.** José Antero dos Santos, 1944.  
“lembrança de um passeio do Rio de Janeiro”.

Fonte: Acervo de Rosalina Santos.



*“Ofereço este retrato a minha querida como prova de sincera amizade do teu irmão lembrança de um passeio do Rio de Janeiro em 10/10/1944. José Antero dos Santos.”*

Portanto, José Antero embarcou para o Rio de Janeiro em 1944 e ao chegar na capital do Brasil, prestes a seguir para a Itália sem nenhum ou com pouco preparo para a guerra, ele e seus companheiros foram informados que a guerra havia acabado. Que sorte! Ele então retornou para Aracaju e conforme entrevista com D. Lourdes, em 28 de Julho de 1945 eles se casaram na Igreja Nossa Senhora da Conceição, conhecida atualmente como Catedral Metropolitana de Aracaju.<sup>79</sup> Conseguindo comprar um terreno no alto dessa mesma rua, saíram da “baixa” da Rua Porto da Folha e foram para os areais do Bairro Suíssa, onde moravam numa casa de taipa.

**Rosalina Santos:** O primeiro vestido que fiz de noiva que eu fiz foi o dela, a minha primeira freguesa, fora da casa de Duquinha, na casa de Duquinha não tinha freguesia, era ajudante de Duquinha, a minha primeira freguesa foi minha prima [de fogueira]. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 18 jun, 2019).

Casado com D. Lourdes, o casal saiu do “chalé” na entrada da Vila Antonina (ver Mapa 04) e seguiu para os areais do incipiente Bairro Suíssa, onde Rosalina e Ermita posteriormente vão morar até 1948.

<sup>79</sup> Registro de Matrimônios da Igreja Nossa Senhora da Conceição (1941-1949). José dos Santos e Maria de Lourdes dos Santos, (28/07/1945) f. 158, nº 69. Um dos testemunhas foi João Gomes dos Santos, primo de José Antero.

**Edwyn Gomes:** Era um chalé?

**Dona Lourdes:** Cheia de supapo, nós fizemos um barraco de palha, depois do barraco de palha. Fomos fazendo aos pedaço né? Fazendo adobo, eu fiz adobo que “só macho”, era caminhões de barro que chegava e na semana trabalhando né, botava água, carregava água daí de baixo, era aqui de baixo que tinha uma fonte, tinha um, fizeram um buraco, carregava a água, eles fazia barro deixava e cortava, deixava em ponto, sabe? Você já viu a forma de adobe?

**Edwyn Gomes:** Não, não.

**Dona Lourdes:** Fazia “pow, pow, pow”, cortava e depois juntava, secava e juntava. Quando vinha uma chuvinha ave maria, corria pra cobrir, não foi eu só não, sabe? Quando ele [José Antero] tinha uma folguinha que chegava já viu, dia de domingo, já viu, quando chovia aí ia fazer adobe. (Entrevista concedida ao autor por Maria de Lourdes dos Santos, 01 de Jun, Aracaju/SE).

**Figura 14.** José Antero dos Santos e Maria de Lourdes dos Santos Set. 2007.  
Fonte: Acervo de Nilza Gomes da Silva Leitão (RJ).



Utilizando uma fôrma para a fabricação do tijolo de barro, conhecido como adobo ou adobe, esse recurso utilizado nas construções, hoje é considerado como “ecológico” por secar ao ar livre, sem a necessidade de queima como os blocos de construção civil. Por conta da localização, os caminhões com as pedras não subiam o morro, os carroceiros faziam o trabalho de transporte das pedras maiores, colocando palhas de coqueiro para atravessar as areias. As pedras menores foram carregadas num cesto, na cabeça de Maria de Lourdes.<sup>80</sup>

<sup>80</sup> Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 13 de jul. 2018, Aracaju/SE.

Rosalina e D. Lourdes, as “primas de fogueira”, possuíam algo em comum, não gostavam de fofocas. Para evitar os comentários dos “abelhudos”, Dona Lourdes carregava quinze latas d’água até sua casa para armazenar e lavar roupas:

**D. Lourdes:** Eu mesmo não tinha costume, não gostava não porque lavanderia, se lavava dentro, se lavava fora, dava muito sabe como é? [falando num tom de desprezo] o povo conversa muito, uma purção de besteira, um povo abelhudo querendo saber da vida dos outros, eu não gostava, eu carregava água, eu carregava quinze lata d’água, tinha dois purrões aqui pra lavar roupa, minha roupa mais José era pouca quando ia lavar eu enchia e eu nunca deixava faltar água que tinha bomba por aqui, era bomba sabe? E a gente comprava água. Pra beber eu ia buscar lá em Tôta (Antonina Gomes) subia esse morro todo, era uma areia doida, eu subia, tô vendo minhas perna, subia pra trazer água de lá pra a gente beber, tinha um potezinho amarrado. (Entrevista concedida ao autor por Maria de Lourdes dos Santos, 10 Dez. 2018, Aracaju/SE).

**D. Lourdes:** Tudo aqui era areia, na baixa da lavanderia, onde é o posto hoje, ali onde era o posto, era água, um tanque, era água que a gente passava ali pisando e água voando no rosto, depois que construíram a lavanderia, o nome da lavanderia era Nossa Senhora Auxiliadora, passou um tempo, passou, tinha uma cisterna... Seo Eliseu pegou uma imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, botou lá teve festa, os menino brincou, a gente brincou e tudo a gente pisava aqui a água espirrava no rosto, o povo largou aí um tempo e depois era do município, isso aí era do município, abandonaram, tava aí uma lavanderia aí escrota, diferente das outras, fizeram um(inaudível), fizeram uma coisa, sei que hoje diz que é um posto [de Saúde], né? (Entrevista concedida ao autor por Maria de Lourdes dos Santos, 27 de Jul. 2018, Aracaju/SE).

Esse relato de Dona Lourdes nos faz pensar como a lavanderia Nossa Senhora de Lourdes era um local de trabalho e de sociabilidade, como também suscita uma reflexão sobre como os minadouros em Aracaju foram aterrados e desativados.

Dona Lourdes e José Antero foram um dos primeiros moradores naquela região, que hoje compreende o Bairro Suíssa. Nas memórias de Dona Lourdes, a lavanderia Nossa Senhora Auxiliadora, hoje um dos lugares de memória, reunia aqueles que saíam em busca de água, daqueles que lá lavavam as suas roupas ou sobreviviam do “lavar para fora”, como lavadeiras.

Com o fim da guerra, a madrinha de Rosalina decidiu mudar-se para a capital Rio de Janeiro, onde tinha alguns familiares. Com a morte do seu pai Anthero em 1948, a mãe

Agripina deixou Divina Pastora e juntou-se às filhas em Aracaju. Rosalina, Ermita e Agripina passaram a morar juntas na Rua Riachão:

**Edwyn Gomes :** E tia Agripina veio pra cá, veio pra essa casa?

**Rosalina Santos:** Ah ela veio logo, não ia deixar lá mãe só, depois a gente vendeu a casa apareceu mais um dinheirinho. Terreno que dava pra fazer uma cidade, mas no interior você sabe né? Não tem valor, ainda hoje com toda carestia porque no interior não tem o mesmo valor que tem aqui, aí ainda deu um empurrãozinho, mudamos as portas, quem fez as portas foi seu avô Zé Gomes, ói aqui ói ainda é serviço de Zé Gomes, a janela do quarto, daquele quarto, foi Zé Gomes que fez. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 18 Jun. 2019, Aracaju/SE).

Seu relato revela como em alguns casos a venda de propriedades foi uma estratégia para se estabelecer em outros locais, como também remete à questão da desvalorização de terras no interior - apesar dos esforços para adquirir uma propriedade no contexto pós-abolição, essas terras não valiam muito em comparação às terras da capital. Perdiam o espaço que tinha para sobreviver em moradias pequenas, muitas vezes em condições precárias de habitação e higiene.

Essa menção ao meu avô “Zé Gomes” é interessante por demonstrar que diante das migrações nesse contexto, houve a continuidade de relações sociais e de trabalho entre pessoas negras e suas famílias.

### 3.1 Vivendo na margem: periferia de Aracaju nos anos 1940 e 1950.

A mãe católica, pouco tempo depois de ir morar com elas em Aracaju afiliou-se à Irmandade de São Benedito, santo negro padroeiro de Santa Rosa de Lima, sua cidade natal.<sup>81</sup> Rosalina então saiu da casa de Duquinha e passou a trabalhar à domicílio, das oito da manhã às cinco da tarde, com a demanda de produzir um vestido por dia pelo preço de Cr\$8 (oito cruzeiros). O endereço de Rosalina na capital aracajuana foi a periferia, junto com sua mãe e irmã na Rua Riachão, entre a Rua Boquim (atual Permínio de Souza) e Av. Desembargador Maynard.

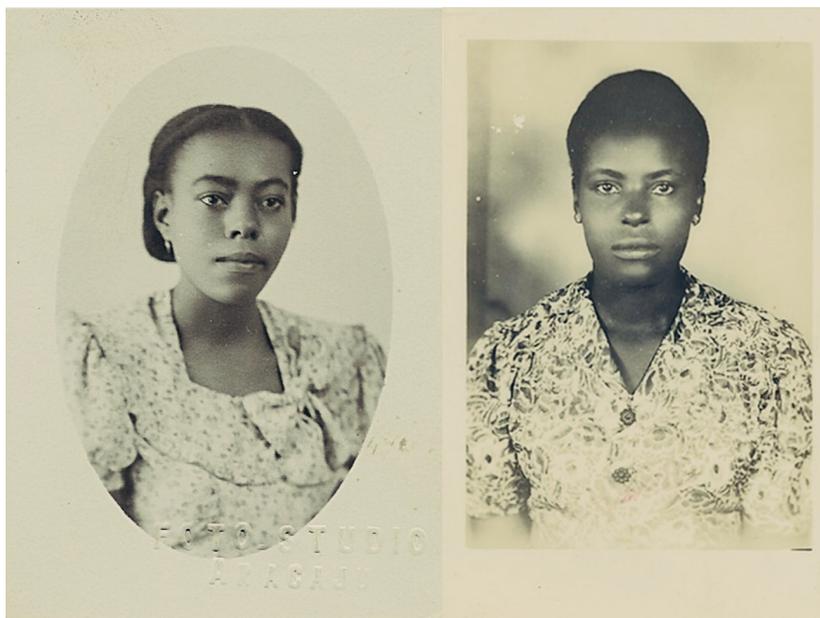
**Rosalina Santos:** nem água, nem luz, costurava a noite inteira no escuro, na luz de candieiro, candieiro não, de lata. É um recipientzinho, bota o querosene dentro. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 2015).

**Rosalina Santos:** Ave maria já não aguentava mais, aí a gente foi morar na mesma rua, mas essa já tava melhor que tinha luz, tinha luz, comprei e num tinha nem uma máquina, a máquina de mão – cutuctcutuctcutuct (som da máquina) costurava a noite inteirinha. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, em 17 de Mar. 2016, Aracaju/SE).

<sup>81</sup> BRASIL, Arquivo da Irmandade de São Benedito, Agripina Maria da Conceição, Caixa Fichas de Inscrição, nº 38. Aracaju, 09 out. 1949.

Nem todos possuíam energia elétrica e a queima do querosene deixava os narizes sujos com a fuligem, essa era a realidade de muitas negras e negros na periferia de Aracaju. Além da dupla jornada de trabalho e a saúde comprometida por conta da exposição à fuligem que respiravam durante a noite, não possuíam abastecimento de água regular, precisavam buscar nos minadouros da região.

**Figura 15.** Rosalina Santos em 1948 e Ermita Maria da Conceição, s.d.  
Fonte: Acervo de Rosalina Santos.



Grada Kilomba assinala que “É o entendimento e o estudo da própria marginalidade que criam a possibilidade de devir como um novo sujeito”. (2019, p. 69). Segundo Kilomba, estar à margem não se trata apenas de estar periféricamente situado, trata-se também de local de resistência e possibilidade.

Os bairros negros de Aracaju foram formados principalmente no pós-abolição, principalmente com o fenômeno das migrações na década de 1920, tais bairros estavam localizados na periferia da cidade, nas regiões de morros de areia ou regiões próximas de lagoas e mangues.

Muitos dos bairros perderam seus nomes de época, são: Anipum (atual Santos Dumont), Areias (atual Ponto Novo), Cambuí (atual Getúlio Vargas), Aribé (atual Siqueira Campos), Baixa Fria (atual Pereira Lobo), Várzea da Canoa (atual Jabotiana), Carro Quebrado (atual São José).

Embora a planta de 1933 original apresente quadras bem definidas, nessa época essa região que compreende o Bairro Cirurgia era repleta de morros de areia como veremos a seguir. Abrigo para muitos migrantes negros do interior, divina pastorenses e santa rosenses habitavam essa região.

Com cultos afro-religiosos como o “Xangô de Seu Jazom” e manifestações culturais como o Samba de Côco de Seo Nelson, é provável que o Bairro Cirurgia tenha sido escolhido por eles para residir por ser o lar de outros familiares migrados na década de 1930, como Antonina Gomes dos Santos e outros primos e primas que ali habitavam.

**Mapa 04. Locais onde residiram na periferia.**

Recorte da planta de Aracaju de 1933, do Cadastro: Commercial, Industrial, Agrícola e Informativo do Estado de Sergipe (SE) – 1933, p. 414. Fonte: <http://memoria.bn.br> (acesso em 23/08/2022). (editado pelo autor).



Nós tínhamos uma casa na Rua de Riachão, entre avenida Desembargador e Boquim [atual R.Permínio de Souza], mas essa era muito sacrificada porque não tinha água nem luz, desci pra baixo, como diz a história, pra o outro trecho entre Boquim e Estância, mas a casa não era nossa, tornei a mudar pra [Rua] Estância, entre Riachão e Nossa Senhora das Dores, ali moramos 4 anos, depois desses 4 anos foi que eu comprei a casa, foi que compramos a casa, comprou assim, pagando todo mês um pedacinho, quando terminou o pagamento... (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos em 18 de Jun. 2019).

Como afirmou Avelino (2010), durante o fenômeno das migrações negras no pós-abolição, aqueles libertos e descendentes enquanto trabalhadores livres buscaram se estabelecer recorrendo à mobilidade, prestando serviços nos antigos engenhos e fazendas ou rumaram à capital em busca de melhores condições de trabalho e vida, além de se desvincularem das antigas relações com os antigos senhores de engenho.

A experiência de Rosalina Santos e seu núcleo familiar permite visualizar que mesmo na cidade, negros e negras estavam em movimento, mudando de residência constantemente em busca de melhores condições de vida e habitação.

Conforme Santana (2011, p. 41), “Além do processo de exclusão para regiões segregadas, devido aos altos custos dos terrenos na região central e à vigilância às normas de construção, inexistiam políticas públicas de saneamento, energia, água e esgoto como forma de melhoria social,(...)”. No centro da capital havia um controle rigoroso através do Código de Postura<sup>82</sup> que determinava como as habitações deveriam ser construídas, além disso, a especulação imobiliária fazia com que houvesse uma grande valorização dos terrenos do Centro, empurrando assim as populações migradas do interior do Estado para a borda do tabuleiro de Pirro.<sup>83</sup>

**Rosalina Santos:** Depois que veio a liberdade quando o povo começou a cansar de trabalhar de graça que vinha pra aqui, as autoridade daqui de Aracaju não permitia que eles se aproximasse, tinha que recuar, na Rua Nossa Senhora das Dores, agora não, tem menos gente [negra], mas quando a gente se mudou, era tanto nêgo, depois misturou, muito tempo foi passando, as coisas foram mudando, porque eles não tinha muito direito de avançar muito para o centro da cidade porque eles [as autoridades] não consentiam. **As empregada doméstica começaram do mesmo jeito quase, como se fosse escrava, era duma ninharia, era sujeita a tudo, a trabalhar domingo e dia santo.**(Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 27 jul. 2018, grifo nosso).

É o que Lélia Gonzalez chama de “divisão racial do espaço”. Ao evidenciar o “lugar natural” do negro, Gonzalez assinala que não houve mudanças significativas das senzalas às favelas. Conforme a autora, “No caso do grupo dominado o que se constata são famílias inteiras amontoadas em cubículos cujas condições de higiene e saúde são as mais precárias”.<sup>84</sup>

Sobre a situação da mulher negra no pós-abolição, Lélia Gonzalez assinalou que:

não é muito diferente de seu passado de escravidão. Enquanto negra e mulher, é objeto de dois tipos de desigualdades que fazem dela o setor mais inferiorizado da

<sup>82</sup> Sobre os Códigos de Posturas em Aracaju ver Hamilton Gomes Coelho. *As posturas e o saneamento básico em Aracaju entre 1855 a 1920*. (Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade São Judas Tadeu - São Paulo, 2012.

<sup>83</sup> José Basílio Pirro foi o engenheiro que projetou a capital aracajuana em formato de um “tabuleiro de xadrez”, com quadras 100mx100m.

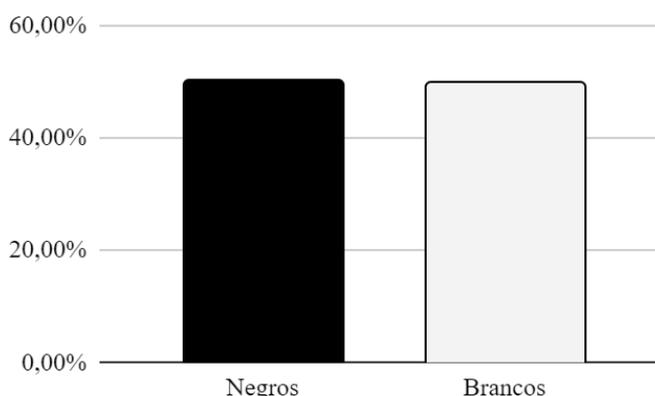
<sup>84</sup> Lélia Gonzalez, “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”, *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

sociedade brasileira. Enquanto trabalhadora, continua a desempenhar as funções modernizadas da escrava do eito, da mesma mucama, da escrava de ganho.<sup>85</sup>

No trecho da entrevista que está em negrito, podemos observar no relato de Rosalina que o trabalho doméstico ainda estava fortemente relacionado ao trabalho *escravo*. “Era sujeita a tudo, a trabalhar domingo e dia santo”, condições as quais Rosalina procurou se distanciar enquanto costureira doméstica. De fato, aspectos relacionados ao serviço doméstico permaneceram quase que inalteráveis até o século XX. (ANDREWS, 1998).

De acordo com o recenseamento realizado pelo IBGE em 1950, em Sergipe pretos e pardos correspondiam a 50,19% da população, enquanto 49,64% eram brancos, quer dizer, uma diferença mínima de 0,55%. (ver gráfico a seguir).

**Gráfico 1.** Negros e brancos em Sergipe, 1950.  
Gráfico elaborado pelo autor a partir dos dados do censo IBGE.

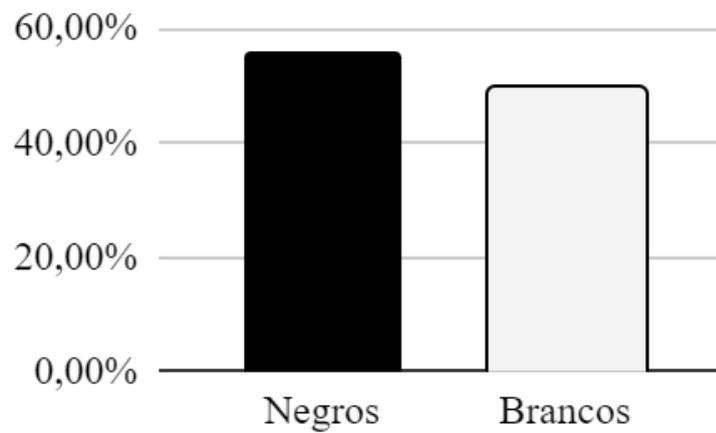
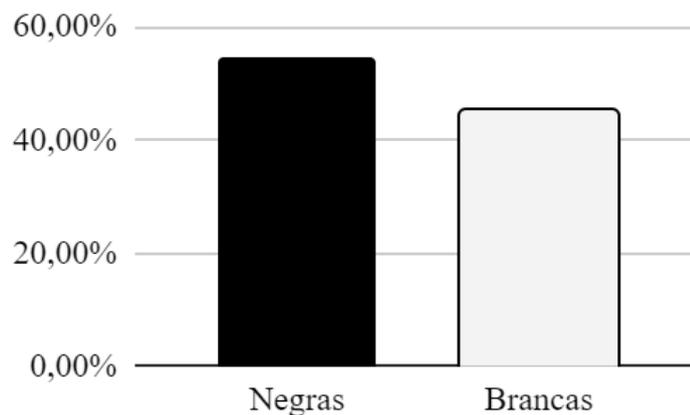


Dentre os homens que não sabiam ler ou escrever, 55,78% eram pretos e pardos, enquanto 44,21% eram homens brancos. Entre as mulheres os números revelam que pretas e pardas perfaziam 54,59%, ou seja, assim como homens pretos e pardos, elas eram maioria sem alfabetização, enquanto 45,40% eram mulheres brancas. Esses números nos ajudam a pensar a situação das pretas (os) e pardas (os) e a educação na primeira metade do século XX em Sergipe, como reflexo dos anos de escravidão e da abolição mal planejada.

Esses dados encontram consonância ao que foi identificado por Camila Avelino que em sua tese de doutoramento analisou processos-crime em busca de identificar as condições do trabalho feminino entre os anos 1880 e 1910. A maioria das mulheres identificadas nessas documentações eram trabalhadoras negras domésticas, sem alfabetização e solteiras.<sup>86</sup>

<sup>85</sup> Ibid., *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano*, p. 181.

<sup>86</sup> Consultar AVELINO, Camila Barreto Santos. *Os Sentidos da Liberdade: Trajetórias, abolicionismo e Relações de Trabalho no Vale do Cotinguiba no Pós-Abolição (Sergipe, 1880 – 1930)*. Niterói, 2018. p. 181.

**Gráfico 2.** Homens negros e brancos sem alfabetização em Sergipe, 1950.**Gráfico 3.** Mulheres negras e brancas sem alfabetização em Sergipe, 1950.

Souza Neto (2016) encontrou artigo no Jornal *O Republicano* em que uma mulher se queixava das dificuldades para obter empregadas domésticas após a abolição em Sergipe. Em 1891 ela estava insatisfeita porque os ex-escravizados não se submetiam às antigas condições de trabalho e as práticas noturnas de lazer deles foram alvo de suas críticas publicadas no jornal.

O autor ainda aponta que entre as empregadas da classe proletária também havia certa rejeição por elas não se sujeitarem a certos serviços e não aceitarem ter de chamar a dona da casa de “senhora”.<sup>87</sup> Havia algumas “patroas” que tentavam manter suas empregadas domésticas recém chegadas do interior (a grande maioria mulheres negras) na ingenuidade ou desinformadas.

<sup>87</sup> Ver Souza Neto, Edvaldo Alves de. “Ô levanta nego, cativo se acabou”: experiências de libertos em Sergipe durante o pós-abolição (1888-1900) – São Cristóvão, 2016. p. 128.

Um caso chocou a sociedade paulista em 1892, o caso da mulher negra Anna que foi mantida escrava mesmo passados quatro anos desde a abolição: “Anna declarou nada saber com relação a lei 13 de Maio, (...), que nada podia saber da abolição porque quando a família sahia a rua, ela ficava fechada num quarto,(...), e mais que nunca deixavam falar com as pessoas estranhas à casa”.<sup>88</sup>

É o caso de Dona Lourdes: tendo ido trabalhar como empregada doméstica em Aracaju nos anos 1940, sua patroa não deixava que ela saísse sozinha ou conversasse com outras empregadas. Só poderia sair da casa na companhia da cozinheira e todas as vezes que tentava iniciar algum diálogo sua patroa logo a interrompia:

**D. Lourdes:** o quarto da empregada era fora, ela [a patroa Miriam] num consentia que eu dormisse fora, dormia no meio das menina, uma cama de vento, armava e desarmava sabe? Eu levava e trazia de noite e as empregada daqui botava quem vinha do interior a perder,(...) e era assim aperriado [sic] aquele apirreio, aquele apirreio quando conversava com uma pessoa, quando via [a patroa] tava em cima, não tô pra isso eu digo eu vou mimbora. Se eu quisesse uma coisa, só ia com a cozinheira pra comprar coisa pra mim, só eu não ia não, porque num sei o quê (...).

**Rosalina:** Não queria que ela fizesse amizade com as outras, não queria perder a nêga. (Entrevista concedida ao autor por Maria de Lourdes Santos e Rosalina Santos, Aracaju/SE, 27 jul. 2018).

Ou seja, embora não houvesse uma divisão racial dentro do espaço de trabalho, havia uma tentativa de controle sobre sua empregada, a fim de evitar que Maria de Lourdes pudesse sociabilizar e aprender com as empregadas mais velhas, portanto, não pudesse questionar, negociar certas condições do seu trabalho. Ao dormir na sua “cama de vento”, armada entre as camas das filhas da patroa, Maria de Lourdes talvez não soubesse ou enxergasse isso como um privilégio, mas poderia estar trabalhando como babá pelo turno da noite, vigiando as filhas da patroa.

Como foi dito por Octavia Spencer, ao protagonizar a série “*A vida e a História de Madam C. J Walker*”,<sup>89</sup> “às vezes, o silêncio é a única proteção que uma mulher negra tem”, é verdade que Rosalina tinha muito cuidado no local de trabalho, seguia as orientações de sua mãe para não se envolver em fofocas, que sempre lhe dizia para ser “cega, surda e muda”.

<sup>88</sup> Manchete encontrada no jornal O Estado de São Paulo. São Paulo, 1892. (15 de Maio de 1892, p. 01). Fonte: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/18920515-5150-nac-0001-999-1-not> (acesso em 09/06/2022).

<sup>89</sup> Nicole Asher, *Self Made: Inspired by the Life of Madam C. J. Walker*, EUA, Original Netflix, 2020, cor, 189 min.

**Figura 16.** Retrato de busto de Agripina aos 93 anos.  
 Fonte: Ficha de inscrição na Irmandade de São Benedito, Aracaju/SE.



**Rosalina Santos:** eu sempre vivi no meio da alta sociedade, cega, surda e muda era a recomendação da minha mãe quando eu saia pra trabalhar, a bença mãe, deus abençoe minha fia, olhe cuidado viu, seu pai já morreu. Ainda hoje continuo cega, surda e muda, eu não sei de nada, eu não ouço nada, eu não vejo nada. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 03 out. 2018).

**Rosalina Santos:** Se você fizer qualquer coisa errada na minha presença, não precisa me pedir pra não falar, porque eu não falo. Ói tem coisas que eu nem em casa eu comento, a maioria das coisas que eu via eu nunca comentei. Eu vi uma coisa que essa coisa vai comigo pra o túmulo – risada – , nunca falei pra ninguém! Nem pretendo! Porque o caso já está encerrado, porque os personagens do caso já morreram... falar o quê? Num vale a pena. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 03 Out. 2018).

Esse silêncio como estratégia de mulheres negras nos ambientes de trabalho pode ser percebido no filme *La Noire de...*, do cineasta senegalês Ousmane Sembène.<sup>90</sup> A protagonista Diouana, interpretada pela atriz Mbissine Thérèse Diop não falava com os patrões, mas seus pensamentos ganhavam diversas cenas em que ela era atravessada pelo racismo. Façamos o exercício de imaginar quantos pensamentos passavam pela cabeça das nossas entrevistadas durante o período em que trabalharam a domicílio.

Rosalina sabia muito bem o que queria deixar registrado sobre sua vida, esses trechos evidenciam justamente o processo do lembrar, selecionar e/ou recusar memórias, revelam não só sua lucidez nos seus mais de noventa anos, como também seu comportamento reservado,

<sup>90</sup> LA NOIRE DE. Direção: SEMBÈNE, Ousmane. Produção: André Zwoboda. Senegal, 1966. (59 min.).

sua discrição, recurso imprescindível para quem desejava se manter costureira da “alta sociedade aracajuana”, o duplo efeito do racismo e do sexismo, apontado por Lélia Gonzalez (1984).

Ela preferia o silêncio, principalmente quando costurava nas casas das famílias brancas e ricas, geralmente famílias influentes, historicamente envolvidas com a política em Aracaju como os Campos, os Firpo, os Franco etc. Além do mais, o contexto era de acirramento entre o Partido Social Democrático (PSD) e a União Democrática Nacional (UDN):

**Edwyn Gomes:** Tinha muita briga entre PSD?

**D. Lourdes:** Meu fio, tinha era morte! PSD com UDN pegava fogo em Aracaju. (Entrevista concedida ao autor por Maria de Lourdes dos Santos, Aracaju, 05 jul. 2019).

Rosalina, Ermita e Agripina mudaram-se da Rua Riachão para outro trecho nessa mesma rua e em seguida foram para a Rua Estância, onde passaram quatro anos e ela ingressou no curso de Corte e Costura. Formada em Corte e Costura pela *Escola de Corte e Costura Singer* em 1950, as credenciais desse curso permitiam o reconhecimento e o aperfeiçoamento do seu trabalho:

**Rosalina Santos:** Eu podia abrir uma escola de corte e costura, de bordado, no Brasil, no lugar que eu quisesse, porque foi assinado pelo Secretário da Educação da cidade na época e era válida no Brasil inteiro. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 03 out. 2018).

**Rosalina Santos:** Eu fui fazer o curso de corte e costura porque eu precisava porque tinha muitas coisas que eu cortava por inteligência, como é que se diz, por intuição, mas não tinha segurança. Eu fui, eu fui dar lição a professora – risada – os erros dela... Quando eu queria ensinar, quando eu não queria, eu não vim ensinar vim aprender, deixava ela fazer como queria, mas eu via que tava errado, agora a gente não pode desfazer do professor, comentando dos erros do professor, porque é uma humilhação você na qualidade de professor, está dando a aula e o aluno dizendo assim não professor. Mas muitas coisas eu já sabia. Eu queria a prova, porque o povo no começo fazia questão dum diploma de Corte e Costura, sabe... Eu tenho diploma, sabia cozer, mas não é assim. A pessoa pra saber costurar mesmo tem que ter dom, pra saber se é uma manicure tem que ter o dom, quando a pessoa tem o dom faz com mais facilidade, é mais fácil, a pessoa resolve melhor. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 12 dez. 2019).

Ela precisou cursar Corte e Costura não por falta de conhecimento ou instrução, mas pela imposição social de que era preciso um certificado como garantia de que tinha competência necessária – mais uma barreira que não só Rosalina Santos conseguiu ultrapassar, como sua irmã Ermita e algumas de suas primas.

Diferente da sua madrinha costureira que confeccionava roupas para ambos sexos, Rosalina escolheu um público específico, tornando-se modista, profissional especializada em roupas femininas.

Com a venda do sítio que moravam em Divina Pastora eles conseguiram comprar uma casa em Aracaju. Pagando mensalmente, a casa era de “taipa e telhas” e media 4,50m de frente por 31,5m de comprimento.<sup>91</sup> Não era uma casa muito grande e nem estava muito conservada, precisou ser reformada aos poucos pelo seu irmão José Antero e José Gomes dos Santos (primo de Rosalina, meu avô) que fez as portas, janelas e o telhado. As telhas que estavam sujas foram reaproveitadas, lavadas coletivamente.

**Figura 17.** Foto do frontispício da casa de Rosalina Santos. 15 de Jul. 2017.  
Fonte: Acervo do pesquisador.



---

<sup>91</sup> ARACAJU (SE). Registro de Imóveis do Estado de Sergipe. Registrado no Livro de Transcrição nº 4493. Registro em: 14 dez. 1936.

**Figura 18.** Planta da casa de Rosalina Santos.  
Elaborado pelo autor. Fonte: Acervo pessoal.



Esse foi o endereço de Rosalina Santos, Ermita e Agripina, casa situada na Rua Nossa Senhora das Dores, 124, Bairro Cirurgia. Os seguintes trechos nos permitem vislumbrar seu cotidiano de trabalho:

**Rosalina Santos:** Quando morreu o pai de Dona Margarida, ele morreu na segunda-feira, ficou aquele abraça-abraça, aquele chora-chora, foi quando ela foi fazer a roupa, foi na quinta-feira e a missa [de sétimo dia] era na segunda-feira de manhã que naquele tempo não se celebrava missa de tarde, a missa do velho que morreu, seu Simião. Três vestido de três - D. Caçula, D. Margarida, D. Virgínia e D. Conceição, quatro. Fazer quatro vestidos pra segunda-feira de manhã, da quarta pra segunda. Eu trouxe na terça-feira. Ela chorando e eu nem podia me aproximar que a casa cheia e aquela confusão e não tinha tempo de provar roupa e eu [dizia] D. Caçula minha fia vamo provar roupa se não o vestido não sai, esse eu fiz em casa, já costurava em casa, pois assim, o de D. Virgínia todo “de Olívia palito” de cima a baixo ói – risada. Quando foi no sábado de manhã, eu fui dar a última prova, ói segunda-feira cinco horas pode vim mandar apanhar. Cinco horas da manhã quando o genro bateu na porta, Ermita tava passando ferro no último – risada – a noite inteira pobre das duas nêga trabalhando, eu trabalhei muito. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, ,nov. 2015, Aracaju/SE).

**Rosalina Santos:** Ói elas estragaram minha paciência todinha que agora eu não tenho mais, mas eu tinha paciência. (...). Mas nunca deixei ninguém sem roupa, além do compromisso, o que eu ia dizer, eu ia ficar com vergonha se eu não desse, porque assumia a responsabilidade, agora, tinha muitos que nem vinha buscar, ficava naquela agonia, naquela coisa depois não vinha buscar, quando vinha “ah você fez?”, você não disse que queria pra tal dia? Desde aquele dia que tá pronto, **eu deixava elas também com a cara no chão**, porque pra quem tem compreensão, né? “Tá pronto o meu vestido?”, desde o dia que você disse que tá aqui esperando você, ai é coisa, in, in . Eu digo eu tenho palavra, quem não tem palavra é a pessoa, se eu tenho você que não tem. – risada. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 17 de mar. 2016, Aracaju/SE.)

“Ter palavra” ou honrar com os compromissos, esses trechos permitem perceber o seu nível de comprometimento, sua responsabilidade e a dedicação com o trabalho, revela também a “super exigência” sobre ela, como costurar tantos vestidos num prazo tão curto. Ela que costurava à domicílio, passou também a cozer em sua casa pelo turno da noite e por vezes “varava a noite” confeccionando vestidos.

Posteriormente Rosalina Santos deixou de trabalhar nas casas de suas clientes para costurar na sua própria casa, a sua sala de casa era o seu ateliê (ver figura 17). Esse foi o passo para se afastar das casas e desassociar seu trabalho com o serviço doméstico, visto que o mesmo era desprestigiado e suscetível à violências.<sup>92</sup>

Convém também destacar que algumas das suas clientes foram colegas do tempo em que Rosalina estudou no colégio custeado por sua madrinha, o Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Daí a importância e a necessidade em entender o papel crucial exercido pela madrinha Rufina.

A essa altura já tinha conquistado suas clientes, Rosalina conseguiu fazer com que elas agora buscassem seus serviços de costura na sua própria residência, à contra gosto delas que reclamavam da localização, da distância e da dificuldade em transitar nas areias do Bairro Cirurgia:

**Rosalina Santos:** dei um jeitinho que fiz trazendo elas pra cá, **quando eu via tava todo mundo aqui debaixo dos meus pés** – risos – eu nem sei, eu num sei como eu consegui puxar essas mulheres pra aqui que naquele tempo não tinha essa facilidade de carro, era rua cheia de areia, a Rua de Estância era empicarrada, aqui tinha era areia, aqui não tinha nem piçarra, era areia. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 11 mai. 2015, grifo nosso).

**Edwyn Gomes:** E os contatos com essas pessoas da “elite”, como foi que a senhora conseguiu, como a senhora conheceu?

**Rosalina Santos:** Através, eu costurava em casa de família e a maioria das freguesas que eu costurava na casa delas eu fui deixando devagar, com jeito e elas foram me acompanhando. Na época tinha muita areia “ah Rosalina, vije! Sua casa é longe e num sei o quê... e tem tanta areia...” Eu que nunca, no Santo Antônio não tinha areia, eu não me criei na areia, mas não era doente das perna né? Não eu vim provar. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 12 dez. 2019).

Lélia Gonzalez utiliza a “resistência passiva” como noção interpretativa ao se referir à atuação da figura da “mãe preta” ou da “mucama” no período da escravidão. Ainda segundo Gonzalez a figura da mulata e da doméstica foi construída a partir da figura da mucama.

<sup>92</sup> No início do século XX trabalhadoras domésticas eram estigmatizadas por sua profissão e constantemente alvo de violências como o defloramento. Ver AVELINO, Camila Barreto Santos. Os Sentidos da Liberdade: Trajetórias, abolicionismo e Relações de Trabalho no Vale do Cotinguiba no Pós-Abolição (Sergipe, 1880 – 1930). Niterói, 2018. p. 182. De acordo com Lélia Gonzalez, por fazer parte do cotidiano, mulheres negras “naturalmente” são vistas como domésticas, consultar: GONZALEZ, Lélia. “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”, *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 230.

Portanto, é possível falar de uma “resistência passiva” na agência de Rosalina Santos enquanto costureira doméstica de famílias brancas e ricas. Esses relatos exprimem relações de poder, o jogo de poderes nas relações raciais, uma relação de luta, principalmente simbólica.<sup>93</sup>

É a astúcia. Tática de quem se movimenta sob o olhar do “inimigo” no cotidiano e mesmo assim avança, convence e transforma naquilo que deseja, em determinada circunstância vira o jogo, transformando a situação ao seu favor. (CERTEAU, 1998).

**Figura 19.** Fotografia de busto de Rosalina Santos.  
Formatura do curso de Corte e Costura na Singer em 20 de dez.1950.  
Fonte: Acervo de Rosalina Santos.



Eu cansei de ir com quatro, cinco vestidos naquele tempo [eram] costuras pesadas, a Praia Formosa, a Praia Formosa sabe onde é? Pois eu ia pra Praia Formosa [atual Bairro 13 de Julho] de pé porque não valia a pena eu pegar um bonde aqui na avenida pra parar na Rua de Itabaiana pra de lá ir ainda, ir pra Praia Formosa. Aí ia cortando por detrás, que era mais perto e bonde, bonde e ônibus tudo é assim, quando a gente tá esperando não vem, quando a gente perde a paciência que sai, ele passa – risada – toda vida foi assim e continua... (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 12 dez. 2019).

Mas afinal, aonde foi parar o bonde? Presente em obras literárias, crônicas e memorialísticas, escritores como Murilo Mellins, Mário Cabral e outros, escreveram sobre o cotidiano daqueles que os utilizavam, o sentimento de tristeza e as recordações de quando a cidade era servida por linhas e bondes elétricos vagarosos. A situação do abastecimento

<sup>93</sup> Ver Pierre Bourdieu, *O Poder Simbólico*. tradução de Fernando Tomaz. Editora Bertrand. 1989.

precário de luz elétrica era revoltante, noticiada diariamente nos jornais da cidade.<sup>94</sup> Desde 1908 a cidade possuía bondes, mas estes eram de tração animal. Os bondes elétricos foram instalados em 1926, eram responsabilidade da empresa S.L.F.A (Serviços de Luz e Força de Aracaju) e o seu “recolhimento” na década de 1950 não passou despercebido, os jornais questionaram e exigiram o retorno deles:

“Aposentaram os bondinhos de Aracaju. Não podemos dizer que compulsória que não somos técnicos nem administradores. Limitemo-nos a chamar de triste aposentadoria. Restou o do Bairro Industrial mas este mesmo condenado está à inatividade. Foi-se há muito tempo e Estrada de Ferro, Circular e Siqueira Campos. Agora desapareceu o Santo Antônio, 18 do Forte. Daquí há semanas ou mezes restará em Aracaju apenas os trilhos dos seus dez heroicos bondinhos, constante caminho de incansáveis jornadas a servir um povo, um pobre povo”.<sup>95</sup>

Apesar de lentos, sempre “quebrando o eixo” e deixando passageiros, os bondes fizeram falta quando foram finalmente recolhidos:

Os bondinhos estão sendo retirados do trafego...Estão sendo “recolhidos” como coisas “imprestáveis”. Mas, ainda assim, deles se servia a população aracajuana, esperando-os pacientemente, horas á fio, nos pontos de parada. (...), a população sempre recebeu chegasse o dia em que deles não mais pudesse dispor após as compras no Mercado, no comercio, após as aulas, à hora do almoço ou á noite quando do regresso aos lares. (...) Vinte centavos gastos a mais na despesa de transporte, oneram sobremodo a economia domestica da maior parte da população que trabalha exaustivamente para ganhar salarios de fome. Os bondinhos são, realmente, um transporte barato, sendo por isso considerado, em todas as cidades, como o transporte popular. Daí a nossa reprovação pelo “recolhimento” dos bondinhos dos S.L.F. A. (...) É preciso que os bondinhos sejam reparados e de novo voltem a trafegar (...).<sup>96</sup>

A verdade é que eles nunca voltaram à cena, nunca mais retornaram às ruas aracajuanas, a vez era das “marinetis”, como ficaram conhecidos os ônibus da Mercedes Benz, da Empresa de Transportes Urbanos São José (E.T.U).<sup>97</sup> Conforme noticiado, muitos aracajuanos, em especial aqueles que recebiam “salários de fome” utilizavam os bondinhos como o transporte mais barato, mais acessível, o que fez dele o transporte mais popular, presente na memória daqueles que viveram a modernidade em Aracaju. (NETO, 2018).

Por falar em “salários de fome”, voltemos às questões do trabalho doméstico em Aracaju – é importante frisar que no Pós-Abolição houve a criação de uma hierarquização

<sup>94</sup> Não está Certo. Sergipe-Jornal. Aracaju, 05 de jan. 1949. p. 01.

<sup>95</sup> FORTES, B. Os bondinhos. Sergipe-Jornal. Aracaju, nº 12.477, 20 de mai. 1950. p. 04.

<sup>96</sup> Não está Certo. Sergipe-Jornal. Aracaju, 13 de out. 1951. p. 01.

<sup>97</sup> As reclamações sobre a ausência de “pontos de parada” e a ousadia daqueles que furavam a fila dos passageiros para entrar nas marinetis foram noticiadas. Consultar Não está Certo.Sergipe-Jornal. Aracaju, 07 de mar. 1949. p. 01. (<http://jornaisdesergipe.ufs.br/>, acesso em: 18/01/2023).

social do trabalho, uma hierarquia com base na raça e no gênero, estabelecendo “que a uma posição inferior na relação ampla entre brancos/negros, homem/mulher, deve corresponder uma posição inferior no trabalho onde o lugar de um jamais seja ocupado pelo outro”. (BENTO, 1994, p. 484).

Mulheres negras, enquanto empregadas domésticas eram suscetíveis às mais diversas formas de violência, viviam em estado de vigilância constante. “Os olhares atentos das autoridades e dos antigos escravocratas buscavam direcioná-los para aquilo que entendiam ser um estilo de vida honesta, longe de vícios e inserida no mercado de trabalho digno,(...)”. (SOUZA NETO, 2016, p. 43).

Sobre essa vigilância, vejamos esse relato de Rosalina sobre ser observada durante seu trabalho como costureira na casa de Tancredo Campos, sobrinho do Monsenhor Olímpio Campos<sup>98</sup>:

**Rosalina Santos:** Pois assim, eu costurando na casa de Doutor Tancredo, eu costurava ali na [Rua] Vila Cristina, naquele tempo era oito mil réis o dia, pra costurar. Costurava por dia, era oito mil réis o dia, eu costurava de segunda a sexta porque no sábado eu ficava em casa, porque de noite eu costurava e sábado eu tinha que terminar as costuras de dentro de casa. Quando foi um dia eu estava costurando, a pessoa nunca perde de ser assim, uma pessoa econômica, de não ficar estragando as coisas aleia [sic], porque eu costurando, ele sentado no sofá, eu não tava vendo que ele tava me vendo, ele sentado no sofá, [...], eu costurando, ele do lado de lá e eu do lado de cá, eu costurei, foi um alinhavo que eu fiz repare bem, como a pessoa perde as vezes por uma bobagem e ganha também por uma bobagem, eu alinhavei e depois puxei a linha, a linha veio toda certinha, uma linha grande, eu peguei um pedaço de papel e enrolei a linha e botei lá e fiquei costurando, e ele lá lendo um jornal de “araque”. Aí quando eu precisei de alinhavar novamente peguei aquela linha que eu enrolei, porque eu nunca fui de estragar nada, sempre fui... não sou sumítica mas também não sou de estrago, aí apanhei aquela linha, repare bem as coisas como começam, apanhei a linha e alinhavei novamente, aproveitei a linha duas vezes né. Quando foi no outro dia Dona Berenice, que eu cheguei, nesse dia, no dia seguinte ele tinha ido no escritório, quando eu cheguei ele já tinha saído, eu chegava oito horas, Dona Berenice a esposa [disse] “ave maria, Tancredo ta entusiasmado com você”, e o que foi que eu fiz? “ele disse que você vai longe, **ele ficou lhe observando e você, a linha que você tirou, do alinhavo que você fez, você não jogou fora, aproveitou.** [...]Aí ele chegou e disse “quanto é que essa menina ganha aqui?”, aí Dona Berenice “a gente paga oito mil réis”, na época era mil réis. “Ô só oito? Pague dez. Porque olhe ela come aqui”, Ermita passava ferro na casa do filho dele, na casa de Seo Olímpio, “Ermita come na casa de Olímpio e a mãe dela come o quê?” Ele sabia que pai tinha morrido e a gente tinha ido buscar mãe pra aqui. (...) Por essa coisa que eu fiz que eu não fiz nem pra me amostrar nem pra, fiz por mim, porque eu nunca estraguei nada de ninguém. Pois assim e ela se encarregou de fazer a propaganda, de dizer pra os amigos, eu pago dez réis pra Rosalina, não pago mais porque não posso, ói – risada – essas mulheres são invejosas meu fio... o que uma faz todo mundo quer fazer, oxente não precisou, “ah Rosalina quanto é que você ganha na casa de Berenice? Você quer que eu lhe pague dez?” mentira eu queria que me pagasse quinze, ô... Sei que num instante, nessa época eu costurava na casa de Dona Berenice [esposa] de Doutor Tancredo,

<sup>98</sup> Fundador do Partido Republicano Sergipense, Olímpio Campos marcou a história da política Sergipana, com um desfecho trágico após rivalidades políticas entre grupos políticos “pebas” e “cabaús”, ver MONTALVÃO, Sérgio. João Menezes; Manuel Valadão; Olímpio Campos. IN: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). Dicionário Histórico-biográfico da Primeira República. Rio de Janeiro: CPDOC, 2011.

costurava na casa de Dona Dulce Franco, costurava na casa da prima dela, costurava na casa de Dona Ester era avó de Dona Berenice mais Doutor Tancredo, costurava na casa de Dona Margarida que é avó de Greice Valle, da Atalaia, filha de Valter Franco, só sei que eu costurei num purção[sic] de casa, dez mil réis. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 2015, 11 Mai. grifo nosso).

De acordo com Bento (1994, p. 487) “Este esforço que negras fazem no espaço de trabalho muitas vezes encerra uma estratégia de ser o que se espera para se chegar onde não se é esperada.” Ou seja, é um esforço que na verdade reflete em uma estratégia para galgar oportunidades, espaços e prestígio. A sua atitude econômica foi observada e houve certa valorização da profissional Rosalina justamente por conta da sua parcimônia.

Nesse período não era muito comum falar sobre situações que hoje chamamos de racismo. Em entrevista, Rosalina não chegou a negar a existência do racismo, pelo contrário, este se manifestava entre “brancos mal-educados” e por vezes de forma “velada”, mas ela por diversas vezes afirmou que “nunca foi maltratada por conta da sua cor”, ela disse: “nunca entrei em lugar nenhum pra ser rejeitada”.

**Rosalina Santos:** O povo reclama muito, mas eu nunca encontrei preconceito em lugar nenhum.

**Edwyn Gomes:** Mas a senhora não via que os negros eram tratados de uma forma diferente, assim em comparação...

**Rosalina Santos:** Não, essa diferença é de pessoas brancas sem educação, mas as pessoas brancas educadas, a não ser quando é a pessoa, porque toda classe tem gente boa e gente ruim, gente branca bem educada e mal educada, mas as pessoas educadas nunca fizeram isso não. Como ainda hoje não faz, você repare, não fazem, eles **fazem acobertando, botando um papel, uma coisa contanto que não dê as cara assim...**

**Edwyn Gomes:** Mas você acredita que existe?

**Rosalina Santos:** Oxente! [concordando]. Aquela reclamação velada, aquela coisa por debaixo do pano. Outra coisa passa vergonha, passou e vai passar porque o preconceito não vai acabar tão cedo... O preconceito não vai acabar tão cedo. E aí não sabe se comportar, não sabe aonde deve entrar, eu nunca cheguei numa festa pra não ser recebida, nunca sai da minha casa porque Dona Fulana comprou um vestido tem uma festa na casa dela, “vá Rosalina”. Eu sempre distinguir o “convite de educação”, o “convite de obrigação” e o “convite de amizade”, nesse último é que eu ia. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 17 jun. 2019, Aracaju/SE, grifo nosso.)

Essa negação faz todo sentido à luz das reflexões de Neusa Santos sobre a ascensão do negro no Brasil, como expressão calcada na ideologia da democracia racial, ou seja, uma negação de que sua condição de mulher negra tenha lhe trazido alguma dificuldade no exercício de sua função como costureira e ao mesmo tempo revela como ela gostaria que sua história fosse registrada e como ela gostaria de ser lembrada.

Conforme Domingues (2005, p. 116), “Democracia racial, a rigor, significa um sistema racial desprovido de qualquer barreira legal ou institucional para a igualdade racial, e, em certa medida, um sistema racial desprovido de qualquer manifestação de preconceito ou discriminação.” Essa era a narrativa hegemônica sobre a condição racial no Brasil aprendida por Rosalina ao longo de sua vida, toda e qualquer pessoa que fosse contra essa narrativa seria estigmatizada ou hostilizada na sociedade.

Curiosamente, de modo controverso, em entrevista não gravada, Rosalina afirmou que certa vez, ao procurar um tecido na Casa Teixeira, loja de Seo Oviêdo Teixeira inaugurada em 1939, não foi bem tratada por uma vendedora ao perguntar se havia ali determinado tecido. Segundo Rosalina Santos, a vendedora teria respondido “tem, mas é tanto”, expressando dúvida quanto ao seu poder aquisitivo.

Como Rosalina desejava ser tratada? De acordo com Neusa Santos (1983), ser bem tratado era ser tratado como o branco, modelo de cidadão. Segundo Rosalina, o filho de Seo Oviêdo que a conhecia teria visto a situação desagradável, mas não teve jeito, ela saiu e não quis realizar a compra naquele lugar. Em outra entrevista ela disse:

**Rosalina Santos:** Tinha um velho gringo Seo Kalil Abud(...), bruto que nunca vi. **Não atendia a gente direito**, ele vendia coisas muito boa, muito cara num sabe? (...) Na Rua de Laranjeiras, no trecho da Rua de João Pessoa e a Rua da Frente, à esquerda de quem desce, a segunda casa Seo Kalil. Um gringo metido, metido a botar banca **e a gente tinha que se sujeitar** porque só ele tinha as coisas boas, bonitas e de fato ele vendia muita coisa boa e bonita,...(Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju/SE, 18 jun. 2019, grifo nosso).

Conforme Beatriz Nascimento, “A todo momento o preconceito racial é demonstrado diante de nós, é sentido. Porém, como se reveste de uma certa tolerância, nem sempre é possível percebermos até onde a intenção de nos humilhar existiu”.<sup>99</sup> Ou seja, por vezes o racismo se apresenta de forma tão sutil que em certos momentos é difícil de perceber até mesmo por quem foi atravessado por ele.

Nas palavras de Beatriz Nascimento, “Sentimos, nós, pretos, que a tolerância conosco camufla um profundo preconceito racial que aflora nas mínimas manifestações, inclusive naquelas que aparentam ter um cunho afetivo”.<sup>100</sup> A aparência de Rosalina também fazia parte da sua tática de trabalho, estratégia que chamava atenção de mulheres como Dona Maria Sobral. Segundo Rosalina, essa mulher branca a admirava e a chamava de “carioca”, dizia:

<sup>99</sup> Beatriz Nascimento, *Uma história feita por mãos negras*, p. 40.

<sup>100</sup> Ibid., *Uma história feita por mãos negras*, p. 40.

“As cariocas é que vivem assim, toda chique. Para onde é que vai assim minha filha?, (...), eu queria que todas nêga fosse igual a tu”. (SANTOS, 2015).

Grada Kilomba chama de racismo cotidiano “vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as pessoas de cor não só como “outra/o”,(...), mas também como Outridade, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca”.<sup>101</sup> Ainda conforme Kilomba, o racismo cotidiano está atrelado às experiências de vida, como algo rotineiro, que se repete na trajetória de vida de sujeitos negros como Rosalina Santos.

Segundo Munanga (2003, p. 08), “a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, lingüísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence”.

O preconceito de cor no Brasil é a ideologia através da qual se manifesta o racismo nas suas mais diversas gradações e cria a imagem do mau cidadão negro. É o responsável pela distorção de julgamento que se faz sobre o comportamento dos grandes contingentes populacionais de cor e determina uma série de medidas restritivas que - embora não codificadas - funcionam e estabelecem uma constelação de barreiras e desajustes consequentes que dificultam ou frustram a ascensão das camadas negras e mestiças no atual sistema de estratificação. (MOURA, 2021, p. 63).

Neusa Santos (1983) afirmou que, no rumo à ascensão, ora diante de barreiras, ora diante de brechas, o negro no Brasil se viu obrigado a associar-se aos “interesses, valores e modelos” do branco, ou seja, o negro buscou assimilar-se aos padrões daqueles que eram vistos como cidadãos, renunciando quando possível a sua identidade, o seu grupo, por vezes primando um individualismo, compreensível à luz do “mito da democracia racial”.

O racismo existente na “Aracaju nada romântica” fez com que, Rosalina, em busca da sua sobrevivência e dos seus familiares, buscasse se distanciar de elementos relacionados aos negros, ou seja, desse lugar de outridade, de elementos vistos por sua clientela branca como inferiores, o que lhe assegurava “maiores possibilidades de êxito e aceitação”. (SOUSA, 1983, p. 22).

Pude perceber a partir dos relatos de Rosalina Santos que o termo “nêga” era utilizado em certos momentos para se referir a mulheres negras empregadas domésticas, mulheres que não correspondiam com os padrões estéticos brancos. Logo, nesse último relato ao dizer “queria que todas nêga fosse igual a tu” ela não “passou em branco”, foi lida como “nêga”,

---

<sup>101</sup> Grada Kilomba, *Memórias da Plantação: Episódios do racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: editora Cobogó, 2019. (p.78)

ainda que negando, ou seja, afirmando que ela era diferente das demais, ela foi posta como outra. Quer dizer, ela não era igual à Dona Maria Sobral, mas correspondia em certa medida a um padrão que mulheres brancas desejavam ver nas demais negras.

Até o século XIX a cor era uma informação presente em diversos documentos, “negro” e “escravo” eram praticamente sinônimos, a condição de liberdade era inerente aos brancos – paulatinamente isso foi mudando.<sup>102</sup> Com a abolição novos códigos e significados foram criados. Entretanto, podemos observar que houve certa continuidade. Ser chamado de “nêgo” ou “nêga” meados do século XX era ainda um estigma do qual Rosalina Santos procurava se esquivar :

**Rosalina Santos:** Também a pessoa precisa se manter viu, naquela linha, saber como se apresenta, saber como pisa... Nunca amarrei um pano na cabeça, trepada num tamanco pra ir costurar, **eu ia costurar parecendo que ia pra uma festa.** (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 28 ago. 2015, grifo nosso).

Segundo Gonzalez (1983), a “domesticação” é um dos mecanismos para tornar mulheres negras mais “aceitáveis” ou “toleradas” pelas mulheres brancas. Ao buscar ascensão social, se aproximando cada vez mais de um modelo branco do que é ser cidadão, negros e negras se afastavam de elementos associados historicamente aos negros, passavam a ser vistos com “feições finas”, “educados”, “elegantes”, “quase brancos”.

Sua aparência era reconhecida por elas e comunicava – Rosalina Santos utilizava o pente quente para alisar seu próprio cabelo, colocava bobes para deixá-los encaracolados, usava pó de arroz, os seus vestidos e o “salto”, evocado nas entrevistas como símbolo de sua elegância, juntos esses elementos podem ser compreendidos como formas utilizadas por Rosalina Santos para ser aceita pela clientela branca e rica, visando uma certa ascensão social e econômica, além de comunicar que era uma mulher moderna, boa profissional, desfilando suas próprias criações.

Toda essa dedicação ao trabalho com as costuras e sua aparência pode ser interpretada como uma forma de se diferenciar das outras costureiras, as suas concorrentes. Outro ponto muito relevante que identifiquei nas entrevistas foi o fato de Rosalina não ter se casado, não que fosse obrigada a isso, mas era o que se esperava das mulheres de sua época. Na sua auto-reflexão, ela de maneira bem humorada apontou o trabalho como responsável por isso:

---

<sup>102</sup> Sobre essa questão ver MATOS, Hebe. Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista (Brasil, século XIX). - 3ª ed. rev. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

**Edwyn Gomes:** Então a senhora fez muito sucesso com suas costuras?

**Rosalina Santos:** Fiz ! Ainda outro dia eu tava me lembrando, **eu fiz tanto vestido e esqueci de fazer o meu** – risada – esqueci de fazer o meu vestido, eu perdi a conta dos vestido de noivado e agora é que eu to...

**Edwyn Gomes:** A senhora desenhava pra fazer o modelo?

**Rosalina Santos:** Tanto desenhava como já vinha desenhado, como comprava revista pra fazer um modelo, os vestidos trabalhosos. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, nov. 2015).

**Rosalina Santos:** Eu sofri muito, é porque nosso Senhor sempre me deu paciência, nunca briguei com minhas freguesa, **tinha paciência de aguentar os desaforos** e agradecendo a Deus. Porque na época não se tinha tanta facilidade de ter costura, muitas costureiras ficaram desmarcando, fechava, porque não tinha oportunidade de ter uma freguesa boa... [tinha clientes que] mandavam fazer o vestido depois não buscava, não pagava... (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 12 dez. 2019, grifo nosso).

Embora ela enxergasse dessa maneira, se faz necessário demarcar nessa escrita que sua “solidão” foi mais um dos efeitos do racismo nas relações sociais em que ela esteve inserida. Não podemos cair na ilusão de que ela se dedicou tanto ao trabalho que não foi possível encontrar um pretendente, na verdade ela estava em movimento, ela circulava na cidade, desde espaços de poder, nos casarões das famílias brancas, na periferia onde habitava, mas não foi escolhida, foi preterida possivelmente por sua condição enquanto mulher negra e costureira.<sup>103</sup>

**Rosalina Santos:** Eu não tinha tempo pra namorar não, tinha que trabalhar pra pagar a casa, pra pagar remédio, médico, tive tempo pra namorar não, de jeito nenhum.

**Edwyn Gomes:** Mas também não gostou de ninguém? - risada.

**Rosalina Santos:** Bom aí é diferente.

**Edwyn Gomes:** Gostou?

**Rosalina Santos:** Eu nem sei lhe responder (silêncio) eu acho que não.

Para Souza (2008), existem algumas barreiras que tornam a mulher negra pouco valorizada como pretendente à esposa, como por exemplo, sua faixa etária, etnia, o gênero e o desejo incutido no homem negro em ascender socialmente, enxergando a mulher branca como possibilidade para isso.

---

<sup>103</sup> Sobre o preterimento de mulheres negras no Brasil ver Souza, Claudete Alves da Silva. A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. 2008. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

**Figura 20.** Fotografia da máquina de costura de Rosalina Santos. Atualmente está no Bairro Massaranduba, em Salvador (BA), sob os cuidados de sua afilhada Maria da Glória Santos Alves. Fonte: Acervo de Elba Nara Santos Alves.



**Edwyn Gomes:** E a máquina de costura, a senhora conseguiu como?

**Rosalina Santos:** A máquina foi uma coisa interessante, a máquina eu comprei com dinheiro emprestado - uma máquina velha, minha primeira máquina - risada. Mas um ponto ótimo! Ligeira! 3 mil cruzeiros. Eu não sei foi 3 mil cruzeiros ou não era cruzeiro ainda, nem me recordo... Era no pé, foi ela que me tirou do pé, uma máquina velha, a madeira estragada mas o ponto ótimo.

**Edwyn Gomes:** Comprou a quem essa daí?

**Rosalina Santos:** A quem foi mesmo que eu comprei essa máquina? Lembra a quem eu comprei a minha primeira máquina do pé?

**Dona Lourdes:** A quem você comprou?

**Rosalina Santos:** Sim.

**Dona Lourdes:** Foi a uma branca, não foi?

**Rosalina Santos:** quem emprestou o dinheiro foi Dona Ester, a mãe de Cecília.

**Dona Lourdes:** Tá - risada. Eu não me lembro mais não.

**Rosalina Santos:** Também não me lembro. Era uma máquina velha mas um ponto bom.

**Dona Lourdes:** Máquina bonita!

**Rosalina Santos:** Era uma máquina antiga!

**Dona Lourdes:** Era. Gordá! - risada.

**Edwyn Gomes:** pesada?

**Rosalina Santos:** pesada e ainda do tempo antigo, barriguda. Minha máquina não era assim não, era barriguda. Eu sei que foi três mil réis, ói era no tempo do mil réis ói. Com ela eu comprei duas! Era costurando na mão.

**Dona Lourdes:** Costurava, costurava assim e parava - risada.

**Rosalina Santos:** Pra descansar o braço. - risada.

**Edwyn Gomes:** tinha que ficar girando era?

**Rosalina Santos:** Girando? Quando eu parava, ela parava também. Ficava esperando. Parava pra descansar um pouquinho.

**Edwyn Gomes:** E o do pé era o quê?

**Rosalina Santos:** O do pé foi depois quando eu comprei a nova, comprei a nova e ainda não comprei com o pé porque era caro e não podia comprar. Comprei sem o pé, depois foi que eu comprei o pé. - risada. Você não sabe de nada não Dudu! Foi é coisa, como eu trabalhei e como! misericórdia!

**Edwyn Gomes:** Enquanto isso Ermita trabalhando...

**Rosalina Santos:** Também! Ermita quanto a gente não fica atrás não. Na casa de Dona Ester ela lavava e passava ferro. Quando ela vinha da casa de Dona Ester, me ajudava a costurar de noite! A gente cozia de dia e de noite. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos e Maria de Lourdes dos Santos, Aracaju, 17 jun. 2019).

Essa entrevista revela como Rosalina Santos enfrentou dificuldades financeiras para adquirir meios de trabalho e empreender, recorrendo ao empréstimo de dinheiro à uma de suas

clientes, comprando uma máquina de costura já velha, com madeira estragada e sem o suporte, um exemplo que remete às condições precárias vividas por muitas trabalhadoras e tabalhadores negros.

Também é interessante observar a relação de trabalho e as negociações. Sua jornada de trabalho revela o quão intenso era a rotina de costurar de dia e de noite, em busca de melhores condições enfrentando tamanhas adversidades.

Conforme Ana Alves e Tânia Cunha (2009), ao escrever artigo sobre o livro de Costura Singer como fonte documental, afirmaram que ao assumir dupla jornada de trabalho as mulheres estariam corroborando com a manutenção do sistema e o ofício da costura como atividade “complementar” na economia familiar, portanto, reforçando o patriarcalismo, uma vez que teoricamente se mantinham dependentes do homem, do principal provedor do sustento da família.<sup>104</sup>

**Figura 21.** Diploma de Emita Maria da Conceição, década de 1950.  
Fonte: Acervo de Rosalina Santos.



Porém, convém destacar que no caso de Rosalina Santos, por se tratar de uma mulher negra, o ofício da costura não se caracterizou atividade “secundária”, ou “complementar” na economia da casa. Antes, porém, caracterizou-se como principal meio de sustento do seu núcleo familiar composto por duas mulheres solteiras e uma viúva. Ela e sua irmã Ermita trabalhavam juntas, Ermita a ajudava passando ferro, “ela trabalhava no Colégio [Ateneu] quando era no dia de sábado ia pra feira, me ajudava a terminar as costuras, ia levar as costuras, (...). (SANTOS, 2015).

<sup>104</sup> Consultar Ana Elizabeth Santos Alves; Tânia Rocha Andrade Cunha. "Livro de Costura Singer: Fonte Documental Para Os Estudos Sobre Trabalho e Gênero", *Revista HISTEDBR* nº especial [online], Campinas, mai. 2009, p. 293-304.

### 3.1 Entre Bailes, Cinema e Retretas – trabalho e lazer na “Aracaju Romântica”.

Conforme Rosalina Santos, era realizado no Parque Teófilo Dantas, conhecido como Praça da Catedral, bailes de primavera no mês de Setembro abrindo um período de procura pelo seu trabalho de costureira. Seguido pelas formaturas, chegada de companhias de teatro e festas de fim de ano, o trabalho de costureira aumentava exponencialmente:

**Rosalina Santos:** “A companhia de Procópio está pra chegar!” A gente costurava como se fosse natal. Tinha que mudar roupa todo dia, oxente ia repetir vestido quinze dias, um mês,(...). Teve uma época que Procópio ficou aqui quase uns dois meses, ave maria nunca se cozeu tanto!(...), ninguém queria repetir , ninguém bem entendido, elas! Ricas, não ia repetir modelo... No outro dia era o comentário “você viu o vestido de fulano? Horrível meu deus!” Elas chegavam lá,”Rosalina você viu? O vestido de fulano?” Por onde eu ia ver, pelo buraco da parede? Eu tenho dinheiro pra ir na – risada – Companhia de Procópio?! Minha fia eu não vi não... Mas que coisa! Meu deus, que vestido horrível!” Se não tinha dinheiro, não tinha vestido, não ia. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, Aracaju, 03 Out. 2018).

Trata-se do dramaturgo, ator e diretor de teatro Procópio Ferreira que em passagem por Aracaju, se apresentou no Cinema Rio Branco em 1950. Através desse relato podemos perceber que a chegada de companhias de teatro na cidade aumentava a procura por costureiras. Nesse trecho da entrevista com Rosalina Santos nos é revelado como funcionavam as regras sociais e de como as atividades culturais eram quase que exclusividade daqueles que possuíam maior poder aquisitivo.

Em entrevista com o primo Samuel Costa Gomes sobre o seu pai, o boêmio Nilo Gomes dos Santos, primo de Rosalina nascido em 1909, Samuel relatou que havia um dito popular que o seu pai costumava dizer - “nêgo nu não dança!”. De acordo com Samuel Costa Gomes:

[Nilo Gomes dizia que] “nêgo nu não dançava”, e eu nunca entendi e com a vida fui entender, todo negro que gostava de farra e boêmio como ele era, não podia andar com uma roupa só porque dizia-se que era “negro nu” ou mal vestido. (Entrevista concedida ao autor por Samuel Costa Gomes, Nossa Senhora do Socorro, 17 jun. 2016).

Esse adágio, que nos faz lembrar aquele apresentado na epígrafe deste capítulo, revela o pensamento da época e a importância que as roupas passaram a ter para a população negra principalmente no pós abolição. Como dito anteriormente, a sociedade branca procurou criar novas barreiras para impedir que negros e negras, em sua maioria pobres, tivessem acessos. Para se divertir na Associação Atlética de Sergipe, festas como Natal e Reis custavam Cr\$

100,00 e o Reveillon Cr\$ 200,00, sendo exigido o uso de “trajo de passeio completo”.<sup>105</sup> De acordo com D. Lourdes quem era pobre não frequentava esses lugares:

**Edwyn Gomes:** A senhora frequentava a Atlética?

**D. Lourdes:** Que nada, aquilo ali era, não ia não pra Atlética, atlética era um clube especial, quem tinha [fazendo sinal de dinheiro com as mãos]. Não frequentava clube, eu me casei naquela época, a gente pobre não frequentava essas coisas e a gente ganhava era besteira mesmo, o ordenado de empregada era besteira. Dinheiro era difícil Dudu, tomava algum dinheirinho, quem tinha família né, mandava um pedacinho pra mãe ficava com uma besteira né? Tudo era mais barato, mas não tinha dinheiro e hoje não, hoje se trabalha né? Ganhar 25 mil réis, ave maria, ganhava o quê? ganhava o mundo!

**Edwyn Gomes:** Era muito?

**D. Lourdes:** Era muito. A empregada pra ganhar 50, 100 real, vije meu deus, era difícil.

De acordo com Mellins (p. 77, 2000) para participar das festas na Atlética, era obrigatório o “traje passeio completo”, nas festas de Natal, Reveillon e Reis traje a rigor: “smoking, Sammy e Diner Jack para os cavalheiros, e vestido de baile, para as senhoras e senhoritas”. Embora o salário mínimo estivesse fixado em Cr\$ 500 (quinhentos cruzeiros)<sup>106</sup> - empregadas domésticas como D. Lourdes recebiam Cr\$ 25 (vinte e cinco cruzeiros), digamos que Rosalina fizesse 5 vestidos por semana, pelo valor de Cr\$ 8 (oito cruzeiros), seu lucro semanal era de apenas Cr\$ 40 (quarenta cruzeiros), no final do mês ela teria um lucro de apenas Cr\$ 160 (cento e sessenta cruzeiros), valor muito distante do salário mínimo determinado por lei.

**Rosalina Santos:** As festas eram no fim do ano, a não ser quando era, começava no mês de setembro, que era primavera, depois disso eu já não dormia mais, quando começava perder noite no mês de setembro ia dormir em janeiro.

**Edwyn Gomes:** Como assim?

**Rosalina Santos:** Ô, mas vinha as festas da primavera, hoje a gente encontra tudo pronto, os enfeites, as rendas, bordados, tudo, tudo. Naquele tempo quem fazia era a gente. Rebordar um vestido todo é brincadeira? No carnaval a mesma coisa, quando o carnaval começava cedo, terminava as festa de Dezembro, começava o carnaval, porque o povo não ia dançar nu como vai hoje, tá vestido, quando vai sair pra praça tira a roupa e vai nu. Era fantasia feita, enfeitada, rebordada com paetê, com lantejoulas, eu me lembro que eu comecei teve um ano que eu comecei, terminei de fazer a roupa de primeiro de Janeiro quando foi no dia dois de Janeiro eu comecei a cortar costura pra carnaval, porque tinha que ser redefinindo tanta coisa, tanto bordado, tanta lantejoulas, tanto pompom, tanta coisa que tinha que fazer, tudo era a gente que fazia, raramente encontrava uma coisa feita, tinha muito assim era botão, era fêche, mas bordado mesmo, quem fazia era a gente, a gente não, eu, a bordadeira, costurava de dia e bordava de noite. (Entrevista concedida ao autor, por Rosalina Santos 18 Jun. 2019, Aracaju/SE).

<sup>105</sup> Hemeroteca do Arquivo Público do Estado de Sergipe - Correio de Aracaju (28/12/1950).

<sup>106</sup> Revisão das Tabelas de Salário Mínimo. Sergipe-Jornal. Aracaju, 25 de out. 1951. p. 01

É possível perceber a existência de um ciclo no calendário de Rosalina Santos, iniciado em meados de Agosto e Setembro (com os bailes de primavera), Novembro e Dezembro (festas de Natal e Reveillon) e Janeiro e Fevereiro (bailes de carnaval), um período de mais ou menos 6 meses, marcado pela intensa procura dos seus serviços de confecção.

Seja por falta de tempo, em decorrência da grande quantidade de roupas para fazer ou por baixa remuneração, empregadas domésticas como Dona Lourdes e costureiras como Rosalina Santos não frequentavam clubes como a Atlética, o que não significa que não encontrassem outros meios para se divertirem e assim fugirem da rotina do trabalho. Para Rosalina Santos a retreta na Praça Fausto Cardoso e o cinema aos domingos eram a diversão garantida:

**Rosalina Santos:** Ave maria, eu ia muito no cinema, (...), quase todo domingo a gente ia pro cinema porque não tinha pra onde ir mesmo, tinha que ir pro cinema, quando o filme era bom passava duas sessões e quando não era, era uma só. Mas primeiro a gente tinha que dar uma virada na retreta, na Praça do Palácio, a música tocando, povo sentado nos bancos, passeando, todo mundo tinha que ter um jeito de viver né, não ia ficar olhando pra cara um do outro, aqui não tinha ainda, rádio não tinha, não tinha televisão, não tinha nada, tinha que ir pro cinema, cada filme(...)Filmes ótimos O Vento Levou, A chuva de Hanshiput [?], Desirée, Romeu e Julieta e outros, filmes de cowboy, meu deus que filmes, que filmes! Ficava lá na segunda sessão porque na primeira tava muito cheia quando o filme era muito bom, a gente ficava pra segunda sessão terminava dez e meia, onze horas, onze meia. A gente vinha de lá do [Cinema] Rio Branco, sabe onde é o Rio Branco num sabe? (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 12 de mai. 2019, Aracaju/SE).

Embora o rádio tenha chegado em 1922 no Brasil, é interessante notar que em Aracaju, pessoas de baixo poder aquisitivo como Rosalina Santos ainda não tinham acesso na década de 1940. O único meio de comunicação que alcançava as massas era o cinema, e disso Getúlio Vargas sabia muito bem. Através do Departamento de Imprensa e Propaganda, Vargas censurava e promovia propagandas do governo.<sup>107</sup>

Em 1949 você poderia assistir um filme por Cr\$4,80 (quatro cruzeiros e oitenta centavos).<sup>108</sup> Os filmes norte-americanos fizeram muito sucesso – note que os filmes citados por Rosalina Santos como *E o vento levou* (1939), *Desirée* (1954) e *Romeu e Julieta* (1968), são produções hollywoodianas inesquecíveis para ela. Na companhia da sua irmã ou da prima, também costureira Terezinha dos Santos, iam ao Cine Rio Branco, o seu cinema preferido localizado na Rua João Pessoa. Além de ser o cinema de melhor estrutura da cidade, contando com uma boa ventilação, o Cine Rio Branco tinha certo prestígio social:

<sup>107</sup> Sobre manifestações nas salas de cinema durante a ditadura de Vargas, ver CRUZ, A. S. . Cinemas em Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial: uma análise histórica. BOLETIM HISTORIAR , v. 07, p. 57-66, 2020.

<sup>108</sup> Não está Certo.Sergipe-Jornal. Aracaju, 05 de jul. 1949. p. 01

O Rio Branco, mantinha em sua estrutura, três espécies de acomodações: cadeiras confortáveis, camarotes, cujos ingressos eram vendidos diferencialmente nas exhibições de grupos teatrais, orquestras, show de cantores. E a geral ou Torrinha, com preços populares. Era a casa de espetáculos de melhores acomodações e a mais ventilada da cidade, dotada de um grande palco, e camarins, razões pelas quais as melhores companhias teatrais, e cantores nacionais e internacionais procuravam o cinema da Rua João Pessoa, para as suas temporadas.(MELLINS, 2000, p.49-50).

De acordo com Cruz (2020), entre 1939 e 1945, cinemas como Rio Branco, Cine Rex, Guarany, São Francisco e Vitória anunciavam suas programações nos jornais e recebiam diversas pessoas nas suas salas, inclusive aquele público menos abastado, o que gerava reclamações sobre o comportamento daqueles que sentavam nas poltronas “da geral”. Conforme a autora, “O fato era público e foi registrado pelos jornais. Frequentemente os ocupantes das cadeiras se queixavam do público que ocupavam os assentos das gerais, que pagavam menos para ingressar nos cines.”. (CRUZ, 2020, p. 63).

**D. Lourdes:** Dia de domingo tinha retreta na Praça Fausto Cardoso, as famílias ficava por ali, família só não, cada um com seus filhinhos, ia dar uma voltinha lá embaixo, a banda da polícia tocando, alegria! Muita gente sentada nas porta, quem morava por ali, era aquela beleza.(Entrevista concedida ao autor por Maria de Lourdes dos Santos, 05 de jul. 2019, Aracaju/SE).

Conforme Mellins (2000, p. 72). “Todas as quintas-feiras, domingos, feriados ou dias santificados, havia na Praça Fausto Cardoso o concerto popular executado pela pelas Bandas do Exército Brasileiro e da Polícia Militar”. Nas ruas as bandas tocavam marchas militares e no coreto da praça eles tocavam um repertório norte-americano, músicas brasileiras, boleros etc. Enquanto aguardava a segunda sessão do Cine Rio Branco, Rosalina Santos ouvia a banda tocar no coreto - a praça Fausto Cardoso era o ponto de encontro dos casais que passeavam, apresentavam suas companheiras aos amigos que ali encontravam lazer e alguma diversão.

**Rosalina Santos:** No dia de Natal, a gente terminava quando tava na hora de celebrar a missa, naquele tempo se tinha respeito, hoje o povo não respeita nem Deus, é por isso que as coisas estão acontecendo... A gente ia passear na praça, quando tava perto da missa, todo mundo parava aquelas brincadeiras toda, tudo parava, quem queria ir pra missa, ia, quem não queria ficava mas não ficava o padre celebrando e aquela zuada, de jeito nenhum! Todo mundo ficava [em silêncio], quando terminava, quando terminava a missa, o povo que gosta de comer doce ia comprar os doce, doce na praça, comprava e ia pra casa, a gente nessa época José [Antero] já morava aqui, nessa casa, numa barraca de palha. A gente vinha de pé de lá da praça, na maior tranquilidade, comentando a roupa das outras, comentando os casos que aconteciam diferente – risada – comentando os namoro, as coisas, quando chegava aqui ói, nessa rua aqui de Gararu, na esquina, daí pra cá não tinha mais uma rua, uma casa, era areia pura! Pura, pura. A gente atravessava esse areal todo vinha pra aqui. As menina de tio Elias, vinha Maria José, Rosa, vinha passar o Natal aqui com a gente. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, em 12 de Mai. 2019, Aracaju/SE).

Mellins (2000) destacou que o Natal no Parque Teófilo Dantas era ponto de encontro de diversas pessoas que encontravam diversão nos brinquedos como rodas-gigantes, carrossel além de apreciar a cultura local, com apresentação de grupos como Reisados, Cheganças, Cacumbis, Pastoril e outros. As famílias mais abastadas “mandavam colocar bancos guarnecidos de ferro” com o nome de cada proprietário, de onde assistiam o “desfile de modas”.

Por toda extensão do Parque encontravam-se **vendedores ambulantes** carregando balões coloridos inflados com oxigênio, amarrados em cordões e presos às mãos para não subirem. Outros, vendiam algodões-doces, confeitos, amendoins, castanhas, roletes de cana, espetados em palitos da própria casca ou de talas de tabocas. **Doceiras com seus tabuleiros** vistosos, forrados com panos alvos, exibiam pequenos peixes moqueados enrolados com folhas de bananeiras, vindos de Itaporanga e São Cristóvão. **As saborosas queijadas, os pés-de-moleque, os dedinhos de iaiá, os acarajés, os abarás, os rosários de ouricuris cozidos, cartuchos de amendoins torrados e as barquinhas coloridas de papel enfeitadas com bandeirinhas, cheias de castanhas confeitadas.** (MELLINS, 2000, p. 25).

Onde estavam os negros na noite de natal nessa Aracaju Romântica de Murilo Mellins? A cor dos vendedores ambulantes e doceiras foi silenciada, não à toa. Eles estavam nos grupos de Chegança, Cacumbis e Reisados que se apresentavam na praça, também estavam entre os vendedores e vendedoras ambulantes e nos tabuleiros de queijadas, acarajés e abarás. Eles eram também o público presente, aqueles que desciam os morros de areia da periferia para assistir a missa, assim como Rosalina Santos e Dona Lourdes.

Conforme entrevista, Rosalina e sua irmã Ermita na companhia de suas primas, iam se divertir na praça e prestigiar a “missa do galo” na noite de Natal. O retorno para casa, atravessando todo areal, era marcado pelos comentários sobre a noite, sobre as roupas, sobre os “causos” e claro, sobre os namorados.

Para além da figura carnavalesca do solitário “Doutor”, descrito por Mellins (2000) como “escurinho de bom comportamento” que aparecia no carnaval, homem negro que desfilava de cartola, bengala e um grande livro na mão, representando aquilo que, nas palavras de Mellins “não conseguira ser na vida real”. Homens e mulheres negras existiram não apenas no carnaval e apesar de encontrarem vários obstáculos na Aracaju dos anos 1940 e 1950, empreenderam negócios, em casa ou nas ruas, driblando quando possível as adversidades da vida na capital.

### 3.3 Conclusão

Em Sergipe a família paterna e a família materna de Rosalina Santos, duas famílias negras que se formaram no cativeiro em meados do século XIX, procuraram meios para se estabelecer com o fim formal da escravidão no Brasil. Enquanto a família paterna de Rosalina se manteve próxima do engenho que foram escravizados, procurando se estabelecer como “roceiros”, a família materna se estabeleceu povoando uma região de Santa Rosa, se afastando dos antigos engenhos. Ambas engendraram suas próprias formas de viver, de trabalhar, tendo a família como núcleo de solidariedade.

Como pudemos observar no capítulo anterior, a madrinha de Rosalina teve papel fundamental para a sua formação, foi quem a preparou para as lidas da costura e custeou sua educação, matriculando-a na LSCA e mais tarde no Colégio Nossa Senhora de Lourdes. A madrinha Rufina possibilitou uma nova realidade para além dos antigos engenhos e das novas usinas.

Famílias negras existiram e existem. Sentiram os impactos da segunda guerra mundial, o medo de perder um filho, um irmão ou noivo. Mantiveram relações de parentesco mesmo no contexto de intensas migrações, articulando apoio e solidariedade. Enfrentaram as suas guerras diárias, desciam os morros de areia para lavar roupas ou, como no caso de Rosalina Santos, saíam das suas ruas de areia para trabalhar nas casas do centro.

No século XIX eram as “sinhás”, na década de 1940 eram as “patroas” que se aproveitando da ingenuidade, da falta de instrução e por medo de “perder a nêga”, tentavam cercear suas empregadas, mantendo práticas dos tempos de escravidão.

Não “sujou na entrada”, Rosalina Santos soube chegar muito bem no mercado de trabalho, no mundo das costuras em Aracaju dos anos 1940 e 1950. Diante de um contexto de acirramento político, Rosalina seguia as orientações da sua mãe para não se expor e se prejudicar com fofocas no ambiente de trabalho. A fuga dos estigmas raciais revelou-se estratégia para manter-se costureira dessa clientela branca e rica de Aracaju.

Discreta – de modo silencioso, evitando conversas e fofocas, Rosalina Santos procurou evitar eventuais problemas. Provavelmente percebeu que o ambiente doméstico a tornava mais suscetível a episódios de violência. Através da “resistência passiva” virou o jogo, conseguiu fazer com que as “dondocas” pisassem nas areias da periferia em busca dos seus serviços na sua própria residência.

Seu cotidiano foi marcado por “episódios de racismo” tácito. Não era somente no ambiente doméstico que ela poderia ser alvo dessa violência, mesmo na rua ao ser abordada

por mulheres brancas, ou nas lojas em que precisava comprar algum material. Mas do ambiente doméstico era possível se afastar. Portanto, ao se formar em Corte e Costura, ela se distanciou do ambiente doméstico, da sujeição nas casas das famílias brancas, permanecendo com a mesma clientela que agora precisava procurá-la.

Tampouco “sujou na saída”, soube sair das casas das mulheres brancas. Com suas linhas conseguiu “arrastá-las” para os areais. Quando perceberam, se é que perceberam, já estavam conquistadas. Diante do exposto, podemos inferir que, assim como uma agulha, costurando o tecido social, Rosalina Santos através da “resistência passiva”, buscou definir uma forma mais confortável de se trabalhar, impondo suas próprias condições, se afastando das casas, trabalhando na sua própria residência.

Rumo à uma pretensa ascensão ou melhoria de vida, prezando pela sua aparência, como “propaganda” do seu ofício de costureira, suas roupas, seu “salto alto” comunicavam o seu profissionalismo, fazia despertar o desejo de suas clientes pela sua roupa, eram a “alma do negócio”.

#### 4 - A MEMÓRIA DA ÁFRICA: MEMÓRIA, CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E AFRICANIDADES.

“Será de qual nação da África?  
Seu sobrenome não diz.  
A cor da tua raça africaniza seu país.”

Quilombo do Reggae - Anne Carol

O processo de captura dos diversos povos africanos para o trabalho compulsório nas Américas através do tráfico negreiro, resultou sem dúvidas, na ausência de informações sobre a origem desses africanos escravizados.

A música “Quilombo do Reggae”, utilizada como epígrafe neste capítulo, autoria da cantora e compositora Anne Carol, expressa justamente essa dúvida que paira sobre a cabeça de muitos afro-descendentes brasileiros que não sabem suas origens étnicas, ao contrário de muitas famílias brancas que mantiveram em torno do sobrenome a noção de origem no velho continente europeu.

Muitos africanos antes de embarcar eram batizados e recebiam nomes latinos como Feliciano, Germana, Teresa, etc. Em Sergipe alguns africanos conseguiram manter seus nomes de origem, como o africano *Òjò* (pronuncia: o.djô), conhecido com Herculano da Comandaroba, um dos líderes nagôs em Laranjeiras. Para os yorùbá *Òjò* é um apelido para crianças que nascem com o cordão umbilical enrolado no pescoço. (BENISTE, 2011, p. 565).

Numa das primeiras entrevistas, perguntei a Rosalina Santos se ainda seria possível encontrar o engenho ou a família que escravizou nossa família. Desejava localizar possíveis informações sobre a origem do nosso sobrenome. Inexperiente, Rosalina me alertou sobre o que eu realmente estava fazendo, ao dizer : “Você está pesquisando a sua família!”. Para ela não interessava se o sobrenome Gomes era de origem espanhola ou portuguesa, essa não era a nossa história.

**Edwyn Gomes:** Queria saber se eles eram Portugueses ou Espanhóis, porque aí a gente já ia saber a origem do nosso sobrenome, né?

**Rosalina Santos:** Não, a origem é essa mesma, era Gomes e daí veio o Gomes.

**Edwyn Gomes:** Se eles eram portugueses ou espanhóis.

**Rosalina Santos:** Ah mas isso não interessa, português ou espanhol, ou francês ou inglês, **você está pesquisando a sua família!**

**Edwyn Gomes:** É verdade, até porque o Gomes é deles né, a gente que “pegou emprestado”.

**Rosalina Santos:** Eles que emprestou. Eles diziam, os senhores, desses, que não é todos que assina com o nome do senhor, mas esse dizia “não, meus escravos são meus filhos, por isso o meu nome eu dou” mas não, sabedoria porque se um deles fugisse, sabia, aqui tem um Gomes. A história era essa, e todo mundo se assinava por nome do senhor. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 28 Ago. 2015, Aracaju/SE).

Nesse trecho da entrevista Rosalina Santos afirma que durante o processo de escravidão houve senhores que “liberaram” seus escravizados para utilizarem o sobrenome da família senhorial, na justificativa de que consideravam seus escravos como “filhos” mas que na verdade esse sobrenome era uma marca que os identificavam como objetos, como posse da família. Nas documentações de época, não é comum identificar escravizados com sobrenomes, o que só ocorre entre aqueles que foram alforriados e que passaram a adquirir sobrenomes.

Como afirmou Lélia Gonzalez, “negro tem que ter nome e sobrenome, senão os brancos arranjam um apelido... ao gosto deles”. Essa famosa frase expressa a situação do negro no pós-abolição e a necessidade de se ter nome e sobrenome na sociedade emergente. Tanto na família materna de Rosalina, quanto na família paterna, alguns familiares possuíam sobrenomes diferentes.

Por exemplo, na família materna como foi apresentado anteriormente, a avó de Rosalina, chamava-se “Riquêta” mas nos documentos seu nome era Henriqueta Maria da Conceição. Outro caso, foi a sua bisavó Rosalina que adotou o sobrenome “de Jesus”, que era o sobrenome da sua ex-senhora. O pós-abolição foi marcado pela adoção de sobrenomes, que podiam ser nome de santos e até mesmo o nome do local de nascimento. (AVELINO, 2018).

Portanto, percebe-se que diante das experiências e necessidades que a sociedade impunha, sobrenomes, por vezes diferentes numa mesma família, foram adotados ao longo do tempo e podiam servir como proteção, como referência local e como pertencimento a um determinado grupo.

Cabe ressaltar que para ser reconhecido como parte da família não era necessário ter o mesmo sobrenome. Para os nossos mais velhos, o que tinha importância significativa era a origem em comum, a relação de parentesco definida por um ancestral comum que uniam os

demais descendentes e até mesmo o passado vivido no mesmo cativoiro, no mesmo engenho, era suficiente para aqueles egressos se considerarem parentes.

Durante a análise das entrevistas com Rosalina Santos, alguns aspectos chamaram atenção, dentre eles a consistência de suas memórias. Durante o período de 2014 a 2021, sempre que conversávamos sobre nossos ancestrais, alguns assuntos se repetiam, pouco se alteravam, uma palavra ou outra mudava, mas eram sempre os mesmos relatos.

Como dito anteriormente, trata-se de memórias herdadas dos seus pais e avós, expressa sobretudo no início das suas falas, ao que recorria aos termos “mãe dizia” ou “pai dizia”. Ela muito provavelmente foi uma boa ouvinte, se interessava pelo passado e por muito tempo conversou sobre assuntos familiares com sua mãe e sua irmã, razão de serem memórias tão consistentes.

**Figura 22.** Foto de Ermita Maria da Conceição na cozinha , s.d.  
Fonte: Acervo de Rosalina Santos.



Entre 1948, quando Agripina passou a residir com as filhas, até 1980, ano em que faleceu, foram 32 anos de convivência ininterrupta. Além do convívio com os mais velhos da nossa família durante a infância, inclusive entre os egressos da escravidão, Rosalina Santos pôde aprender as histórias da família através do convívio com sua mãe e assim recebeu sua herança: diversas histórias, nomes de pessoas e lugares relacionados ao passado da nossa família. Mesmo após a morte de sua mãe, ela continuou residindo com sua irmã mais velha

até 2011, ou seja, mais de 63 anos coabitando e muito provavelmente, cozendo informações sobre o passado.

Cabe ressaltar aqui a longevidade desses sujeitos. Com exceção do pai Anthero, que viveu 66 anos, todos chegaram na casa dos noventa anos - Agripina, 98 anos; Ermita, 94 anos; José Anthero, 90 anos; Rosalina, 96 anos. Não foi apenas com sua mãe que ela aprendeu as “lições da vida” - apesar de ter perdido o pai aos 24 anos, com ele Rosalina aprendeu por exemplo, a enxergar as desigualdades presentes no dia a dia :

**Rosalina Santos:** gente rica nunca foi amiga de pobre, nunca, gente rica nunca foi amiga de pobre. Meu pai era um velho homem ignorante analfabeto, sabe como é que ele dizia? (...), assim mesmo nesses termo “**minha fia quando tu ver o pobre na mesa do rico, [cochichando] a comida é do pobre**, a comida tá na mesa, mas a comida é do pobre de qualquer jeito, não pagam bem, uma coisa ou outra, contanto que a comida do pobre tá ali no meio, bancando. A comida é do pobre. E é mesmo, analisando bem, é.

**Edwyn Gomes:** A comida é do pobre? Como assim?

**Rosalina Santos:** Porque quem comprou a comida, quem organizou, o dinheiro que foi pra comida, ele tirou do bolso do pobre de um jeito ou de outro saiu do bolso do pobre. Um pobre na mesa do rico, a comida é do pobre. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 17 jun. 2019, Aracaju/SE, grifo nosso.).

De acordo com Funkenstein (1989), o conceito de “consciência histórica” pode ser compreendido como modo de investigação histórica que toma como base a memória coletiva para interpretar o passado e atribuir significados, servindo inclusive para criação de identidades pessoais ou coletivas.

A memória coletiva se refere às lembranças de grupos sociais situados no tempo e no espaço, no caso de Rosalina Santos, lembranças relacionadas ao tempo do cativo e ao tempo da liberdade vivenciado pela nossa família em Divina Pastora, aspectos que a faziam se sentir pertencente ao grupo. “Ela [a memória coletiva] apresenta ao grupo um quadro de si mesmo que, sem dúvida, se desenrola no tempo, já que se trata de seu passado, mas de tal maneira que ele se reconhece sempre dentro dessas imagens sucessivas”. (HALBWACHS, 1990, p. 88).

Rosalina Santos foi apresentada desde a infância à memória coletiva da família e ao longo do tempo foi desenvolvendo sua consciência histórica e sua identidade tendo como uma de suas bases essas memórias de família. Por exemplo, podemos citar a memória do seu avô Tibúrcio, evocada como exemplo de trabalhador, uma memória trazida ao presente para afirmar sua dedicação ao trabalho, como uma herança deixada pelo avô ex-escravizado, ou

seja, a origem de sua aptidão para o trabalho encontrava-se na memória e no seu DNA, na sua ascendência:

**Rosalina Santos:** A nossa família é de muita responsabilidade, num sei agora porque tá muito misturada, mas nosso avô, ave maria, todo mundo respeitava Tibúrcio, Tibúrcio era uma pessoa direita, de responsabilidade, de tão direito morreu, coitado. Morreu de tanta responsabilidade. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 22 dez. 2015, Aracaju/SE).

Essa fala de Rosalina Santos contrapõe algumas afirmações sobre a impossibilidade das famílias negras em estabelecer identidades positivas a partir da experiência da escravidão. Quer dizer, Tibúrcio havia sido carreiro e possuía algum prestígio por exercer um ofício de confiança, sua responsabilidade, respeitabilidade e dedicação com o trabalho foi transmitida como memória aos seus descendentes.

Por falar em ascendência, alguns pontos merecem destaque nessa pesquisa, como por exemplo a memória da África, ou melhor, o reconhecimento de sua origens africanas, expressa por sinais, não só aqueles que ela carregava na sua pele negra cheia de pontinhos pretos no rosto e no busto, mas também sua identificação com o continente africano, quando conversávamos sobre a origem dos negros de Sergipe:

**Rosalina Santos:** Eram negros da Costa do Marfim. Nigéria. A Costa do Marfim só tem negros e negras bonitas, altos e elegantes, os dentes lindos, as fileiras de dentes, são de negros bem feitos, uma vez num sabe, eu estava no ponto de ônibus e tava um homem olhando pra mim e eu já tava desconfiada, tava com vontade de perguntar o senhor quer me roubar? – risada – mas como tem muita gente (inaudível), aí ele foi chegando, foi chegando, [e disse] “a senhora, desculpe perguntar, a senhora é daqui?” É daqui como, de Aracaju? “Sim, é sergipana?” Sim, sou sergipana. “Tava te olhando, a senhora parece com uma pessoa que conheci na África”. Eu digo, **meus parente são todo de lá, ói a cor, não tá vendo não? Meus parente todo são africano.** (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 28 ago. 2015, Aracaju/SE).

De acordo com Pollak (1992, p. 203) “Locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo”.

O corpo foi a única fonte que nos restou - Beatriz Nascimento (2018) propõe enxergá-lo como documento que carrega memórias, as informações sobre o passado, sobre o continente de origem.<sup>109</sup> Em consonância, Stuart Hall (2003) afirma que essa “África” permanece viva através de suas reminiscência, por toda a parte, inclusive nos corpos negros,

---

<sup>109</sup> NASCIMENTO, Beatriz. Transcrição do Documentário Ori. In: \_\_\_\_\_. Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição. 1 ed. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. p. 326-340.

nos ritmos e no modo de falar. Mas afinal, o que restou da África após quase duzentos anos desde a travessia? Que “África” é essa?

Nas palavras de Beatriz Nascimento (2018, p. 327) é a “África negra, a África desconhecida”. Para Rosalina Santos a “África” é o local que ela originalmente pertence, é familiar porque ela carrega em seu corpo os fragmentos desse território - a herança genética presente no fenótipo e no seu biotipo. Características físicas como altura, os dentes brancos e a cor negra da sua pele são os aspectos elencados para afirmar sua identificação, principalmente com a África ocidental:

**Rosalina Santos:** Porque a Costa do Marfim é assim, negros elegantes, magros, esguio, são muito elegantes, negros e negras, elas sabem, sabem botar um coque assim na cabeça, um lenço bonito, são pessoas que gostam de se enfeitar, são pessoas que gostam de cores alegres, vermelho com amarelo, uma mistura! Cores alegres. Aquelas roupas bonitas! **Como gosto dos meus parentes! Gosto dos meus parentes. Se eu tivesse dinheiro, se eu fosse rica era onde eu ia dar um passeio, na África, principalmente na Nigéria** e em outros lugares assim. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 25 Ago. 2015, Aracaju/SE).

**Rosalina Santos:** É o único lugar que eu tenho vontade de ir.

**Edwyn Gomes:** Na África?

**Rosalina Santos:** É, na África ver meus parente.

**Edwyn Gomes:** Eu também tenho muita vontade minha prima.

**Rosalina Santos:** Agora, sei que eu não vou, eu posso ir mas não vou, na minha idade eu já vinha de volta. Uma pessoa da minha idade ou da idade da minha prima viajar pra outro país é muita maluquice. (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 12 mai. 2019, Aracaju/SE).

Ainda segundo Pollak (1992, p. 203) “A memória da África, seja dos Camarões ou do Congo pode fazer parte da herança da família com tanta força que se transforma praticamente em sentimento de pertencimento”. Sua identificação com a Costa do Marfim e a Nigéria são indícios que merecem atenção - por muito tempo africanos em Sergipe se identificavam como oriundos “da Costa”, é possível que essa referência à atual Costa do Marfim seja também uma referência à costa ocidental do continente africano.

Durante as entrevistas ela afirmou que não sabia nomes de ancestrais africanos, que isso havia se perdido no tempo, mas deduzia que alguns mais velhos fossem filhos de africanos. Numa dessas entrevistas ela recordou um ditado que seu pai costumava contar sobre um “africano da língua dura” :

**Edwyn Gomes:** Tava tentando lembrar do ditado, do africano...

**Rosalina Santos:** “Humm ! Faz um mingau, muié faz um **mingau beralio** pra mim se eu bébo” – risada – . Eu faço é duro, bem duro se num beber eu como. Meu pai

diz que é um mingau ou um angu? – risada – duro... – risada – . (Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 03 de Out. 2018, Aracaju/SE.)

Esse ditado que o seu pai costumava falar, suscita a possibilidade do seu pai Anthero ter convivido com africanos ou ter ouvido histórias sobre eles, como também nos revela a forma como africanos e africanas eram lembrados jocosamente pela dificuldade em falar algumas palavras, no caso do ditado - “muié faz um mingau beralio pra mim se eu bébo”. Talvez representações como esta tenham sido responsáveis pelo apagamento dos nomes dos ancestrais africanos, bem como o próprio sistema escravagista e a imposição do batismo, aliado às “dificuldades em se construir uma identidade socialmente positiva com base na vivência da escravidão”. (MATTOS, 2004, p. 54).

A própria palavra “angu”, é provável que tenha origem no yorùbá, na junção do prefixo “n” que dá sentido de gerúndio (ação em ocorrência) ao verbo “gún” que significa amassar, triturar, portanto “ngún” (pronuncia: un.gun) significa literalmente “amassando”. Feito através do milho batido ou moído, o angu era base da alimentação de muitos escravizados no Brasil.

Essa memória revela uma das marcas das africanidades que constituem a cultura brasileira e as linguagens, além de diversas outras palavras que inundaram o português falado no Brasil, é o que Lélia Gonzalez chama de “pretuguês”. (GONZALEZ, 1984).

Aqueles africanos escravizados que foram impedidos de utilizar seus nomes de origem e/ou não mantiveram seus nomes na memória de suas famílias, como é o caso da nossa família, tornaram a busca de informações sobre a origem familiar de muitos afro-brasileiros uma árdua missão. Esse processo de apagamento tem sido interrompido ou minimamente sanado através de exames de DNA que apontam a porcentagem das “eticidades” que compõem o material genético coletado e apresentam as regiões de origem.

Em busca das reminiscências, dos fragmentos dessa “África” ou “áfricas” presente na memória de Rosalina, decidi, com recursos próprios, adquirir um teste de DNA da marca israelense *MyHeritage*. Ela era a última, a única descendente viva que possuía a mesma ascendência do meu avô José Gomes dos Santos, os pais deles eram irmãos e as mães eram primas. (consultar gráficos genealógicos). O resultado do DNA dela foi muito revelador para mim e para muitos familiares nossos, todos ficamos entusiasmados. O processo durou cerca de três meses desde a compra, a coleta e o resultado final.

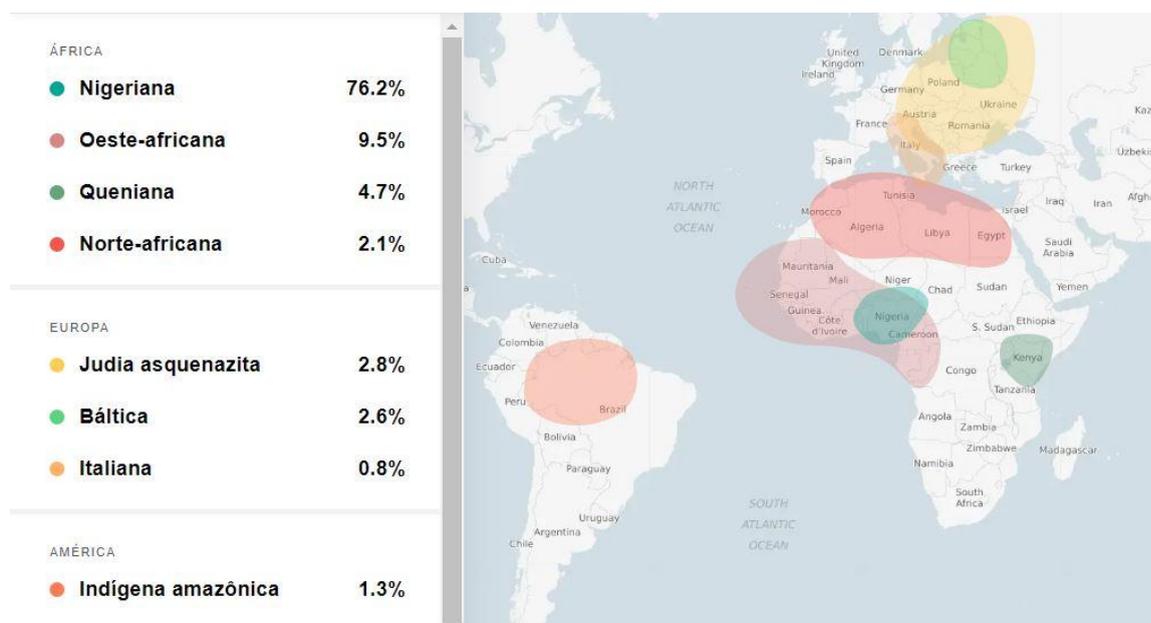
Em sociedades ocidentais e modernas como a que estamos inseridos, há quem duvide e até descredibilize a memória dos mais velhos e isso é ainda mais forte nos círculos acadêmicos, onde a “razão” e a “lógica” são extremamente requisitadas para a arte da História

como ciência. Mas já que analisamos sua memória, responsável por sua identidade, o que sua memória genética poderia nos revelar?

O laboratório do *Myheritage* sequenciou o material genético presente nas amostras coletadas por mim com um *swab* para identificar os milhares de marcadores genéticos no DNA de Rosalina. Uma vez sequenciado, os marcadores do DNA dela foram comparados com um banco de dados que contém padrões genéticos e informações de referência. O resultado do teste de DNA de Rosalina revelou que 92,5% do seu material genético tinha origem africana, dos quais 76,2% correspondiam à Nigéria, 9,5% eram da região oeste da África, 4,7% do Quênia e 2,1% norte-africana.

**Figura 23.** Composição Genética de Rosalina Santos.

Fonte: Acervo do autor.



O resultado do teste foi revelador para mim e para outros familiares que compartilhavam do mesmo desejo em descobrir nossas “origens”. Para Rosalina não foi nada novo - circunspecta, quando apresentei o resultado, ela recebeu sobriamente e respondeu “mas disso eu já sabia, não vê meus dotes?”. Sua reação foi mais reveladora que o resultado do DNA - lembrei que anos antes desse teste ela já havia revelado sua identificação com a África, em especial com a Nigéria e a Costa do Marfim, e o desejo de viajar para o continente africano.

Muitos afro-brasileiros têm recorrido aos testes de DNA para tentar completar ou dirimir as lacunas das suas histórias apesar dos resultados ambíguos e inconclusivos. De

acordo com Saidiya Hartman, autora de *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão* (2021), o tráfico de escravos africanos e o próprio sistema escravista sistematizou esse apagamento e por meio da racialização gerou entre os descendentes afroamericanos o sentimento de pertencimento coletivo e o profundo desejo de retorno à “terra-mãe”.<sup>110</sup>

Porém, como afirma Hartman, essa “terra-mãe” se um dia existiu, hoje não mais existe. A África que os nossos ancestrais conheceram não é a África dos tempos atuais, aliás, tamanha pluralidade, diversidade e desigualdade não nos permite afirmar a existência da “África” no singular, mas “áfricas”. Como toda e qualquer fonte, um teste de DNA é uma fonte passível de análises e comparações - sozinha ela se torna insuficiente para elucidar a questão da origem étnica já que somente na Nigéria existem cerca de 250 grupos étnicos.

Embora não seja elucidativo, o teste se configurou como importante vestígio, no presente estudo foi útil para complementar o trabalho com as fontes orais. Como visto ao longo desta dissertação, foram apresentados diversos elementos, práticas culturais rememoradas, mantidas nas memórias de Rosalina Santos sobre nossa família e que podem ser interpretados à luz do conceito de *africanidades brasileiras*, como “retrato de busca de soluções para a manutenção da vida física, de lembrança dos sabores da terra de origem”. (SILVA, 2005, p. 155-156).

De alguma forma a memória coletiva herdada por Rosalina Santos, foi parte responsável não só por sua memória pessoal, como também pela sua consciência histórica, por parte da sua identidade social e racial, além do seu sentimento de pertencimento, elementos suficientes para a construção de si e da sua África imaginada.

E o que é a *Africanidade*? Segundo Munanga (2009) é a reunião de diversos aspectos ou valores comuns às culturas da África sub-saariana, como por exemplo a relação de parentesco, a relação com a palavra e a força que elas carregam, as concepções sobre a morte, a iniciação, o casamento, o poder e a hereditariedade, enfim, traços e valores comuns às diversas sociedades da África negra.

Conforme Silva (2005, p. 156) “As africanidades vêm sendo elaboradas há quase cinco séculos, na medida em que os africanos escravizados e seus descendentes, (...), vão deixando nos outros grupos étnicos com que convivem suas influências”.

No caso de Rosalina Santos, poderíamos citar reminiscências ou africanidades na memória familiar herdada, nas relações de parentesco pautadas principalmente a partir dos ancestrais em comum, ou seja, pelo aspecto da família-linhagem, certas práticas do dia a dia,

---

<sup>110</sup> HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bazar do Tempo, 2021, p. 114.

como as tranças que sua madrinha Rufina fazia no seu cabelo, reconhecido por ela como “coisa de africano”.<sup>111</sup> A comida apimentada feita por sua avó Henriqueta e quem sabe a memória do sotaque do africano, imitado por seu pai. Ela sabia de onde vinha ou pelo menos imaginava.

A respeito do teste de DNA, 1,3% correspondeu à “etnicidade indígena amazônica”, enquanto as porcentagens referentes ao continente europeu (2,8% Judia Asquenazita; 2,6% Báltica e 0,8% italiana) - lembremos que a bisavó de Rosalina Santos, também chamada Rosalina, era filha de um branco amigo do senhor do Engenho Mouco.<sup>112</sup>

Se o seu sobrenome não lhe dizia muito a respeito de sua origem, essas memórias que Rosalina herdou, davam sentido e eram a base da sua negritude. É impossível afirmar que durante toda a sua vida Rosalina Santos manteve uma identidade fixa. Ao longo desse trabalho, pudemos apresentar as múltiplas facetas que formavam sua identidade. (HALL, 2000).

**Figura 24.** Rosalina Santos e o pesquisador Edwyn Gomes.  
Aniversário de 80 anos da nossa prima Maria de Lourdes Santos, 18 de Nov. 2017.  
Fonte: Acervo da família.



Essa era a sua forma para apresentar-se publicamente nas festas e nos encontros de família, sempre muito bem vestida e de peruca. Com vestido leve, calçada em sandálias e com lenço na cabeça, Rosalina Santos me recebia na sua residência, sentada no sofá da sala, no mesmo sofá em que tempos atrás recebia suas clientes ricas, rememorava os tempos, refletia sobre a vida e sobre a morte.

<sup>111</sup> Entrevista concedida ao autor por Rosalina Santos, 17 Jun. 2019, Aracaju/SE.

<sup>112</sup> ver no capítulo 1, o subcapítulo 1.2 - Família materna: “*A história começa por Vovó Brígida*”. (p. 45).

Mais de noventa anos de vida lhe fizeram perceber que a vida assim como o mundo da moda era aquilo que chamou de “roda-viva”.<sup>113</sup> Observando uma moça calçada num sapato muito parecido com o seu primeiro par de sapatos, Rosalina chegou a conclusão de que a moda era como uma “roda-viva”, ou seja, obedecia um ritmo cíclico e estava sempre retornando, mas sempre de forma diferente.

Sobre o tema da morte, sempre evocado, ela lidava com muita naturalidade, não demonstrava ter medo, e não poderia, mesmo porque teria enfrentado a morte antes, quando foi diagnosticada com fibroma e precisou fazer uma cirurgia para remover os seios - tema que ela não esmiuçou e nem eu quis aprofundar por perceber que se tratava de um tema muito delicado e íntimo. De acordo com alguns familiares, quase ninguém soube dessa cirurgia na época.

A sua postura, de pernas cruzadas enquanto “fitava o passado”, revelava a sua elegância. Afirmando ser “a matriarca da família”, Rosalina Santos exercia a sua função social e a sua autoridade como sujeita que lembra, até então na condição de mais velha da nossa família, portadora de suas próprias memórias individuais e daquelas memórias coletivas remotas aprendidas com os nossos mais velhos.

Após às 17h quando retornavam do trabalho, os conhecidos, amigas e vizinhos geralmente paravam na porta dela para saber como estava, geralmente estranhavam vê-la de porta aberta e a luz da sala acesa. Apareciam para saber se estava tudo bem e nos viam sentados conversando.

**Figura 25.** Rosalina Santos na sala da sua casa, durante uma entrevista em 2015. 22 dez. 2015. Fonte: Acervo pessoal.



---

<sup>113</sup> SANTOS, Rosalina. 94 anos. 05 jul. 2019, Entrevistador: Gomes, Edwyn. Aracaju/SE.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Rosalina teve uma infância movimentada entre Divina Pastora e Aracaju, transitando entre o rural e o urbano, o que proporcionou muitos aprendizados. Os primeiros anos de sua vida foram marcados pela sabedoria dos mais velhos, demonstrando que seu processo educacional não se restringiu à escola, mas perpassou pela família. No convívio com os pais, os tios, a madrinha e as avós ex-escravizadas, ela adquiriu consciência sobre si e sobre os seus.

Suas primeiras experiências com a educação formal foram traumáticas - no alto dos seus mais de noventa anos de vida ela recusava-se esquecer a violência física sofrida durante sua alfabetização. Podemos inferir que a relação de compadrio a beneficiou uma vez que lhe garantiu aprender um ofício para além dos engenhos de açúcar. Sua madrinha foi fundamental na sua formação como costureira, profissão que aprendeu brincando ainda menina. Além de lhe instruir, Rufina foi responsável por matriculá-la numa escola de qualidade, colocando-a em contato com algumas daquelas que seriam as suas futuras clientes.

Conforme apresentado, seu processo educacional teve forte influência da ordem republicana vigente, como também das políticas educacionais da era Vargasista. Embora o período sob o comando de Getúlio Vargas tenha sido interpretado por alguns como marco de novos tempos, devido às garantias trabalhistas, o presente estudo pôde analisar as condições da realidade desigual vivida por mulheres negras na periferia de Aracaju, revelando a dupla jornada de trabalho e as condições precárias de trabalho, saúde e habitação.

Na realidade Aracaju não era assim tão “romântica”, na prática a cidade dispunha de um “código” para segregar os contingentes negros, pobres e migrados do interior. Sem acesso a luz, distribuição de água e higiene precária, sem falar nos bondes que viviam quebrando, eram obrigados a habitar as margens da cidade.

O estudo sobre as experiências de Rosalina Santos, Maria de Lourdes Santos e demais sujeitos negros e negras, nos ajudam a refletir sobre esse período após abolição como também sinalizam um contraponto ao mito da “democracia racial” .

Diante do que foi apresentado, pode-se inferir que de maneira tácita ou explícita, houve uma permanência da mentalidade escravista e a continuidade de condutas racistas em algumas relações de trabalho. A fuga dos estigmas e o seu silêncio revelaram-se estratégias para driblar a violência , o “preconceito de cor” e assim manter-se como profissional requisitada.

O presente estudo evidencia o potencial das fontes orais para o campo do pós-abolição em Sergipe. Através das memórias de Rosalina pudemos identificar elementos que eram base da sua identidade e do seu sentimento de pertencimento - evocando vestígios e africanidades experimentadas e aprendidas com nossos mais velhos, pudemos pressupor que as memórias coletivas herdadas por ela foram suficientes para sua percepção de origem.

Longe de serem “anômicos” como a historiografia tentou imprimir - mantendo relações de parentesco e proximidade mesmo após migração e estabelecendo entre os seus relações mútuas de ajuda e negociando meios para empreender, a escrita sobre sua história de vida é um retrato do pós-abolição em Sergipe e as diversas facetas vividas, experimentadas por negros e negras, sobretudo na periferia de Aracaju.

## FONTES

### *Entrevistas Orais*

GOMES, Samuel Costa. 66 anos. Junho/2016. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Nossa Senhora do Socorro, Sergipe. 17 Jun. 2016.

SALES, Joselita Araujo. Sobre Etodeia Araujo de Menezes. Whatsapp: Conversa com Joselita. 06 de Abril de 2022.

SANTOS, Maria de Lourdes dos. 96 anos. Julho/2018. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Aracaju, Sergipe. 27 Jul. 2018.

\_\_\_\_\_. 96 anos. Julho/2018. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Aracaju, Sergipe. 10 Dez. 2018.

\_\_\_\_\_. 97 anos. Maio/2019. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Aracaju, Sergipe. 17 Jun. 2019.

\_\_\_\_\_. 97 anos. Julho/2019. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Aracaju, Sergipe. 05 Jul. 2019.

\_\_\_\_\_. 100 anos. Junho/2022. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Aracaju, Sergipe. 01 Jun. 2022.

SANTOS, Rosalina. 90 anos. Maio/2015. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Aracaju, Sergipe. 12 Mai. 2015.

\_\_\_\_\_. 90 anos. Agosto/2015. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Aracaju, Sergipe. 25 Ago. 2015.

\_\_\_\_\_. 90 anos. Agosto/2015. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Aracaju, Sergipe. 28 Ago. 2015.

\_\_\_\_\_. 90 anos. Outubro/2015. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Aracaju, Sergipe. 26 Out. 2015.

\_\_\_\_\_. 90 anos. Novembro/2015. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Aracaju, Sergipe. Nov. 2015.

\_\_\_\_\_. 90 anos. Dezembro/2015. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Aracaju, Sergipe. 22 Dez. 2015.

\_\_\_\_\_. 90 anos. 2016. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Aracaju, Sergipe. 2016.

\_\_\_\_\_. 90 anos. Março/2016. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Aracaju, Sergipe. 17  
Mar. 2016.

\_\_\_\_\_. 93 anos. Julho/2018. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Aracaju, Sergipe. 13  
Jul. 2018.

\_\_\_\_\_. 93 anos. Julho/2018. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Aracaju, Sergipe. 27  
Jul. 2018.

\_\_\_\_\_. 93 anos. Outubro/2018. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Aracaju, Sergipe. 03  
Out. 2018.

\_\_\_\_\_. 94 anos. Maio/2019. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Aracaju, Sergipe. 12  
Mai. 2019.

\_\_\_\_\_. 94 anos. Junho/2019. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Aracaju, Sergipe. 17  
Jun. 2019.

\_\_\_\_\_. 94 anos. Junho/2019. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Aracaju, Sergipe. 18  
Jun. 2019.

\_\_\_\_\_. 94 anos. Julho/2019. Entrevistador: GOMES, Edwyn. Aracaju, Sergipe. 23  
Jul. 2019.

### ***Registros de Batismos***

Livro de Batismos da Igreja Matriz de Divina Pastora 1876-1892. Agripina. folha 52.

Livro de Batismos da Igreja Matriz de Divina Pastora 1876-1892. Anthero. folha 45.

Livro de Batismos da Igreja Matriz de Divina Pastora 1876-1892. Adelaide. folha 50

Livro de Batismos da Igreja Matriz de Divina Pastora 1876-1892. Raymundo. folha 33.

Livro de Batismos da Igreja Matriz de Divina Pastora 1876-1892. Esméria. folha 32.

Livro de Batismos da Igreja Matriz de Divina Pastora 1876-1892. Serafina. folha 57.

Livro de Batismos da Igreja Matriz de Divina Pastora 1923-1928. Rosalina. nº 36, folha 43.

Livro de Batismos da Igreja Matriz de Divina Pastora 1910-1918. Ermita. nº 41.

### ***Registro de Matrimônio***

Livro de Matrimônio da Igreja Matriz de Divina Pastora 1927-1938. Agripina e Anthero. nº 13.

Livro de Matrimônios da Igreja Matriz de Divina Pastora 1864-1888. Manoel e Henriqueta, (29/11/1873) f. 50.

Livro de Matrimônios da Igreja Nossa Senhora da Conceição (1941-1949). José dos Santos e Maria de Lourdes dos Santos,(28/07/1945) f. 158, nº 69.

### ***Registro de óbito***

Livro de Óbitos da Igreja Matriz de Divina Pastora 1879-1882. Brígida. f.16

### ***Inventários***

AGJES, Cartório de Estância, cx. 15/495, 02/03/1825. Inventário post-mortem de Brigadeiro Guilherme José Nabuco de Araújo.

AGJES, Cartório Aracaju, 1919-1920, caixa A30<sup>2</sup>. Inventariada: Maria Rosalina de Jesus.

### ***Jornais***

Jornal de Sergipe. Aracaju, 23 de Out.1880. p. 4.

Jornal O Estado de São Paulo. São Paulo, 15 de Mai. de 1892, p. 01.

Sergipe-Jornal. Aracaju. 05 de jan. 1949. p. 01.

Sergipe-Jornal. Aracaju. 07 de mar. 1949. p. 01.

Sergipe-Jornal. Aracaju. 05 de jul. 1949. p. 01.

Sergipe-Jornal. Aracaju. 13 de out. 1951. p. 01.

Sergipe-Jornal. Aracaju. 25 de out. 1951. p. 01.

### ***Outras fontes***

BRASIL, Arquivo da Irmandade de São Benedito, Agripina Maria da Conceição, Caixa Fichas de Inscrição, nº 38. Aracaju, 09 out.1949.

ARACAJU (SE). Registro de Imóveis do Estado de Sergipe. Registrado no Livro de Transcrição nº 4493. Registro em: 14 dez. 1936.

Evolução e perspectivas da mortalidade infantil no Brasil / IBGE, Departamento da População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 1999. 45 p.

MELINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi** / Murillo Melins. Aracaju: UNIT, 2000. 150 p.

FONTES, Amando. **Os Corumbas**. - 22. ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

## BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (org.). Fontes Orais. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

ALBUQUERQUE, Wlamyra. “**A vala comum da ‘raça emancipada’: abolição e racialização no Brasil, breve comentário**”. *História Social*, n. 9, 2010, pp. 91-108.

ALENCAR, Aglaé Fontes de. São João dormiu, São Pedro acordou. In: **São João Dormiu, São Pedro acordou**./Aglaé Fontes de Alencar [coord.] Aracaju, SE: Sec. FUNDESC; J. Andrade, 1994. 106p. ilustr. (Série Memória Volume III).

ALVES, Ana Elizabeth Santos; CUNHA, Tânia Rocha Andrade. “**LIVRO DE COSTURA SINGER**”: **Fonte Documental Para Os Estudos Sobre Trabalho E Gênero**. *Revista HISTEDBR* [online], Campinas, n. Especial, p.293-304, mai. 2009.

AMARAL, Sharyse Piroupo do. **Um pé calçado, outro no chão : liberdade e escravidão em Sergipe (Cotinguiba, 1860-1900)**/ Sharyse Piroupo do Amaral ; prefácio, Walter Fraga. - Salvador : EDUFBA ; Aracaju : Editora Diário Oficial, 2012. 354 p.

ANDREWS, Geoge Reid, 1951 – **Negros e brancos em São Paulo, (1888-1988)** / George Reid Andrews; tradução : Magda Lopes; revisão técnica e apresentação Maria Lígia Coelho Prado. – Bauru, SP: EDUSC, 1998.

ANTÔNIO, Edna Maria Matos. **A independência do solo que habitamos: poder, autonomia e cultura política na construção do império brasileiro, Sergipe (1750-1831)**. - São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

ARIZA, M. B. Crianças/Ventre Livre. In: **Dicionário da Escravidão e Liberdade: 50 textos críticos**/ Lilia Moritz Schwarcz e Flávio dos Santos Gomes(Orgs.) - 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

AVELINO, Camila Barreto Santos. **Novos Cidadãos: trajetórias, sociabilidade e trabalho em Sergipe após a abolição (Cotinguiba 1888 – 1910)**. 2010. 160 f.

\_\_\_\_\_. **Os Sentidos da Liberdade: Trajetórias, abolicionismo e Relações de Trabalho no Vale do Cotinguiba no Pós-Abolição (Sergipe, 1880 – 1930)**. Niterói, 2018. 293 f.

\_\_\_\_\_. **Trabalhadores do Vale: Migração negra e experiências de trabalho em Sergipe no Pós-abolição**. In: **Do cativo à cidadania : o pós-abolição em Sergipe** [recurso eletrônico] / organizador : Petrônio Domingues. - São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2022.

BARROS, José D'Assunção. **História Comparada – um novo modo de ver e fazer a história**. in: Revista de História Comparada Vol.1, nº1 (2007).

BENTO, Maria Aparecida S. 1994. A mulher negra no mercado de trabalho n.2 p.479-488. Rio de Janeiro : *Revista Estudos Feministas*, 1994.

BERGER, Miguel André. **Igreja X Educação: o papel do Colégio Nossa Senhora de Lourdes na formação da elite feminina**. in : Cadernos de História da Educação - nº. 3 - jan./dez. 2004. p. 147-154.

BEZERRA, Felte. **Etnias Sergipanas: contribuições ao seu estudo**. Aracaju: J. Andrade, 1984 ( Coleção Estudos Sergipanos).

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Tradução: André Telles. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. 159 p.

BOURDIEU, Pierre Bourdieu, “A ilusão biográfica”. in: Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras. *Usos e abusos da história oral /* - 5 ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. (p. 190).

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o poder simbólico**. In: BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Trad. Fernando Tomaz. 2ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 7-16.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos / Ecléa Bosi**. - 2 ed. - São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CARDOSO, Amâncio. Uma Geografia da Morte: roteiro do cólera por Sergipe, 1855-1856. in: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, vol. 33, pp.209-236, 2000-02.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

DANTAS, Orlando Vieira. Vida Patriarcal de Sergipe / Orlando Vieira Dantas. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. (Coleção Estudos Brasileiros, v. 74)

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** / Angela Davis ; tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016.

DE BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo fatos e mitos.** [tradução: Sérgio Millet] Difusão Européia do Livro, São Paulo, 4ª ed. 1970, 309 p.

DINIZ, Diana Maria de Faro Leal, coordenadora; Dantas, Beatriz Góis...[et al.] . **Textos para História de Sergipe.** 2. ed. - São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: IHGSE, 2013. 356 p.

DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil. Diálogos Latinoamericanos , Dinamarca, v. 10, n.10, p. 117-132, 2005.

\_\_\_\_\_. Um “templo de luz”! - A Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 13, n. 39, 2008, p. 517-534 [São Paulo].

\_\_\_\_\_.**Protagonismo negro em São Paulo: história e historiografia** / Petrônio Domingues. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019. 172p.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon ; tradução de Renato da Silveira. - Salvador : EDUFBA, 2008. p. 194

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: (o legado da “raça branca”)**, volume 1/ Florestan Fernandes. Prefácio Antônio Sérgio Alfredo Guimarães - 3. e. - São Paulo: Globo, 2008. (Obras reunidas de Florestan Fernandes).

FERRAZ, Francisco César. **Os brasileiros e a segunda guerra mundial.** Rio de Janeiro : J. Zahar, 2005.

FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da liberdade: Histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)** - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal; apresentação de Fernando Henrique Cardoso.** - 48ª ed. rev. - São Paulo: Global, 2003.

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil.** 32. ed. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 2003.

FUNKENSTEIN, Amos. **Collective Memory and Historical Consciousness.** History and Memory, Tel-Aviv University, 1 (1), 1989.

GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX** / Flávio dos Santos Gomes. - Ed. rev. e ampl. - São Paulo: Companhia das Letras, 2006,

GOMES, F. S. ; PAIXÃO, M. . **Histórias das Diferenças e das Desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão. raça e pós-emancipação.** Revista Estudos Feministas (UFSC. Impresso) , v. 16, p. 949-964, 2008.

GONZALES, Lélia. **Racismo e Sexismo na cultura brasileira.** IN: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GINZBURG, Carlo. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário.**(p. 143-179). IN: Mitos, emblemas, sinais : morfologia e história; tradução : Federico Carotti. - São Paulo: Companhia das Letras, 1989

GUARANÁ, Manuel Armindo C. **Dicionário bio-bibliográfico sergipano.** Rio de Janeiro: Pongetti & C., 1925.

HALL, Stuart. HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis,RJ: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais** / Stuart Hall; Organização

Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... 1 et all. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. 434p.

HALEY, Alex. **Negras Raízes**. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Editora Record - Rio de Janeiro/São Paulo - 5ª ed.

HOOKS, Bell. **Ain't I a woman? Black women and feminism**. Cambridge: South End Press. 1ª edição 1981, Tradução livre para a Plataforma Gueto. Janeiro 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios do racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: editora Cobogó, 2019.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. in: A Escrita da história: novas perspectivas / Peter Burke (org.); tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. (pp. 133-161).

LEVI, Giovanni. **Os usos da biografia**. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, p.167-182, 1998.

LARA, Silvia Hunold. **Blowin in the Wind: E. P. Thompson e a experiência negra no Brasil**. Projeto História, São Paulo, n. 12, 1995, p. 43-75.

MACHADO, M. H. P. T. **Em torno da autonomia escrava: uma nova direção para a história social da escravidão**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 143-160, 1988.

MATTOS, Hebe ou CASTRO, H. M. M. ; RIOS, A. M. L. . **O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas**.IN: Topoi (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 5, p. 170-198, 2004.

MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem: fotografia e história interfaces**. IN: Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 73-98.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de, “A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais”, in: *Rev. Inst. Est. Bras.* - SP, 1992.

MOLET, Claudia Daiane Garcia. **O Litoral Negro do Rio Grande do Sul: campesinato negro, parentescos, solidariedades e práticas culturais (do século XIX ao tempo presente)**. - São Leopoldo: Oikos, 2020. 272 p.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, em 5 nov. 2003.

\_\_\_\_\_. **Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações**. São Paulo: Global. Acesso em: 03 jul. 2023. 2009.

NASCIMENTO, E. L. (Org.). **A matriz africana no Mundo**. 1. ed. São Paulo: Selo Negro Edições, 2008. vol.1, 267p.

NASCIMENTO, Maria Beatriz, 1942-1995. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias da destruição**. Maria Beatriz Nascimento. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. 488p p. 1ª ed.

\_\_\_\_\_. **Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos**; organização: Alex Ratts. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NETO, Amâncio Cardoso dos Santos. “Aracaju No Tempo Do Bonde: Entre História E Memórias, 1908–1950”. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe 2, no. 48 (outubro 22, 2019): 297-313. Acessado fevereiro 1, 2023. <https://seer.ufs.br/index.php/rihgse/article/view/12440>.

NORA, Pierre. **Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, nº 10, dez. 1993. p. 7-28.

OLIVEIRA, Cândida Santos de. **A História da Fotografia em Sergipe a partir das memórias em torno do Lambe-Lambe**. (TCC). Departamento de História. Universidade Federal de Sergipe. 2016. 31p.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história** / Michelle Perrot :tradução Viviane Ribeiro. – Bauru, SP: EDUSC, 2005. 520 p.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: RÉMOND, René (org.). Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

\_\_\_\_\_. **Memória e identidade social.** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol 5 , n. 10, p. 200-215, 1992.

PRIORE, Mary del. **Biografia: quando o indivíduo encontra a história.** In: Topoi, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 7-16.

\_\_\_\_\_. **A criança negra no Brasil.** In: JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. Diálogos em psicologia social [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 232-253.

\_\_\_\_\_. **À procura deles: quem são os negros e mestiços que ultrapassaram a barreira do preconceito e marcaram a história do Brasil, da Colônia à República.** - São Paulo: Benvirá, 2021. 320 p.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de Beatriz Nascimento.** São Paulo: IMESP, 2006.

REIS, Isabel Cristina Ferreira dos . **“Família escrava”.** In: SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES & Flávio dos Santos (orgs.). (Org.). Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos. 01ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, v. 01, p. 225-229.

REIS, D. C. ; FERNANDO, S. M. C. . **Os Grupos Escolares Sergipanos como Símbolo do Progresso.** In: Simpósio Internacional de Educação e Comunicação e VI Seminário Hispano-Brasileño de Investigación en Información, Documentación y Sociedad, 2017, Aracaju-SE. v. 8. p. 1-10.

REMOND, René. **O Século XX de 1914 aos nossos dias.** Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo – Editora Cultrix, 1974. 207 p.

RIOS, Ana Lugão. **Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós abolição.** / Ana Maria Lugão Rios, Hebe Maria Mattos. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. **O “pós abolição” como problema histórico.** IN: Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição / Ana Maria Lugão Rios, Hebe Maria Mattos. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

RODRIGUES, Ricardo Santos. **ENTRE O PASSADO E O AGORA: Diáspora Negra e Identidade Cultural**. IN: Revista EPOS; Rio de Janeiro – RJ; Vol.3, nº 2, julho-dezembro de 2012. p. 1-17.

SANTOS, Joel Rufino dos. **A Inserção do Negro e seus Dilemas**. IN: Parcerias Estratégicas, nº 6, março/1999. p. 110-154.

SILVA, José Bento Rosa da. **Família Cazumbá: as peculiaridades dos descendentes de africanos nos últimos anos da escravidão e no pós-abolição** (Recôncavo da Bahia - C. 1879-2015) - Itajaí, SC: Casa Aberta; Recife: Ed. UFPE, 2018.

SLENES, Robert W. **Na senzala uma flor - Esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX**. - 2ª ed. corrig. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

\_\_\_\_\_. **Escravidão e família: padrões de casamento e estabilidade familiar numa comunidade escrava**. Campinas, século XIX. **Estudos Econômicos**. São Paulo: 17(2), 1987.

SOUSA, Clotildes Farias de. **A Liga Sergipense Contra o Analfabetismo**. – Aracaju: Edise, 2016. 148 p.

SOUZA, Amaury de. **Raça e política no Brasil urbano**. Revista de Administração de Empresas [online]. 1971, v. 11, n. 4 [Acessado 10 Novembro 2021] , pp. 61-70. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-75901971000400006>>. Epub 28 Maio 2015. ISSN 2178-938X. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901971000400006>.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo**. 2008. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social** / Neusa Santos Souza. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. 88 p.

SOUZA NETO, Edvaldo Alves. **“Ô levanta nego, cativo se acabou”**: experiências de libertos em Sergipe durante o pós-abolição (1888-1900) / Edvaldo Alves de Souza Neto; orientador Petrônio José Domingues. – São Cristóvão, 2016. 183 f

\_\_\_\_\_. **Saindo das senzalas, mas não da história: libertos em Sergipe no pós-abolição (1888-1900)** – São Cristóvão: Editora UFS, 2017.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros, uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1981. p. 180-200.

XAVIER, Gioavana; FARIAS, Juliana Barreto Farias; GOMES, Flávio (orgs.). **Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação**. – São Paulo: Selo Negro, 2012.

MOTT, Luiz. **Sergipe del Rey; população, economia e sociedade**. Aracaju: FUNDESC, 1986.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. **Autoetnografia: uma alternativa conceitual**. in: Letras de Hoje. Porto Alegre. v. 37, nº 4, p. 57-72, dez. 2002.